



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

EDNA MÁRCIA PEREIRA NASCIMENTO

VILA TRÊS PODERES: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, JUVENTUDE E
TRABALHO.

MARABÁ – PA

2019/2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

EDNA MÁRCIA PEREIRA NASCIMENTO

VILA TRÊS PODERES: JUVENTUDE, HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E TRABALHO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para o curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo. Ênfase/Habilitação em Linguagens Literatura e Artes Faculdade de Educação do Campo, do Instituto de Ciências Humanas, Universidade do Sul e Sudeste do Pará, sob orientação do Prof. Dr. Hiran de Moura Possas.

MARABÁ – PA

2019/2

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Biblioteca Setorial
Campus do Tauarizinho da Unifesspa**

Nascimento, Edna Márcia Pereira

Vila Três Poderes: juventude, histórias, memórias e trabalho / Edna Márcia Pereira Nascimento ; orientador, Hiran de Moura Possas. — Marabá : [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. População Rural – Marabá (PA). 2. Posse da terra – Narrativas pessoais. 3. Educação rural. 4. Vila Três Poderes - Marabá (PA). I. Possas, Hiran de Moura, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 305.563098115

EDNA MARCIA PEREIRA NASCIMENTO

VILA TRÊS PODERES: JUVENTUDE: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E
TRABALHO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para o curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo. Ênfase/Habilitação em Linguagens Literatura e Artes Faculdade de Educação do Campo, do Instituto de Ciências Humanas, Universidade do Sul e Sudeste do Pará.

Data de Aprovação: __/__/__

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Hiran de Moura Possas

Examinador 1: Prof. Dra. Maria Cristina Macedo Alencar

Examinador:

Conceito:

DEDICATÓRIA

A Deus que nos criou, que nos mantém.
A minha família que não permite que eu
desista e sempre está comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou meu caminho nesta jornada.

Agradeço a todos os professores do curso que foram tão importantes no percurso acadêmico, em especial ao professor Hiran de Moura Possas meu orientador, que pacientemente me instruiu na construção desse trabalho.

Também aos meus pais que acreditaram no sonho acadêmico e estiveram comigo durante toda vida. E que com cuidado e dedicação me dão segurança e certeza que nunca estarei sozinha. Sou imensamente grata as minhas irmãs Kenia parceira de estudos e noites de pesquisa, e a Berenice parceira de consultoria e desabafos, sem vocês a trajetória séria muito difícil. Aos meus filhos pelos abraços e carinho, minha fonte de esperança e constante motivação.

Por fim, agradeço ao curso de Educação do campo que me concedeu a mais rica experiência que pude ter na vida a respeito da valorização do ser humano, da vida e do tempo.

RESUMO

A pesquisa evoca aspectos da luta, para ocupação de espaços sociais, do PA Gabriel Pimenta (Vila Três Poderes). Parte-se da problemática dos porquês algumas memórias da luta pela terra são ignoradas/desconhecidas pelos mais jovens da comunidade? Metodologicamente, leituras de aportes teóricos de escritores que se debruçaram sobre assuntos, como memórias e identificações, como Delgado (2002), Portelli (2010), Benjamim (1994), Hall (2002), trarão a tona como a comunidade vem construindo sua história e como as narrativas orais contribuem para o reconhecimento de um identificador sócio histórico. Ressalta-se que a realização de entrevistas, compreendidas como experiência dialógica, com os moradores subsidiará o resultado esperado dessa pesquisa que se constitui na rememoração de fatos históricos recorrentes do surgimento da comunidade das lutas para conquista do espaço territorial, da formação sócio cultural até os dias de hoje a partir das narrativas orais de moradores da comunidade e com isso tentar suscitar nos participantes da pesquisa reconhecimento de suas origens campesinas principalmente nos mais jovens que desconhecem parte do seu legado histórico.

Palavras Chave: Memórias, narrativa orais, Vila Três Poderes, Escola Adão Machado da Silva e Educação do Campo.

Sumário

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	10
1 HISTORIA NARRATIVAS E MEMÓRIA: A ORALIDADE EM TEMPOS DE GUERRA EM TEMPOS DE PAZ.....	24
1.1 VILA TRÊS PODERES.....	32
1.2 SUSTENTABILIDADE E RENDA.....	36
1.3 A ESCOLA - VAMOS FAZER O COLÉGIO? VAMOS, COMO QUE FAZ? 42	
1.4 REMEMORAR É RECONSTRUIR.....	52
1.5 A MEMORIA E SUAS ESTAÇÕES.....	54
1.6 MEMORIA E ESQUECIMENTO.....	59
1.7 RELAÇÕES CONVERGENTES.....	67
1.8 O ASSENTAMENTO GABRIEL PIMENTA.....	70
1.9 DEPOIS DA LONA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA COMUNIDADE.....	72
1.10 DA PALHA AO CONCRETO: ESCOLA ADÃO MACHADO.....	73
1.11 PASSADO PRESENTE E FUTURO.....	76
1.12 QUANTO VALE SUA HISTORIA?.....	78
2 A TRADIÇÃO ORAL E OS PARADOXOS DO ENSINO APRENDIZADO NA VILA TRÊS PODERES.....	80
3 ENTRE O PROPOSTO E O REALIZÁVEL:.....	96
ANEXOS.....	108

LISTA DE FIGURAS

Foto 1. Fonte: Acervo Pessoal – Aspecto interior das moradia época do acampamento 2001	27
Foto 2 Fonte: Nascimento 2002 – Primeiras Construções do P.A.....	27
Foto 3 Primeiras estradas do PA Fonte: PDA PA Gabriel Pimenta 2001 ..	28
Foto 4 Primeiras estradas do PA Fonte: Nascimento 2003	29
Figura 5 - Casa Construída pelo INCRA PA Gabriel Pimenta Fonte: Silva 2009.....	31
Foto 6 Nascimento 2014 - Reunião da Comunidade na Escola	34
Foto 7 Fonte: Google Mapas - Visão Satélite da Vila Três Poderes. Acessado em 21/06/2015	35
Foto 8 Primeiras Plantações no P.A. Fonte: Nascimento 2003.	37
Foto 9 Produção leiteira, fonte de renda da região Fonte: Santana 2017 .	39
Foto 10 Colheita do Açaí. Fonte: Gomes 2019.....	41
Figura 11 Esc. Adão Machado - Estrutura Inicial Fonte: Gomes 2004	42

INTRODUÇÃO

Quando ainda era criança mamãe nos apresentou o mundo através de histórias, a luz do fogão de lenha ou no terreiro iluminados pela Lua. Ali aquelas almas infantis com olhinhos sedentos conheciam reinos, personagens, ações e sentimentos. Algumas histórias eram contadas de memória, memórias de outros tempos, porque mamãe também foi criança; outras histórias eram lidas num livro grande, cheio de páginas, de figuras, não me lembro do nome, mas me lembro de mamãe guarda-lo como tesouro precioso, nele morava sonhos, aspirações, sorrisos, lágrimas, sentimentos.

Nossa mãe através das histórias imprimia em nós a curiosidade, a criatividade, o desejo de saber e ser. Saber ler para continuar a leitura mesmo depois que ela cansava ser a contadora das histórias para sentir nos olhos dos demais a alegria de repartir aquele mundo fantástico. Mamãe quis repartir conosco o dom que tinha e começava assim o ensino das primeiras letras, mas ela não era uma professora dessas que vemos por aí, não, não, era criativa, inovadora, surpreendente. Lembro bem do seu jeitinho de ensinar, quando olhando para o balanço, daqueles que se amarra uma corda no meio de um pedaço de madeira ela falava – Olhe aquele é o T, vendo nossos olhos confusos ele continuava - Vocês não estão vendo porque precisam olhar de ponta cabeça. Então plantávamos bananeira e víamos o improvável T, como esquecer essa lição? Ou como esquecer as continhas catando feijões? Como não lembrar os processos químicos quando ela ao misturar a banha ao álcool na produção de sabão caseiro avisava, é preciso ter cuidado na mistura, cada ingrediente é essencial, mas deve se colocar a quantidade certa. E porque aqui a história de uma mãe é relevante, porque vale lembrar que o aprender é constante, que a curiosidade dos pequenos bem orientados com criatividade e valorizando seu meio e suas vivências são fundamentais nos processos de aprendizagem. Foi ainda criança que encontrei no ensino minha vocação. Na infância eu quis conhecer o desconhecido, e o que melhor para fazer isso que ler? Não só ler livros, ler pessoas, ler situações ler momentos e depois das leituras levarem a outras crianças o mundo fascinante que mora em cada uma delas. E como fazer isso? Imitando minha mãe, minha primeira professora, a intelectual orgânica daquele casebre chamado de lar.

Vários fatores corroboravam para que o ensino não escolar de casa fosse fundamental nas escolhas que fizemos relacionadas à nossa formação. Todas as quatro filhas escolheram o ensino, porque acreditamos e nos encantamos pelo modo de ensino multidisciplinar que aliava aspectos da nossa vida cotidiana no campo, ao aprendizado, pois este não era um fardo imposto, entranhado de teorias estranhas, os números se encaixavam perfeitamente na resolução de problemas diários, e as letras nos ajudavam a compreender o mundo e a vida numa espécie de ciclo de aprendizagem contínua.

As histórias contadas na minha infância, pela minha mãe, através de suas narrativas que intercalavam entre contos de fantasia a histórias dos nossos avós que se compunham por vezes de fatos históricos, de invencionices, de mitologia, e tinham uma abordagem poética na entonação da voz, na musicidade, e nas continuidades diárias de cada relato e nos horários e locais estrategicamente escolhidos para que surtisses os efeitos desejados. Histórias contadas e recontadas muitas vezes, e a cada vez ela adquiria um significado novo ou trazia uma revelação outra perspectiva outros sentimentos. Como criança estes aspectos tornava-me uma assídua expectadora dessas narrativas que diariamente eram ouvidas, assimiladas e iriam posteriormente torna-me quem sou, pois as narrativas continham algo mais que histórias, continha valores, princípios e credences.

Logo na infância é despertada em nós a curiosidade, o desejo de ver e sentir aquilo que não conhecemos. Esse despertar pode ser interno, um meio que o próprio ser buscou para se conhecer e reconhecer seu meio e externo através de incentivos dos seus pares e das circunstâncias que o cerca. Assim temos delineado o cenário da infância, onde damos nossos primeiros passos rumo ao desconhecido e somos amparados e guiados por nossos primeiros orientadores, nossos pais, a partir daí damos continuidade a um ciclo histórico de experiências, vivências e aprendizado.

Quando nos propusemos a pesquisar as narrativas que rememoram as origens sociais da comunidade, nos deparamos como questionamentos de como faríamos isso, qual estratégias usaríamos, e qual seria o foco principal da pesquisa, então nos debruçamos sobre as obras que nos dariam uma visão panorâmica de assuntos que se relacionasse a temática das narrativas e encontramos alguns autores que nos foram muito uteis nessa busca. A partir dessas leituras consideramos ater nossa atenção às histórias orais.

A História Oral desenvolveu-se inicialmente como uma estratégia para dar voz a personagens sociais com baixo índice de participação na construção da memória coletiva. Foi assim que, no pós-Segunda Guerra Mundial, os historiadores começaram, cada vez mais, a entrevistar pessoas do povo que tendiam a não ser lembradas pelos livros e pelos espaços de memória, mas que tinham algo a dizer sobre sua visão de mundo, suas experiências de vida, sua percepção da realidade. Este “algo a dizer” falava-nos sobre usos e costumes, sobre experiências não registradas em páginas e em documentos, sobre afetos e sentimentos que, de alguma forma, adquiriam universalidade e passavam a ter importância não mais apenas para aquele indivíduo isolado, mas para segmentos expressivos da sociedade. (Manual da história oral, pag. 06).

Nossa pesquisa teve início em 2015 a época do primeiro tempo comunidade houve o primeiro contato com as narrativas dos remanescentes da ocupação da Fazenda Três Poderes palco do nosso objeto de estudos. Para embasar nossa pesquisa utilizamos como aporte teórico autores que estudam a construção da oralidade, os conceitos de narrativas e memória: Delgado (2002), Amorim (2002) e Portelli (2010) entre outros.

As histórias ou os relatos históricos de determinada sociedade é resultado de ações individuais e coletivas de sujeitos que convivem em sociedade, e a perspectiva de cada narrador tecem histórias sobre suas origens. No entanto com o passar dos anos as narrativas vão ganhando novas perspectivas ou se perdendo no tempo, e quando nos dias de hoje se pensa em dar vozes às histórias e tradições passadas nos encontramos em um dilema, pois o tempo em que vivemos cultuado pela era das máquinas, dos computadores com sua memória artificial em gigas dispensa a antiga tradição oral de passar aos filhos as histórias dos antepassados sentados à volta da fogueira cantando seus feitos heroicos, suas lutas e superação. A sabedoria que a vida traz e as experiências que permeiam as existências no plano individual tecem a história das famílias, das comunidades, da sociedade. Nossa pesquisa partiu então dessa necessidade que tínhamos de ouvir os relatos a respeito da história local através de moradores que participaram direta ou indiretamente da formação cultural e social da comunidade de vila Três poderes, pois percebemos nas primeiras pesquisas de tempo comunidade, que boa parte dos entrevistados não conheciam os processos históricos que culminaram no desenvolvimento da comunidade em que viviam e os poucos relatos traziam narrativas diversas queríamos compreender o porquê das histórias que ouvíamos serem tão diversas controversas ou ignoradas pela maioria dos chegantes ou dos nascidos na comunidade. Convencida da importância de ouvir as

historia locais da minha comunidade para dar voz a esses relatos e assim deixar para as gerações posteriores um relato transcrito das vozes na produção desse trabalho.

Assim objetivamos analisar a problemática porque as memórias das lutas pela terra são ignoradas/desconhecidas pelos mais jovens da comunidade e em que medida o diálogo com a juventude traz a tona as memórias, resinificadas, dos moradores da Vila Três Poderes e como estas podem contribuir para a valorização de sua identidade campesina? Que métodos utilizar para valorização dessa identidade através da historia local? Para isso utilizamos o método de pesquisa de campo, com estruturas semi estruturadas e questionários com os moradores mais antigos da localidade que participaram dos processos de ocupação tais métodos nos permitiram em poucas semanas construir uma coletânea das narrativas dos acontecimentos dos primeiros moradores locais, isso seria o ponto de partida para o que pretendíamos, posteriormente trabalhamos com os jovens da comunidade, filhos e netos destes primeiros contatos. Para estes usamos outros instrumentos de intervenção além de questionários, partindo da premissa que na tenra idade as percepções e perspectivas não teriam o mesmo olhar ou a mesma interpretação de fatos dos primeiros pesquisados, utilizamos então rodas de conversas para conhecer sua relação com o passado o presente e o futuro; vídeos que relatavam fatos corriqueiros da vida cotidiana tentando assim despertar interesse suscitar memórias que ajudassem a construir a historia local.

Esses meios de intervenção nos permitiram conduzir a pesquisa do campo individual visto que tínhamos incentivado a rememoração de fatos escondidos na memoria ao campo coletivo posto que as relações entre as narrativas acabassem por construir um relato maior. Assim este estudo também visa através das narrativas orais de pais e alunos ensino médio da escola Adão Machado da Silva, a dinâmica entre memórias (passado) construção social (presente) através da escola e suas intervenção na vida do sujeito e das famílias e perspectiva do desenvolvimento das relações sociais (futuro) através dos anos, relacionando estas memórias aos dados colhidos nas pesquisas Tempos comunidades anteriores (I II III IV V VI VII). Depois dos primeiros contatos com os moradores, passamos a coletar informações da historicidade local no âmbito do poder publico, neste representada pela escola local, pretendíamos conhecer de que forma as práticas de ensino eram ofertadas, a perspectiva dos sujeitos que vivenciavam diariamente

essas praticas e como as mesmas eram interpretadas pelos alunos e pais em relação as suas origens. Pretendíamos com isso evocar nos participantes da pesquisa “As memorias de sua origem (Quem eu sou?)”. As memorias da caminhada (Quais caminhos trouxeram-me até aqui?). Para isso no período de estágio de intervenção utilizamos uma abordagem diferente da usual, assim utilizamos metodologias que nos permitisse uma abertura maior de contato e intimidade com os alunos, trouxemos as rodas de conversa onde nos não tínhamos perguntas prontas, mas sabíamos onde queríamos chegar e num dialogo aberto aonde iriam surgindo questões essas iam permeando as questões principais levantadas por nós de inicio. Na intervenção também percebemos que a dinamica de relacionar conteudos de diferentes disciplinas com ações do dia a dia dos sujeitos para explicar um determinado conceito se torna para o aluno muito mais interessante que a aplicação do conteudo sozinho pode suscita memorias de situações corriqueiras ja vivenciadas de alguma forma, e nesse caso uma area do conhecimento auxiliará a outra e com a junção do fator conhecimento empirico do aluno, ou seja, das atividades ou questões do seu dia a dia se obterá um melhor resultado no processo de aprendizagem.

Para nosso projeto de intervenção que foi realizado juntando duas áreas do conhecimento Linguagens e matemática. Assim utilizamos no projeto de intervenção uma abordagem interdisciplinar, pois entendemos que a proposta da educação do campo em adequar os conteudos a realidades locais com a intenção de contextualizar as pratica pedagogicas, bem como optar pela valorização dos saberes locais e trazer metodos alternativos de ensino como uma forma de curriculo diferenciado foi crucial na concepção de interdisciplinaridade aplicada. Essa abordagem nos fez ter uma compreensão singular de como a vida no campo se norteia de contextos socio economicos distintos, e de como essas vivencias proporcionam as familias os conhecimentos e as adaptações necessarias para a sobrevivencia no campo. Com esse trabalho devolveríamos a comunidade na forma escrita uma cronologia dos fatos que desencadearam o surgimento geográfico da comunidade, enfocando desde as lutas para conquista do espaço social e politico e o desenvolvimento dos meios de produção através das narrativas de moradores mais antigos, instituições, e sociedade em geral.

O campo de pesquisa teve sua escolha em parte pelo acesso fácil ao local de pesquisa, visto morarmos na comunidade, em parte pelo conhecimento de

fontes orais que seriam fundamentais para a pesquisa e muito por termos residido na localidade por quinze anos e ter muitas questões inquietantes sobre os processos de ocupação visto que a maioria dos moradores que residem atualmente vieram bem depois. E que de certa forma apenas transmitiram narrativas ouvidas, surgindo especulações, boatos e relatos que se chocam. Se por um lado ouve certa facilidade dado meu conhecimento local, por outro lado, o fato de morar na comunidade repele de certa forma nossa aproximação enquanto pesquisadora. Mesmo assim o pertencimento de certa forma teve um efeito positivo no sentido de conhecimento, em saber quais caminhos trilhar e quais portas bater em busca de narrativas que se alinhem com nosso trazendo o máximo de informações possível. Afinal nosso conhecimento dos fatos da história local se deu apenas quando da chegada da minha família no PA em meados de 2003, ou seja, quatro anos após a ocupação assim, nossos conhecimentos anteriores a essa data são especulativos e podem conter muitas distorções referentes a datas e fatos.

Para BOSI (2003)

Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltarias na situação do observado, mas participar de sua vida. A expressão “observadora participante” pode dar origem a interpretações apressadas. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes. (BOSI. p. 14, 2003)

Como moradoras tínhamos o anseio de conhecer mais a respeito da origem da comunidade em que residimos, bem como preencher lacunas de fatos desconhecidos que tínhamos conhecimento, e esse trabalho nos deu a oportunidade de em certa medida nos tornar-nos nesses quatro anos do período acadêmico observadoras participantes, pois nossa atenção se voltou às histórias escondidas por trás de cada rosto conhecido, então nesse período além de moradores éramos pesquisadores e como tal tínhamos a curiosidade aguçada para cada fala que presenciávamos neste período. As histórias nos impeliram a procurar respostas então encontramos a obra *História oral- Desafios da história oral no século XXI* (2000) a qual descreve a maneira que Portelli compreende a importância da história oral na atualidade, como ferramenta de luta e posicionamento social.

Alessandro Portelli enfatiza a importância da história oral como uma ferramenta baseada na memória para questionar interpretações que,

atualmente, estão empenhadas em retratar o século XX como o século dos horrores. [...] O desafio da história oral nesse sentido é mostrar, diferentemente do que costuma ser consagrado, que a memória não é apenas ideológico, mitológico e não confiável, mas sim um instrumento de luta para conquistar a igualdade social e garantir o direito às identidades. (FERREIRA, FERNANDES, ALBERT p. 13, 2000)

A partir dessas leituras ampliou-se nossa visão em relação aos fatos vividos e contados então para esse trabalho pretendíamos leva-los a pensar a historia da comunidade de vila Três Poderes PA Gabriel Pimenta e através de suas memórias narrados por crianças, jovens e adultos conhecerem as historias de vida, de lutas, e de sobrevivência e partindo delas analisar os fatores e circunstancias dos acontecimentos narrados de acordo com suas perspectivas tentando assim traçar o perfil da comunidade a partir da visão acadêmica. Como pesquisadora me propus nesse trabalho relacionar todos os aspectos que dizem respeito as característica das narrativas orais e memorias da comunidade de vila três poderes desde sua origem ate sua consolidação territorial e politica.

Assim para este trabalho tínhamos como objetivos específicos entrevistar alunos, filhos de agricultores, com o intuito de mapear as histórias de suas famílias e das suas atividades produtivas no Assentamento Gabriel Pimenta; Orienta-los a fazer pesquisas objetivando o recolhimento de dados da sua origem e dos meios de produção, a aquisição de documentos (fotos, contratos de arrendamento etc.) Bem como responder o questionário sócio econômico para construção de um portfólio.

Com o questionário¹ pretendíamos mensurar conhecimento que cada estudante tinha de suas origens e da dinâmica familiar em relação ao trabalho e renda familiar, bem como sua concepção pessoal do que entendiam por trabalho e como este seria traduzido em palavras pelos alunos. Já o portfólio se constituiu de uma estratégia de avaliação que objetivava contemplar os conhecimentos assimilados durante o tempo que passamos em sala de aula, como tínhamos exposto varias conteúdos numa sequencia didática interdisciplinar, utilizamos essa forma de avaliação para descobrirmos quanto e de que forma os conteúdos foram assimilados, este consistia em uma exposição em cartolina do que se tinha aprendido nas aulas desde a composição e origem familiar, a importância das

¹ Os diálogos propostos não tinham intenção da dinâmica de perguntas e respostas fechadas antes nossa proposta objetivava o dialogo com as proposições do questionário.

historias pessoais, cálculos relativos à produção e renda, concepção e curiosidades sobre o trabalho e como este é visto pelos alunos, mais uma apresentação pessoal resumida do histórico familiar, ressaltando a origem da família, e como se deu sua vinda para comunidade; Assim o passo seguinte seria discutir os dados colhidos com os jovens de modo a interpretar as informações neles contidos e construir com eles o mapa da dinâmica entre suas origens, vida familiar, trabalho e escola no passado e presente; Mapeando os dados faríamos a cronologia histórica das narrativas.

Para alcançar os objetivos desejados entrevistamos moradores antigos que participaram dos processos de ocupação, a direção escolar e o corpo docente, bem como alunos da instituição, pois queríamos para efeito de comparação e análise dos relatos, ouvir as perspectivas dos diferentes seguimentos sociais. As entrevistas foram semi estruturadas porque queríamos uma maior liberdade de expressão dos moradores, estas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Tínhamos como ponto de partida ouvir os relatos e a partir disso tentar reconstruir as memórias da comunidade focando nessas narrativas orais. Portanto a ideia do projeto na escola se traduzia na perspectiva que alguns moradores, tanto assentados, moradores e filhos da escola construíssem através de suas memórias e das memórias dos seus pais narrativas um enredo que fosse posteriormente passível de publicação ou que minimamente nos trouxesse elementos que nos ajudassem elaborar um roteiro cartográfico da comunidade preenchendo com as memórias individuais lacunas da memória coletiva.

Assim a principio necessitaríamos de um meio que nos trouxesse proximidade e gerasse intimidade com os participantes, então propusemos a estes algumas dinâmicas (rodas de conversas), entrevistas informais (semiestruturadas, questionários) esses elementos além de transformarem uma situação entediante em algo mais interessante estimulariam a memória o que também permitia-nos familiarização contextual com cada narrador propiciando assim um contato mais informal e amigável.

Os processos de rememoração nem sempre são fáceis, estes podem reacender sentimentos e pressões a muito guardadas. O ato de estimular o interlocutor a extrair da memória fatos ocorridos consigo ou com seus pares, fatos que de alguma forma lhes causou desconforto ou sofrimento que pode suscitar neste certa resistência, porque o ato de lembrar se conduz mentalmente como

reviver o que se passou, ou por outro lado pode também desencadear uma espécie de desapego emocional por compartilhar pelo mesmo motivo, certo é que a cada recordação do sujeito surgem reações diferentes. Então quando nos encontramos nessa encruzilhada e identificamos essa dificuldade, surgiu a questão. Qual a forma mais adequada de perguntar sobre o passado sem que os narradores se sentissem desnudos ou alijados da possibilidade de reter suas memórias para si? Quais caminhos seguiríamos ou que mecanismos usaríamos para conseguir essas narrativas com o mínimo de resistência e o máximo de informações.

Por um bom tempo pensamos em qual caminho seguiríamos para dar conta de um assunto tão amplo, e ao mesmo tempo tão íntimo, pois sentíamos que extrair recordações de episódios passados que de alguma forma norteiam o presente dos participantes poderiam fazer emergir destes sentimentos a muito guardados. E era isso que temíamos mexer em feridas abertas, que em alguns casos tinham custado cicatrizar. Então procuramos aportes teóricos que embasassem uma abordagem que fosse empática e ao mesmo tempo incisiva, e encontramos uma Entrevista produzida pela TV Interaja/faculdades INTA com o professor Alessandro Portelli Portfolio da Universidade de Roma "La sapienza" tendo como entrevistadora as professoras Regina Raick e Telma Bessa para o canal Culturart em setembro de 2012, onde ele fazia algumas recomendações para estudantes e pesquisadores da história oral, onde ele diz:

Deseje saber-conhecer, pois se você faz isso como dever não ficará bom. Porque as pessoas percebem quando você quer realmente saber sobre elas. E o que você traz para a conversa é a sua ignorância. Você traz para a conversa o fato de coisas que desconhece completamente e a coisas que você tem curiosidade pessoalmente curiosidades não acadêmicas. Flexibilidade: O assunto que te traz ali não é o mais importante. O que importa são os rumos que a conversa se direciona. Porque aí reside os entre tantos que se nos nós mesmos direcionássemos o assunto nunca saberíamos. As pessoas podem querer falar de outra coisa. Coisas importantes para ela. Caso o assunto que você queira seja de suma importância para você aprenda esperar a oportunidade. Às vezes o que o narrador tem a contar é mais interessante do que aquilo que buscava a princípio. Respeito pelo que o narrador diz. Pela história do outro. Pelo modo de narrar e boas maneiras na casa ou no ambiente do outro. Você é o hóspede. Você usa o espaço deles, o tempo deles. Em troca você oferece a eles seu tempo. No caso de idosos e trabalhadores que tem a sensação que ninguém os ouve. Você está aberto a ouvi-los. É essa é a troca pelos tesouros que eles lhe oferecem. (Acessado em 20/09/2018)

Assim tentamos então demonstrar aos participantes numa conversa informal a princípio, que as revelações expostas nas narrativas tinham como

premissa somente fazer parte do mural de narrativas que serviriam de trama para a história local, permitindo assim que cada historia contada tornasse essas vozes vivas trazendo uma existência além de corpórea histórica também. Segundo (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

A entrevista como uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista pode ter caráter exploratório ou ser uma coleta de informações. A de caráter exploratório é relativamente estruturada; já a de coleta de informações é altamente estruturada. (GERHARDT, SILVEIRA p. 72, 2009)

Além das entrevistas também produzimos um questionário com questões abertas para os alunos do ensino Médio que abordava questões relacionadas à família e trabalho no intuito de recolher dados sobre a produção familiar e os meios de sobrevivência exercidos pelas famílias no passado e presente. Resolvemos promover essa técnica com os participantes mais jovens, pois percebemos que a técnica de entrevista não havia surgido o efeito desejado como nos casos anteriores, teríamos de usar um modo mais direto para que conceitos fossem expostos.

Questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado. (IDEM p. 69)

A pesquisa de caráter exploratória objetivava conhecer, descrever e propor análise das memórias e narrativas coletivas e individuais para assim fomentar discussões sobre o contexto em que os fatos ocorreram para então conseguir traçar a cronologia dos fatos tornando esses em enredo do livreto, onde este traria as desde as memórias dos primeiros ocupantes da terra narrando o processo de ocupação e as lutas pela terra, até as narrativas de moradores, funcionários da escola e alunos filhos dos assentados propiciando a pesquisa perspectivas diversas de acontecimentos comuns a todos.

A história em torno do projeto de assentamento Gabriel Pimenta, onde está localizada a Vila Três Poderes que fundamenta este trabalho sendo a principal protagonista do mesmo traz varias narrativas a partir delas tentaremos reconstruir as memórias locais. E para dar voz às historias locais convidamos além de sujeitos

que foram atuantes no processo de conquista da terra, ou seja, participaram de forma ativa da ocupação, a sociedade em geral composta pelas instituições ali organizadas como escola (alunos, professores e funcionários) e comércios. Os primeiros pela importância que as instituições e os indivíduos que a formam têm no processo de preservação cultural e histórica podendo ser um disseminador de ideias, sendo que de um lado temos os alunos e suas famílias como protagonistas da história local e do outro o corpo docente como agregador de conhecimento sendo por sua posição e peso social e político é capaz de validar os discursos e narrativas e os segundos por atuarem no desenvolvimento social e visibilidade ante o poder público.

Um longo caminho foi percorrido para escolha do tema no qual nos debruçamos nos últimos meses, entre tantos temas e assuntos expostos nos últimos quatro anos de aprendizado escolher um deles para mergulhar realmente necessitava de uma grande dose de ousadia e foco. Para alguns assuntos nos sentíamos entregues, para outros relutantes, para uns condescendentes, para outros intolerantes, uns nos eram familiares enquanto outros sentíamos total aversão. No entanto todos nos traziam conhecimentos antes ignorados, nos causavam reflexão e tantas vezes nos direcionava a outra perspectiva. Então nos propusemos à escolha de algo que causasse nos participantes sentimentos vividos no nosso percurso formativo. Então qual assunto poderia despertar a familiaridade, a entrega, a condescendência e ao mesmo tempo em que traria reflexões sobre aspectos relutantes, embaraçosos e intolerantes? Como escolher um assunto que pudesse suscitar todos esses sentimentos e reflexões nos sujeitos envolvidos? Escolhemos as narrativas orais dos moradores mais antigos, suas Histórias de vida seriam o cerne da questão, mas como falar de histórias de vida sem falar de memória? Impossível. Os fatos que trouxeram cada indivíduo ao momento atual de vida são passados, portanto impossível revivê-los, salvo nas lembranças, e a memória se torna imprescindível para tal ação.

No livro Memórias do envelhecer dos escritores Gonçalo Luís de Melo e Adriana Rodrigues Domingues que surgiu de um projeto com idosos onde estes se reuniam para socializar e contar suas histórias de vida, e ao ouvirem os relatos eles consideraram o tempo peça fundamental na construção histórica do sujeito, alinhando passado, racionalizando o presente e projetando o futuro. E nessa dinâmica a memória seria a peça chave:

O tempo contínuo atravessa todo relato, demarcando claramente a circularidade entre passado, presente e futuro, Nessa circularidade a memória ocupa uma posição central [...] A memória é, ela mesma uma multiplicidade indefinida de passados que respondem ao apelo do presente. (MELO, DOMINGUES p. 85, 2012)

A partir dessa ideia procuramos estimular os sujeitos participantes da pesquisa e estudo para que estes através de despertadores de sentido (rodas de conversa, imagens e atividades lúdicas) fossem dilatando suas memórias e estas conseguissem captar temas longínquos do passado, como episódios da infância e juventude que de algum modo foram determinantes para seu presente.

Durante todo o percurso formativo fomos estimulados a coletar dados junto à sociedade local (nossas comunidades) para assim evocar a história local e ter material para um trabalho final do percurso acadêmico. A princípio não tínhamos noção da enormidade e importância dessa coleta ou produção acadêmica final, mas com a ampliação dos conhecimentos no percurso compreendemos que todas as vias empregadas tinham como objetivo não só repassar conhecimento, mas formar pensadores, ajudar na construção das identidades. Não tínhamos considerado esses anseios em todas as pesquisas feitas, no entanto fazíamos anotações diárias em caderno de campo e foram essas anotações que suscitaram posteriormente indagações que dariam luz a questão norteadora deste trabalho.

A justificativa para esse estudo se fundamenta na necessidade de disseminar para a comunidade em geral os relatos das narrativas orais sobre a história da localidade, bem como responder a questões levantadas: Como surgem os relatos de vida dos moradores e como esses relatos individuais se apresentam no contexto histórico coletivo? Como suas histórias de vida ramificam a história da sociedade local? E que relevância essas narrativas orais das origens da localidade, das conquistas espaciais e políticas e da disseminação da tradição através das memórias destes para a história local tem para os moradores da vila Três Poderes? Que aspectos das histórias comuns são ressaltados individual e coletivamente e por quê? O leitor encontrará neste trabalho, além da justificativa e os objetivos que levaram a elaboração do mesmo, tanto os gerais como os específicos, a metodologia utilizada para alcançar os objetivos descritos, bem como a fundamentação teórica que possibilitou um maior entendimento sobre a história local. No diagnóstico das memórias e narrativas são apresentados e

analisados os parâmetros das atividades sociais desempenhadas pelos camponeses nos últimos dezoito anos.

O trabalho irá apresentar três capítulos distintos. No primeiro capítulo, apresentaremos o histórico do PA e o desenvolvimento da vila resultado de lutas e conflitos pela terra destacaremos os fatores que contribuíram para a ocupação, faremos um breve histórico da trajetória de vida de alguns entrevistados que participou das pesquisas e projetos bem como o surgimento da escola, detalhar a evolução estrutural, as dinâmicas pedagógicas o corpo docente e o projeto desenvolvido como produto de estágio na escola. Além disso, faremos as análises das narrativas, na perspectiva social abordando o tema das memórias individuais como construtor de identidades coletivas, traremos assim as falas, mas não seguiremos uma ordem cronológica dos fatos relatados pelos moradores da comunidade. Mas através das narrativas orais daremos ênfase a aspectos como a temporalidade, as emoções e a memória. Usaremos assim estas narrativas como mote para nossas análises e releituras sobre como se produz a história através das memórias. Pois para Delgado o passado apresenta-se como vidro estilhaçado de um vitral impossível de ser recomposto, mas de possível compreensão através dos fragmentos das memórias individuais para assim conseguir construir uma história coletiva com o fim de evitar que o ser humano perca referências fundamentais a construção da identidade coletiva (DELGADO). Sobre isso Boaventura Santos afirma que: Mesmo as identidades em constante evolução elas mesmo são identidades sempre em curso, como afirma Boaventura Santos “são esteios fundamentais do auto reconhecimento do homem como sujeito de sua história” (SANTOS p. 127, 1994).

No segundo capítulo abordaremos as nossas perspectivas e análises sobre as falas, as memórias e a visão de mundo explicitada nas narrativas orais dos alunos a partir das produções textuais dos mesmos, bem como tentaremos responder as indagações que surgiram no processo de desenvolvimento da pesquisa. Vale ressaltar que dois grupos de pesquisados darão corpo ao nosso trabalho através de suas narrativas. Os primeiros trarão as falas de alguns agricultores que participaram da incursão que resultou na desapropriação da Fazenda Três Poderes, essas falas são apresentadas nos capítulos em que as demais narrativas foram produzidas pelos alunos do ensino médio no último estágio de intervenção na escola Adão Machado da Silva sobre sua história de vida e serão

explicitadas no capítulo dois. No capítulo três trataremos as dificuldades que nortearam a produção desse trabalho, bem como, as vivências e experiências adquiridas no decorrer do curso.

Depois de quase vinte anos da primeira ocupação do projeto de assentamento Gabriel Pimenta e da vila Três poderes, poucos moradores são oriundos da primeira leva de ocupação ocorrida em junho de 2000, a maior parte dos primeiros ocupantes, repassaram seus direitos a outras famílias chegantes, assim, muito se perdeu na memória dos atuais moradores as histórias de lutas enfrentadas para conquista do direito a terra e das formas da dinâmica da economia local aquela época, assim, para esse trabalho pretendemos rememorar os aspectos históricos culturais e econômicos que a diferencia das demais localidades do município de Marabá com a intenção de valorizar a História local.

Para, além disso, faremos um esboço através das narrativas das origens dos moradores, do desenvolvimento dos meios de produção e sobrevivência destes a partir das narrativas e memórias, e assim mapear a evolução da História local nesses anos e propondo então uma contextualização entre a vida narrada (as vozes) e a realidade vivida pelos sujeitos em relação à sobrevivência (meios de produção) para isso utilizamos a disciplina de linguagem como suporte para as falas e a matemática para a subsistência familiar com o intuito de obter melhorias na produção que se baseia na criação de gado e na produção de leite como uma das principais fontes de renda das famílias de Vila Três Poderes (PA Gabriel Pimenta).

1 HISTORIA NARRATIVAS E MEMÓRIA: A ORALIDADE EM TEMPOS DE GUERRA EM TEMPOS DE PAZ

A Ocupação: “Porque, Conde, a Gente Muda Assim o Sofrimento Vem na Frente Né?”.

Esta fala se refere às dificuldades enfrentadas pelos acampados, fazendo alusão a toda mudança que as famílias sofreram durante o processo de ocupação da terra. “Porque conde a gente muda assim, o sofrimento vem na frente né” São as palavras de um dos assentados do Projeto de assentamento Gabriel Pimenta, referindo-se a época da incursão a Fazenda Três Poderes que em 18 de agosto de 1999 foi ocupada por um grupo de pessoas oriundo de um acampamento da fazenda Barreira Branca que a época estava com uma liminar de reintegração de posse, visto ter sido reconhecida como produtiva pela justiça. Os espaços de ocupação no Brasil sempre se configuram como espaços de fronteira, tendo de um lado o Fazendeiro que em algum momento da historia fez a grilagem da terra e em muitos casos são amparados pelo estado e do outro os ocupantes -o povo- que procuram seu espaço, pois constitucionalmente todo brasileiro tem direito a moradia segundo a Constituição Federal de 1988, por advento da Emenda Constitucional nº 26/00, em seu artigo 6º, caput. Onde se lê:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (JUSBRASIL Acessado em 20/05/2019)

Segundo uma publicação do ano de 2002 - Os projetos de assentamentos no sudeste paraense como ciclo de ocupação - no site da EMBRAPA de autoria de HOMMA, A.B. O; CARVALHO, R. DE A.; SAMPAIO, S. MN; SILVA B.N.R. da; SILVA L. G. T. as peculiaridades dos assentamentos do sudeste paraense são bem características. O estudo resume bem as condições em que estes se perpetuam no contexto nacional, os espaços ocupados, as dinâmicas da ocupação, as transições das famílias, o êxodo rural e os meios de sobrevivência.

No Sudeste Paraense convivem 292 projetos de assentamentos do INCRA, com mais de 45 mil famílias (março 2001) abrangendo uma superfície de quase 3,5 milhões de hectares, constituída de pequenos produtores, posseiros, integrantes do MST, que vieram na busca de bens sociais e da exclusão social de outras regiões do País. A superfície envolvida nesses assentamentos é equivalente ao tamanho de Taiwan ou superior a soma dos Estados de Alagoas e Distrito Federal, mostra a dimensão de áreas que serão totalmente desmatadas. A incorporação de lotes de assentados desistentes pelos novos assentados externos

constitui outra característica dos Projetos de Assentamentos. Entre metade a $\frac{3}{4}$ dos assentados originais ou de novos ocupantes conseguem a sua estabilidade mediante processo de acomodação. O ciclo dos cultivos anuais vai depender da área de floresta disponível que, quando esgotados, encerra-se a Primeira Sustentabilidade para uma grande categoria de produtores. Para este conjunto de produtores resta a alternativa de vender o lote para outros produtores interessados na expansão das pastagens e procurar novas áreas. O conjunto representando pelos plantadores de cultivos perenes e àqueles interessados na pecuária inicia-se a Segunda Sustentabilidade, com possibilidade de permanência, dependendo do manejo do rebanho e das pastagens, pelos próximos dez anos. A venda dos lotes não significa o fracasso do assentado, mas que consegue uma capitalização, repetindo a crítica comum dos grandes especuladores de terra na Amazônia no passado, em escala reduzida. Fornece condições para migrar em direção aos centros urbanos, comprar outro lote melhor localizado ou ocupar áreas mais distantes ou perder todas as economias. (HOMMA, CARVALHO, SAMPAIO, SILVA, SILVA pag. 01)

Nesse contexto sócio ocupacional do sudeste do Pará temos a Fazenda Três Poderes com centenas de hectares de terras e com uma localização privilegiada margeando a BR 222 mais conhecida como estrada do Rio Preto e a época apenas uma pequena parte era cultivada. De outro lado dezenas de famílias estavam acampadas em outra parte do município a anos aguardando decisão judicial sobre a terra em que ocupavam. E foram estas famílias que ocuparam a Fazenda Três Poderes naquele ano fazendo parte da estimativa de seis assentamentos criados em 2001 perfazendo um total de 292 Projetos criados em 14 anos no sudeste paraense (de 1987-2001) pag.03. Nosso estudo se trata das histórias dessas famílias, mais que números, suas narrativas nos dão um vislumbre da maneira que se tem formado o cenário de ocupações do sudeste Paraense, e as relações que surgem do encontro do trabalhador rural com o latifúndio.

Nós estávamos lá na fazenda Barreira Branca, lá a fazenda num foi desapropriada, então o Sindicato. Nos falo que a fazenda foi produtiva, aí nós ficamos, nós era em 80 pessoas. 80 famílias, aí como a fazenda lá deu produtiva num ia sair aí nós ficamos todo descabeçado porque nós já estava com oito mês lá na fazenda -, Como que nós faz? Aí surgiu essa fazenda 03 Poderes aí nós se reunimos um grupo de lá de dentro o pessoal do acampamento acompanhando orientação do sindicato. (Sr. D. 63 anos. Entrevista I Tempo comunidade).

Segundo relatos após oito meses acampados fazenda Barreira Branca as famílias ficaram sabendo através do sindicato dos produtores rurais de marabá que esta tinha sido considerada produtiva pela justiça, ficando assim desnorteados pelas más notícias. Mas quando a notícia se espalhou entre os ocupantes da

Fazenda Barreira branca E os burburinhos sobre a Fazenda Três Poderes com seus mais de três mil alqueires só aumentaram, assim algumas acampados decidiram que iriam para Fazenda ter poderes. Assim O pequeno grupo que a principio veio em um caminhão com apenas alguns pertences, logo se tornou dezenas de famílias oriundas de vários acampamentos. O primeiro acampamento das famílias dentro da fazenda se localizava a margem esquerda da estrada do Rio Preto logo depois do trevo do acesso a vila União.

Aí tinha essa fazenda ganha, o povo falava que ia ser desapropriada e nós viemos um grupo de vinte poucas pessoas e derrubemos ali dento da mata na beira da estrada. No outro dia o fazendeiro. O vaqueiro foi donde tá nós, foi lá procurou o que nós estava fazendo, falamos que queria um pedaço de terra pra trabalhar, nós era vinte poucas pessoa, vinte poucas família, os outros num quis vim, os outros disse que num ia sair de lá tinha que ficar era lá mesmo, aí nós peguemos nosso destino e viemos. Chegemos e derrubemos bem ali no igarapé, ali dento da mata na beira da estrada e ficamos. (Sr. L. 71 Anos agricultor, entrevista I Tempo comunidade).

No ano seguinte houve uma reintegração de posse e os acampados foram retirados da fazenda, alguns relatos falaram sobre a truculência da força e somente em 2001 reocuparam e já criaram a associação que juntamente com a CPT cuidaria dos interesses dos acampados.

Trouxe a policia aqui, fez uma liminar aqui e tirou o pessoal, gente perdeu galinha perdeu espingarda [...] esses primeiro que saiu, foi pouco que voltou pra cá. Saiu na carreira assim foi pouco que voltou se desgosto aí num voltaram, aí depois que eles entraram de novo e foi nessa chance que eu vim que foram me chamar que eu vim. (Sr. D. 63 anos. agricultor, entrevista I Tempo comunidade).

Segundos relatos muitas famílias desistiram de retornar após a reintegração de posse, mas pouco depois algumas retornaram e outras famílias afluíram ao local vindas de outros acampamentos, e apoiadas pelos movimentos sociais logo o Fazendeiro levou a causa à justiça, que no ano seguinte 2002 deu às famílias acampadas a posse da terra.



Foto 1. Fonte: Acervo Pessoal – Aspecto interior das moradia época do acampamento 2001

E assim no ano seguinte 2002 ocorreu a Desapropriação da fazenda e a negociação com o fazendeiro, a área é cortada e loteada pelos assentados “Aí nós fumo cortar os lote, sofremos muito, fumo corta os lote, aí quando recebemos os lote entremos pra dento dos lotes, uns foi primeiro outros foi por ultimo” (Sr^a. M.) Na foto 01 acima temos o aspecto da vista interior de um dos primeiros barracos construídos pelos acampados na beira da estrada, já na foto 02 temos o aspecto externo de uma das casas de madeira também construída pelos assentados com madeira tratada nas serrarias locais. Nesse mesmo ano recortaram a área da vila (lote 33) e começaram o loteamento, iniciando o êxodo de serrarias e trabalhadores ao local.



Foto 2 Fonte: Nascimento 2002 – Primeiras Construções do P.A.

A época da ocupação da fazenda Três Poderes a maior parte da área desta era composta de mata virgem ou de capoeirão. “Quando eu cheguei por aqui isso daqui só era juquira num tinha nada feito aqui tava só um acampamento a casa primeira que foi feita aqui que eu conheço” (Sr. D. 63 anos) Quando os ocupantes entraram e fizeram as primeiras aberturas encontraram muita madeira, vendo ali a oportunidade de negocio, varias madeireiras carvoeiras se instalaram na vila.



Estrada do PA Gabriel Pimenta

Foto 3 Primeiras estradas do PA Fonte: PDA PA Gabriel Pimenta 2001

Vicinas começaram serem abertas pelo INCRA enquanto as serrarias faziam aberturas por conta própria para extração de madeira. Essas aberturas foram fundamentais para as famílias agora assentadas, pois na divisão da terra alguns lotes de terra ficaram sem qualquer acesso e assim a solução encontrada foi à permissão da exploração de madeira na área em troca da abertura provisória de ramais que permitisse as famílias que se encontravam mais afastadas tivessem acesso à estrada principal (foto 03 acima) Abaixo (foto 04) aspecto da estrada do Rio Preto a época das primeiras aberturas das estradas vicinas.



Foto 4 Primeiras estradas do PA Fonte: Nascimento 2003

Duas serrarias foram implantadas na região e assim além do êxodo de mão de obra oriundos de outras partes, e com as dificuldades encontradas a princípio para plantação e criação de pequenos rebanhos alguns assentados também mantinham um vínculo de prestação de serviço com as serrarias.

Primeiro emprego foi na serraria, aí veio muita gente pra serraria, aí veio muita gente pra serraria do Samir, [...] e ficou trabalhando e a vila estourou, foi na época que o povo chegou e foi fazendo casa. Aí chegou meio mundo de gente, a vila [...] Aí o que acontece tinha muita carvoeira muita serraria, a vila cresceu né, como a serraria foi embora carvoeira foi desmanchando tudo. (Sr. L. 71 anos Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

Com a criação da vila e a grande afluência de pessoas a região além dos extratores de madeira e os produtores de carvão vegetal, vieram também famílias inteiras que ouviram falar do bom populacional da região devido à ocupação e a chegada de madeiras, surgia assim uma carência de produtos de primeira necessidade. Eles vinham com a intenção de se estabelecer, comprar um lote de terra, conseguir trabalho ou mesmo montar pequenos negócios familiares como comércios, bares, restaurantes e dormitórios. Isso fica bem explicitado na fala abaixo, de um dos comerciantes da vila, segundo ele, ao chegar com a família para

a localidade a principio a intenção era conseguir um lote de terra, mas não conseguiram, pois todos os lotes de terra estavam ocupados. Mas a vila em franca expansão das madeireiras e carvoarias era um atrativo para os chegantes. E muitos estabeleceram residência trazendo suas famílias e participando do crescimento populacional.

Nós vínhamos procurar um rumo aqui porque lá estava fraco sabe aí nós soubemos que aqui estava tenho um movimento bom, as terra boa estava barata ainda, aí nós vínhamos interessado de compra uma terra pra cá. Aí chegamos aqui mudemos de ideia né e compremos esse lote aqui na Três Poderes, aqui naquele tempo era concorrido, aqui era caro, você sabia né? Aí compremos, viemos, botemos esse comércio aí, fomos levando... Foi o que deu certo pra nós até hoje. (Sr. A. 38 anos, Comerciante. Entrevista I Tempo comunidade).

Em dezembro de 2003 a área da fazenda é dividida em três Projetos de assentamento Nova Esperança, Nova Vida, e Gabriel Pimenta, “depois que eles partiro, que nós ganhemo a terra foi que, botaro nome dos PA e ficou Gabriel Pimenta, Nova Vida e aquele outro lá Boa Esperança” (D. S 71) Após a desapropriada, a fazenda foi cortada e dividida em lotes de terra entre os ocupantes, posteriormente um agrimensor foi contratado para fazer a topografia dos lotes o delimitado marcos e divisas. O que segundo a narradora M. relata que os assentados pagaram a um agrimensor do INCRA para cortarem os lotes fazendo a divisão geográfica do assentamento.

Ajuntamos e pagamos o agrimensor pra cortar [...] Foi que entro tudo pra dento, depois de tudo cortadinho, pagamos, cada qual pago a porcentagem dele financiado pelo INCRA que ele veio. Aí depois que corto tudinho que colocarão as pedras foi que nós entramos. (Sra. M. 66 anos, agricultora. entrevista I Tempo comunidade).

O nome do assentamento foi indicado pela CPT, em homenagem ao advogado da CPT Gabriel Pimenta, assassinado em 18 de Julho de 1982. PDA. (Plano de desenvolvimento agrícola). A imagem abaixo é do mapa do PA Gabriel Pimenta. Sua cartografia sugere que os lotes foram dispostos ao ter o acesso as principais vicinais e estas os entrecortando dariam acesso à estrada principal (Rio Preto).

Nós pegamos e medimos a fazenda todinha em roda, como nós éramos três grupos vindo de três lugares, cada qual veio dum lugar diferente, duma área, duma fazenda ou num foi desapropriada, aí nós pegamos e dividimos os grupo, Gabriel Pimenta, Boa Esperança, Nova Vida. (Sr. L.. 71 anos comerciante entrevista I Tempo comunidade).

Em 2004 o INCRA (Instituto nacional de colonização e reforma agraria) realizou o primeiro cadastro das famílias assentadas, inserindo-os na RB Relação de beneficiários.

Os assentados que tem seu nome incluindo em uma lista de beneficiários do governo federal RB através de um cadastro onde é avaliado por uma assistente social e um auditor do INCRA Cada família tem direito a alguns benefícios do governo federal, O auxilio moradia que são casas que possuem uma área total de quarenta e dois metros quadrados.



Figura 5 - Casa Construída pelo INCRA PA Gabriel Pimenta Fonte: Silva 2009

Essas casas foram construídas com a liberação de um recurso federal que é gerido pela Associação de moradores do PA. No entanto o valor repassado do recurso não garante uma construção completa, visto todas as casas serem dadas por terminadas apenas com o levante, cobertura e piso, sem, no entanto os acabamentos necessários como reboco e pintura, como pode ser percebido na foto 05 (Acima).

Outro benefício é o chamado FOMENTO que é um subsídio para as famílias comprarem alimentos e utensílios para iniciarem plantios, como foices, enxadas, facões, sementes e adubos. Esse benefício se constitui de valores entre três e quatro salários mínimos, e também é depositado numa conta da associação, pois o recurso necessita de um CNPJ para liberação e só então é repassado aos assentados, vale lembrar que esses recursos geridos pela mesma tem um desconto calculado em torno de 2% do valor total. Além disso, a associação

também escolhe o comercio que os assentados farão as compras, essa negociata beneficiará tanto o comercio escolhido como a associação, ou seja, nessa intermediação há uma manipulação do recurso por terceiros, assim no final temos um valor irrisório para iniciar as vidas das famílias nos lotes de terra.

Cada família beneficiaria também tem direito a outros projetos como Pronaf A que se destina a aquisição de gado leiteiro, ou peixes, e compra de implementos agrícolas de pequeno porte, bem como da manutenção dos espaços destinados à criação destes animais. O valor varia, dependendo da escolha da criação que se irá fazer. Outros projetos como Mais alimentos, Pronaf Mulher destinasse também a agregação de valor a terra em questão. É importante ressaltar que cada recurso é pago posteriormente, com uma carência de 2 a 3 anos juros de 2% ao ano e uma amortização equivalente a quase 50% do valor total caso o assentado pague o recurso em dias ou antecipadamente. Atualmente a maioria dos assentados do PA Gabriel Pimenta já receberam a maioria dos benefícios outorgados pelo governo para famílias que participam de assentamentos registrados.

1.1 VILA TRÊS PODERES

Vila Três Poderes- local de realização das pesquisas distante 115 km da sede do município Marabá Pará, A vila está localizada no meio do assentamento, é o lote 33 do mapa possuindo uma área de seis alqueires atualmente, dada localização privilegiada tem saídas para o município de Novo repartimento ao sul e Parauapebas ao norte. Hoje com uma população aproximada de quatrocentas e cinquenta famílias incluindo as famílias assentadas nos projetos de assentamento que circundam a mesma.

Segundo moradores logo após todos os PA's se tornarem independentes ficou acordado entre as lideranças que seriam destinados lotes em cada um dos assentamentos para criação de vilas.

Quando loteemos, quando cada grupo tomou conta do seu PA, cada grupo do seu PA tinha que fazer uma vila né, uma vilinha pra colégio, fazer colégio, uma atividade pra o pessoal né, aí nós tiramos dez alqueires aqui no meio aqui, cada qual tiro né [...] nós já estava morando nas nossas terras né aí tinha tirado aqui pra vila aí ficou parado aí, só a área de chão, aí nós resolvemos, como o grupo nós combinemos cada grupo foi combinado assim todos que tinha a terra que tinha desapropriado pra cada um, um lote na vila... Aí o que sobrasse era pra outros que chegasse agente ia dando, ia dando, aí nós peguemos loteemos. (Sr. L. 71 anos, agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

Logo após o loteamento da fazenda e a divisão desta em três projetos de assentamento, ficou acordado entre as lideranças locais que em cada projeto de assentamento seria destinada uma área para vila, e que cada dono de lote de terras teria direito a um lote na vila e que as pessoas que chegasse a localidade posteriormente com intuito de morar seria doado um destes para as famílias chegantes.

No entanto não era consenso a criação da vila, alguns dos líderes dos acampados não concordavam com a ideia de criar povoado.

O véi João num queria que fizesse casa aqui que era pra num fazer povoado aí nós entremos por ali, aí o irmão fez aquela dele ali, eu sei que foi ligeiro que fizemos essas casas aqui. (Sr. D. 63 anos agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

Com a criação da vila mais pessoas chegaram à comunidade e com elas mais empresas de exploração comercial da madeira (Serrarias e Carvoarias) devido à abundância de matas inexploradas que se consolidara na localidade criando empregos e gerando renda, fazendo com que mais pessoas de outros setores de comércio viessem também. A época da chegada dos meus pais na localidade, ele relata que havia pelo menos três serrarias e carvoarias ele não nem sabia dizer quantas funcionavam dia e noite. Outros relatos falam de mais de 700 famílias morando na vila e arredores, grande parte trabalhando na extração e beneficiamento da madeira, bem como da produção de carvão, mas nos anos posteriores com a escassez da matéria prima para o beneficiamento, e com a rigidez nas leis que regulavam a exploração ambiental, as empresas saíram da localidade levando consigo grande número de famílias que eram funcionárias das mesmas. As famílias restantes que não possuíam vínculo empregatício com as empresas, mas que indiretamente se beneficiavam do comércio de madeira ficaram desamparadas, visto já não haver mais um fluxo de capital dentro da comunidade. Assim estas também procurando um local onde pudessem desenvolver suas atividades de subsistência se mudaram da vila deixando diversas casas abandonadas.

Os moradores constituídos na sua grande maioria de assentados e pequenos comerciantes também passam por muitas dificuldades em relação à infraestrutura na vila, sem assistência a saúde, os moradores precisam se deslocar

até a vila Panelinha, distante 16 km ou ir diretamente a sede do município. Não há saneamento básico na vila, mas a prefeitura disponibilizou um poço artesiano e distribuiu água potável às residências.



Foto 6 Nascimento 2014 - Reunião da Comunidade na Escola

As lutas políticas em busca de melhorias para a vila e o PA são diretamente feitas pelas associações de moradores. Que em parceria com as associações dos PA's buscam recursos para a localidade. As mobilizações dos moradores locais são constantes. Os recursos e infraestrutura são escassos, e restam aos moradores reivindicar seus direitos fechando a principal estrada e via de acesso dos municípios vizinhos e da mineradora. Em 2014, os moradores em busca de melhorias para comunidade, interditaram a estrada por quase uma semana, isso ocasionou uma série de transtornos que chegaram até a sede do município, obrigando o gestor municipal se propor a ouvir os anseios locais, a imagem acima (foto 6) retrata uma reunião ocorrida no mesmo ano e resultou na reforma da escola, no asfaltamento nas principais vias de acesso da vila e na construção da rede de abastecimento.

A estrada do Rio Preto que dá acesso à vila Três Poderes também liga o município a Mineradora Buritirama e a inúmeras fazendas de gado de corte, e isto

é relevante quando se trata de benefícios a população pois por muito tempo o transito de carretas tanto de minério quanto de gado causou inúmeros transtornos nas questões relacionadas a saúde publica, a poeira causada pelo fluxo constante de carros pesados causa muita poeira. Muitas foram às lutas da população junto ao poder publico para conseguirem que em 2015 a vila recebesse 2.8 km de asfalto que melhorou muito os problemas respiratórios que acometiam as crianças e idosos. As pequenas conquistas realizadas dentro da vila foram de suma importância para o reconhecimento e motivação daquela comunidade para continuarem nas lutas por seus direitos.

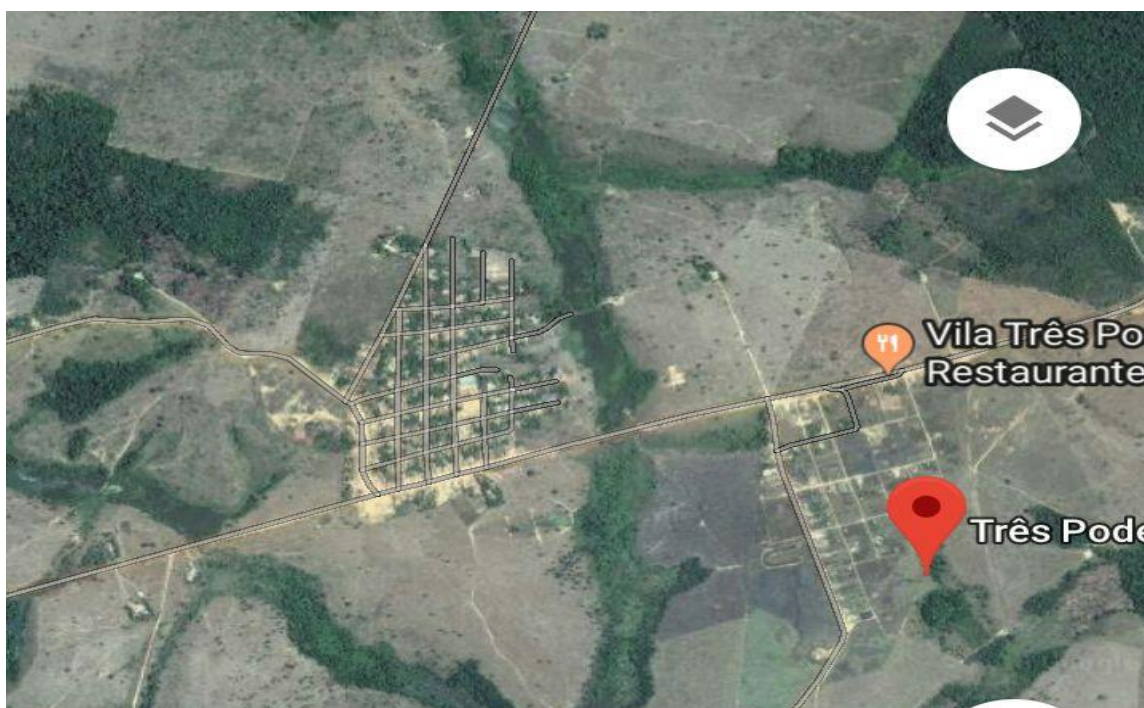


Foto 7 Fonte: Google Mapas - Visão Satélite da Vila Três Poderes. Acessado em 21/06/2015

A imagem acima (foto 07) é uma vista de satélite da área da vila e retrata o crescimento desta, o que antes era apenas algumas casas a beira da estrada se tornou uma comunidade com mais de 500 famílias. Sua expansão se deu muito rápido quando da ocupação, graças à afluência de pessoa ao local com a intenção de trabalhar ou se estabelecer, no entanto estagnou com o tempo devido as oportunidade de emprego, no caso, serrarias e carvoarias, terem saído da comunidade.

1.2 SUSTENTABILIDADE E RENDA

Quando as primeiras famílias ocuparam a Fazenda três Poderes, a Comissão Pastoral CPT da Terra foi à primeira instituição a dar suporte às famílias, traziam alimentos e remédios, Segundo algumas narrativas algumas instituições ajudaram os acampados, entre elas o INCRA E a igreja católica que na pessoa do padre Luís trazia leite para as crianças.

Os primeiro que vinha, vinha do Marabá sabe, sei lá, num sei que era aquilo não, sei que vinha lá de Marabá e o véi João trazia vinha pra cá dado pelo governo... Do INCRA ou da CPT Quando vinha com o advogado lá. (Sr. D. 63 anos assentado. Entrevista I Tempo comunidade)

Muitas crianças no acampamento, as crianças era o padre que trazia o leite pra eles, aí quando era no dia que ele vinha, de 15 em 15 dias ele vinha e fazia a filinha e recebia aquele leite, cada criança recebia três lata de leite na época [...] Era o padre Luís, ele vinha de Marabá, ele já até morreu, ele já era bem velhinho... (Sra. D. 61 anos agricultora. Entrevista I Tempo comunidade)

Quando perguntada sobre como sobreviviam à época além das doações uma moradora relata:

Prantava, agente prantava os pé de mandioca que chama macaxeira a redor da casa porque num podia fazer abertura, e prantava aquele pezinho de couve pra gente ir comendo, trabalhava fora, no tempo do corte de arroz ia corta fora, uma turma ia quinze dia e vinha ota ia quinze dia voltava aqueles que tava e ia sabe? E os que tava lá vinha pra ficar dando atenção no acampamento pra num ficar só as mulheres [...] Recebemos os lote e passemos pra dentro, fizemos Roça, rocemos derribemos, plantemos, colhemos, arroz mandioca, milho, feijão, batata. [...] só era mermo pra comer porque num tinha quem comprasse[...]Num tinha como. Era aqui mesmo que nós comia... E conde dava nos trocava por com algum vizinho que tinha algum porco ou galinha. Aqueles que tinham né. (Srª M. 66 Anos, agricultora. Entrevista I Tempo comunidade)

Nos acampamentos existentes a questão da sobrevivência é o fator chave para continuidade da luta, devido a isso muitos meios são empregados para subsistência do grupo, desde o cultivo de pequenas plantações ao redor dos mesmos até a saída de parte dos integrantes para procurarem nas imediações do acampamento a necessidade de mão de obra braçal.



Foto 8 Primeiras Plantações no P.A. Fonte: Nascimento 2003.

A época do acampamento, as tensões eram constantes, e por isso sobreviver e alimentar a família também era uma luta. Alguns relatos descrevem pequenas plantações, de macaxeira e hortas comunitárias ao redor dos barracos.

Aí nós resolvemos fazer três alqueires de roça, a comunidade, os sem terra tudo né?!Pra cada um tirar um pedacinho, um planta uma abobora outro planta um quiabo, outro planta um... Aí fizemos a roça três alqueires dentro da mata, aí derrubemos prantemos aí. (Sr. L. 71 agricultor entrevista | Tempo comunidade)

Sobre os trabalhos que os acampados faziam fora do acampamento uma narradora declara:

Trabalhava fora, no tempo do corte de arroz ia corta fora, uma turma ia quinze dias e vinha outra ia quinze dia voltava aqueles que estava e ia sabe? E os que estava lá vinha pra ficar dando atenção no acampamento pra num ficar só as mulher. (Sr.^a. M. 66 anos entrevista | Tempo comunidade)

Após a desapropriação da fazenda e a divisão dos lotes entre os acampados, depois que todos já estavam instalados começaram a preparar o solo para plantios de arroz, milho e feijão, na imagem acima (foto 06) temos uma das

primeiras plantações nos lotes, os mantimentos serviam apenas para o consumo das famílias, mas o excedente eles trocavam entre si numa espécie de cambio de produtos.

Com a chegada das serrarias, carvoarias e comércios a vila ouve uma melhora considerável para os moradores da mesma.

Eu nasci em 24/07/2000 morei em Marabá até os três anos em 2004 eu e minha família vinhamos morar na Vila Três Poderes [...] eu achava ruim na Vila é que minha mãe e meu pai tinha que pagar aluguel porque meu pai ainda não tinha emprego, mas depois disso sete meses meu pai começou a trabalhar em carvoaria meu pai passava toda semana trabalhando e eu e minha mãe, mas dois irmãos ficávamos em casa para ajudar nos deveres da casa e nos finais de semana meu pai Venha visitar nós ou às vezes nós ia visitar ele até que com esse trabalho ele conseguiu juntar o dinheiro para comprar nossa própria casa depois disso foi melhorando (Anexo 14 T. 19 anos 3º ano. Estagio intervenção VIII Tempo comunidade).

Para os agora assentados a abertura da estrada e as linhas de credito trouxeram uma melhora considerável e os meios de produção evoluíram. Os empregos criados e os créditos para as famílias tornaram a vida das famílias mais confortável. Logo as famílias que estavam cadastradas na relação de beneficiários do INCRA começaram a terem benefícios liberados, isso incluiu o fomento que permitiam aos agricultores comprar equipamentos e insumos, possibilitando o aumento de sua produção e renda. E também o Pronaf que segundo o catalogo de programas do governo para projetos:

É um sistema de crédito rural de acesso simplificado que visa promover o aumento da renda familiar, a criação de novos postos de trabalho no campo e o estímulo á produção de alimentos. O Pronaf apoia atividades agropecuárias e não agropecuárias desenvolvidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombolas, pescadores artesanais, aquicultores. Extrativistas, silvicultores, ribeirinhos e indígenas. Os créditos podem ser concedidos de forma individual e/ou coletiva. (Pag. 47)

Em 2009, o Pronaf prevê crédito para investimento e custeio na agricultura familiar, créditos para agroindústrias familiares (custeio, investimento e comercialização) e linhas especiais para jovens e mulheres, bem como as “linhas verdes” Pronaf agroecologia, Pronaf Floresta e Pronaf Eco- Que visam o desenvolvimento rural sustentável na agricultura familiar em todos os seguimentos.

O Pronaf ainda oferece o programa mais alimentos, que consiste numa ação estruturante de longo prazo ao que permite ao agricultor familiar investir em modernização e aquisição de maquinas e de novos equipamentos, para correção e recuperação de solos, refrigeradores de leite, melhoria energética, irrigação, implantação de pomares estufas e

armazenagem. O Pronaf mais alimentos contempla projetos associados á produção de produtos alimentares: olerícolas, frutas, feiã, milho, mandioca. Carnes, trigo e leite. (Idem)

Grande parte dos assentados que solicitam esse recurso, o fazem para aquisição do gado de leite. Segundo eles, as culturas perenes não trazem o mesmo resultado financeiro que a criação de gado, assim a renda acaba centralizada no leite, o que gera na região um monopólio das estações de tratamento de leite sobre o custo do produto na região. Segundo alguns moradores mais antigos da região não se produzem mais grãos na região e com saída das carvoarias e serrarias ficou bem difícil para aqueles que tinham nessas linhas de produção sua renda, assim atualmente fonte de renda local se fixa exclusivamente no leite, visto este ter escoamento certo graças aos laticínios que estão no entorno da vila.

A renda hoje daqui é esse leitezinho que tá tendo e algum bezerro que vende, porque o legume acabou, num vou dizer que é legume por que... de primeiro era legume, mas hoje num tem... Quando é no tempo da lavoura aqui você caça cem... Dizer assim caça um lugar aqui para compra cem saco de legume que você num acha, [...] hoje aqui a renda daqui tá tendo aqui nas Três poderes é o leite que a turma tão tirando e algum bezerro que vende e só é a renda que tá correndo aqui dentro é essa dai (Sr. D. 63 anos agricultor entrevista | Tempo comunidade)



Foto 9 Produção leiteira, fonte de renda da região Fonte: Santana 2017

Há... (pensativo) naquela época tinha mais movimento de madeira, a renda era serraria, hoje é o leite [...] serraria acabou... Mas o detalhe é que foi embora, mas veio o leite né! [...] Então a renda hoje aqui é o leite [...] Só o leite num tem outra renda não, acabou serraria, carvoeira o leite o colono vende pra poder comprar e fazer dinheiro... É o leite só isso. (Sr. G. 36 anos Comerciante entrevista I Tempo comunidade)

Os moradores são unânimes em afirmar que o leite se constitui atualmente na vila e região como a principal fonte de renda, e que esta se solidificou como principal meio de ganho quando da retiradas das serrarias e carvoarias da região. Os assentados quem tem sua renda exclusiva no leite ficam nas mãos dos laticínios que compram o produto por preços muito baixos. Mesmo Assim os pequenos produtores que sem nenhuma estrutura ou apoio trabalham incansavelmente pela subsistência (foto 09) ficam expostos à exploração comercial do valor do leite

A perspectiva de produção da região tem se fixado no leite e seus derivados, próximo da vila existem duas queijeiras, que são pequenos polos de produção familiar de queijos. Os produtores afirmam que é um negocio rentável, mas principalmente no inverno, pois a qualidade do leite no verão interfere consideravelmente no valor e na qualidade do produto final. Visto que com as chuvas as pastagens mais abundantes e a água com maior facilidade no acesso permite ao rebanho menos esforço e conseqüentemente mais energia, causando assim ganho de mais gordura e menos musculo, o que na visão dos pequenos produtores torna o leite mais sedimentado causando assim maior rendimento.

Mas não se pode olvidar a grande quantidade de açaí que o PA e a região do rio preto escoam durante a safra, segundo o Sr. Josivaldo proprietário da única beneficiaria de polpas de frutas e associado da cooperativa Família Agrícola – COOFAMA - a região do Rio Preto que compreende em média uns 300 km de extensão desde a saída de Marabá até a saída para Repartimento á uma produção considerável de frutas na região, que poderia ser maior se caso os agricultores quisessem produzir, ainda segundo ele nos últimos três anos o comercio de açaí na região movimentou em media três milhões de reais nas safras que vai do mês de maio até meados de Setembro.

O açaí é o “carro chefe”, mas existem produtores de banana, acerola, abacaxi e cupu Açú. Que grande parte das frutas que chegam a sua indústria vem

das imediações. Mas que a época do açaí a região movimentava muito a economia local. No entanto percebe-se que estas produções por serem por estações não tem o mesmo reconhecimento que o leite tem como renda. Mesmo tendo os projetos de incentivo do governo como os citados acima que também contempla a produção de frutas e legumes, não houve nenhum agricultor que o tenha solicitado para essa finalidade. As razões para essa preferência em relação ao Leite em vez das culturas perenes como o arroz milho e feijão pode ser relacionadas à falta de condições para o cultivo ou a cultura leiteira instaurada no meio dos camponeses, E um dos relatos corrobora para essa afirmação.

E hoje aqui dentro num tem quem... Acabou as lavouras acabou, num tem quem trabalhe de roça, hoje todo mundo diz assim eu tenho minha roça, mas num tem quem trabalhe de roça mais... (pensativo) as lavouras acabam, as mata se acabou outros acabou antes do tempo as mata mesmo, derrubou para criar gado, acabo antes do tempo. Hoje trabalhar de roça só é eu e o Simão ali que inda faz um pedacinho e o Chico da Aurora que inda trabalha e o Lourival também o Come, o resto ali pra meu lado... Essa daí que mesmo sabe que nenhum tem roça, acabo tudinho ninguém tem roça, aí o que comer é comprado, aí tem que arar a terra... Sr. D.



Foto 10 Colheita do Açaí. Fonte: Gomes 2019

1.3 A ESCOLA - VAMOS FAZER O COLÉGIO? VAMOS, COMO QUE FAZ?

A frase acima foi à questão suscitada por alguns assentados, quando com a chegada de mais moradores, perceberam que a escola teria um papel fundamental na comunidade.

O primeiro relato de escola durante a ocupação fala sobre aulas que ocorriam no barraco de um dos líderes do movimento, os alunos frequentes eram os filhos dos ocupantes, cerca de 20 crianças, e mais quatro adolescentes. Os acampados sentiram a necessidade do ensino escolar para os filhos, assim quando separaram o local da vila, e os começaram a migração das serrarias os moradores se uniram para construir o local. Suas inquietações a respeito da escola se concentravam na estrutura física, mas logo descobririam que o verdadeiro sentido da escola. No momento espaço físico naquelas condições tinham grande importância, pois as crianças não tinham um lugar adequado para se reunirem, no entanto questões cruciais de aprendizado como os sujeitos proponentes e o currículo eram olvidadas naquele instante. Somente bem depois daquele tempo em circunstâncias melhores eles cairiam em si em relação à importância do currículo como formador de identidades.

A escola primeiramente começou lá na casa do seu João, fizeram um barracão... Eles estudava lá, só era uma escola pra essa turma todinha. Aí de lá fizeram, foi o tempo que cortaram a vila, a vila num era cortada nessa época aí cortaram a vila e fizeram uma escolinha coberta de palha, aí vieram estudar aqui na vila. (Sr^a M. 66 Anos entrevista I Tempo comunidade)

A primeira escola fundada pelos próprios moradores em meados de 2003 começou a funcionar em 2004 num barracão improvisado, composto de dois cômodos, a sala de aula e a cozinha que também servia se secretaria e biblioteca, sua estrutura era madeira e cobertura de palha uma parte, e outra parte foi coberta de Brasilit devido os desgastes dos utensílios e livros pela chuva e umidade.

Vamos fazer o colégio? Vamos, como é que faz? Num tem... Coisa pra fazer o colégio, atravessamos do outro lado; eu o irmão e o compadre Ormá e tiremos aqueles zói de palha do primeiro colégio (Sr. D. 61 anos agricultor, entrevista do I Tempo comunidade)



Escola Adão Machado da Silva

Figura 11. Escola construída pelos moradores. Fonte: Gomes 2005

Com a construção da escola além das aulas as reuniões da comunidade começaram a ocorrer também no barracão improvisado, o que trouxe a comunidade para dentro da escola, e esta começou a perceber a falta de estrutura que seus filhos tinham para aprender, a imagem acima (foto 11) é o aspecto da escola num dia de reunião da comunidade em 2005.

Escolinha pequena onde tinha só uma sala de aula, de tábua a escola era de tábua coberta de palha, no fundo só era uma cozinha muito pequena e a secretaria junto dividido um fogão pro lado e o armário com o material dos meninos [...] e uma sala só, num tinha muita cadeira (risos) umas cadeiras improvisadas, uns bancos, as mesinhas que os pais mesmo trazia, tinha um diretor que era o Gilmar na época. (Srª L. 36, Professora. entrevista II Tempo comunidade).

Logo após a improvisação da escola, um professor chamado Gilmar se responsabilizou pela escola, desde as aulas, até a limpeza, assim após a chegada do Professor Gilmar foram formadas as turmas compostas dos filhos de assentados juntamente com os filhos de comerciantes e trabalhadores da indústria madeireira, era oferecidas duas turmas, manhã, e tarde não havendo aulas a noite, pois não tinha energia a época. Como a demanda era muito grande e a escola improvisada pequena muitas crianças ficavam sem ir à escola. No entanto em

2005 três professoras foram contratadas para darem aulas na escolinha, pois aumentou consideravelmente à quantidade de alunos das series iniciais.

Então em 2005 aumentou tanto o numero de aluno que não foi só eu que vim pra cá, veio eu com duzentas horas duas turma de primeira série, professora Raimunda Gomes com uma segunda série e uma terceira [...] e uma turma de quinta série que era modular, veio a professora Dalline, Professora Raimunda e eu, tudo num ano só. (Srª Professora L. 36 anos. Entrevista II Tempo comunidade).

Com o crescimento do numero de alunos, dentro de um ano a demanda de duas turmas subindo para cinco turmas cresceu também a necessidade de mais espaço e a escola recorreu à comunidade que cedeu o salão paroquial para as aulas e criaram-se turmas no horário intermediário.

Como a escolinha num dava aí funcionava na igreja improvisado... E numa salinha cedida do lado como hoje quem mora é a Professora Graça ali uma salinha cedida, trabalhava intermediário, funcionava de manhã, intermediário e a tarde... E tinha uma turma de jovens e adultos a noite... Aí quando foi...aí no mesmo ano cresceu tanto o numero de aluno que em junho quando estava difícil demais pro Professor Gilmar lidar com cem horas que era a quarta série e indo pra Marabá resolver as questões administrativas porque ele era responsável pela escola na época, aí ele arrumou a semed mandou um professor Reginaldo pra tomar conta da quarta série e o Professor Gilmar ficar só na direção da escola. (Srª L. 36 anos, professora. Entrevista II Tempo comunidade).

A estrutura da escolinha improvisada deixava muito a desejar em questões estruturais e de pessoal, segundo a Professora L. Só em 2006 foram contratadas mais pessoas para ajudar na escola, mas as estrutura estava precária, as chuvas eram vilãs do processo educativo.

Já em 2006 quando chovia aí entrava enxurrada, molhava tudinho encima, molhando assim que o telhado era palha aí foram afastando assim e molhava tudo dentro da salinha... Quando chovia os meninos só colocava o caderninho debaixo da carteira a gente esperava a chuva passar porque nem pra escrever num dava molhava tudo mesmo. (IDEM)

E mesmo nestas condições temos relatos de alunos que fala desse período com orgulho, pelo aprendizado recebido, no entanto não citam a estrutura escolar.

Eu nasci em 24/07/2000 morei em Marabá até os três anos em 2004 eu e minha família viemos morar na Vila Três Poderes em 2006 comecei estudar na escola Adão Machado de da Silva minha primeira professora foi a Lucinete onde aprendi muitas coisas. (Anexo 14 T. 19 anos 3º ano entrevista VIII Tempo comunidade)

No ano seguinte graças as reivindicação veementes da população inclusive com o fechamento da estrada seria construída um prédio escolar constituído de quatro salas de aula, cozinha secretaria banheiros e pátio e trazida até a vila à luz elétrica pelo programa Luz para todos estes alcançaria as casas no PA.

Mas aí eu lembro bem da manifestação, paralisou tudo, eles foram ali e fechou a estrada, aí conseguiram a energia, aí deram um prazo no prazo certinho foi cumprido e a escola também, aí construiu o prediozinho da escola, mas só com quatro salas, quando a gente saiu da escolinha que já veio pro prédio novo (Srª L. 36 Anos, professora. Entrevista II Tempo comunidade).



Foto 12 Escola Adão Machado - Nova Estrutura Fonte: Nascimento 2014

Com a construção do Prédio escolar, a melhoria em relação ao conforto dos alunos se tornou visível, no entanto ainda não era o suficiente. Sua fachada seguia os padrões das escolas municipais (foto 12) suprimindo em partes as necessidades que as crianças locais tinham. Mas mesmo após a construção do prédio escolar a demanda de alunos ainda não foi contemplada por completo e além das turmas regulares era trabalhadas também turmas no intermediário.



Foto 13 - Anexo da Esc. Adão Machado Fonte: Nascimento 2012

Num atendeu a demanda, continuou com o intermediário porque só eram quatro salas e a gente já tinha umas seis turmas na época... Já tinha umas nove turmas porque se fosse seis daria ne. Aí continuou intermediário, manhã, intermediário, tarde e noite... E foi assim melhorou um pouquinho, mas num deu pra suprir as necessidades que continuou com o intermediário. (Sr^a L. 36 anos, professora. Entrevista I Tempo comunidade).

Segundo a professora em 2009/2010 época em que estava na direção escolar às estatísticas iniciais contava uma demanda de 600 alunos distribuídos nas salas do prédio escolar, salas cedidas e alugadas também. Ainda segundo ela hoje não tem mais essa quantidade de alunos devido à saída das carvoarias e madeireiras.

A pesquisa de campo do tempo comunidade da primeira etapa 2015 tinha como temática os processos educativos formais e não formais na comunidade, como se concretizam, a estrutura disponível, os sujeitos envolvidos e a orientação para esses projetos. Naquele ano princípio Sentimos a dificuldade da temática logo que nos vimos sem abertura no corpo escolar, pois quando fomos marcar as entrevistas com alguns profissionais da referida escola, sentimos certa desconfiança e resistência, também observei essa resistência durante as entrevistas, pois, os profissionais da escola parecem incomodados ao falar das mazelas de descaso publico evidenciados ali, percebi que eles preferiam a todo o

momento poupar comentários em relação às dificuldades, mas enaltecer as conquistas.

O prédio escolar apesar de novo (construído em 2006) está estruturalmente sucateado precisando de reforma geral, até as seis salas do anexo entregues em principio a escola 2015 sem, no entanto estarem concluídas se deterioraram bastante, as portas dessas salas por serem de um material inferior já estão quebradas, as janelas, os vidros nas janelas nunca foram colocados causando vários transtornos nas épocas de chuva, pois a água da chuva além de molhar a sala e seus utensílios causa corrosão nas estruturas de ferro das janelas, e isto aliado ao fato da temperatura nas salas durante o dia ser altíssimas o desconforto entre os alunos é constante.

A promessa era que as salas em anexo seriam entregues para darem início as aulas no início do ano, mas que, os trabalhos de acabamento das mesmas continuariam, mas infelizmente isso não ocorreu o que causa uma série de transtornos aos alunos. Mesmo com essas dificuldades em relação ao anexo um dos coordenadores da escola considera um progresso, usando mesmo a palavra vitória para se referir a entrega das salas em anexo.

Uma vitória tivemos, foi que acabamos com os anexos, eram salas fora da escola que era muito difícil de controlar o alunado, e hoje em dia nos temos todos os alunos no espaço escolar. (Sr. L. 38 anos, professor. Entrevista III Tempo comunidade).

Ainda assim ele complementa sua fala dizendo que ainda existe uma sala fora do prédio escolar que é usada pelos alunos como sala de aula devido à falta de espaço assim ele pontua “atualmente ele não está o ideal ainda porque nós temos uma, uma sala fora do prédio, do corpo escolar”. (Idem)

No entanto há inúmeras queixas sobre a falta de espaços para a realização de inúmeras atividades que seriam muito úteis para o aprendizado, é o caso da biblioteca e da sala de informática, pois a escola não possuindo esses espaços os trabalhos de pesquisa dos alunos ficam praticamente inviáveis. Além dessas queixas outras tantas são enumeradas, como mais salas de aulas e espaços administrativos, de interação e aprendizado.

Mas ainda é necessidade de ter mais salas, não temos aqui uma biblioteca uma sala de computação a gente não tem pra o nosso alunado, nosso espaço temos, mas não temos essas salas. Salas de professores nós não temos. Então o prédio em termos de infraestrutura ainda falta muita coisa, falta ter reformas, faltam salas de biblioteca, de computação, então

acho que falta muita coisa, e é os órgãos competentes em Marabá que deveria ajudar né, e a gente está esperando essa ajuda, não pense vocês que a gente procura ou pede, a gente está esperando. (Sr. L. 38 anos, professor. Entrevista III Tempo comunidade).

Em relação ao calendário escolar, segundo a direção da escola não se adequa a realidade da comunidade em que está inserido, causando graves prejuízos para aqueles alunos que precisam se ausentar em alguns períodos do ano devido às atividades familiares na lavoura. A escola se isenta dessa responsabilidade argumentando que o calendário escolar seguido é o proposto pela Secretaria de educação do município, percebo uma falta de conhecimento com o conceito de educação no campo pela fala de alguns sujeitos da escola, que continua a padronizar o ensino dando preferência ao modelo urbano ao invés de adequar o calendário a realidade camponesa da escola.

Outro ponto bastante controverso do ensino na escola Adão Machado diz respeito ao currículo escolar, que a segundo nossa percepção a assemelhasse as escolas urbanas, mesmo sendo uma escola rural, que oferta um ensino para filhos de agricultores, sofre influência direta do pensamento homogêneo do Estado em relação à educação, sendo assim, há um conflito gritante da realidade camponesa da vila com o meio pedagógico, a didática empregada, e a forma de ensino ofertada nessa escola. Quanto ao corpo docente, composto na maior parte dos casos por pessoas da própria comunidade, há um consenso geral entre os professores com os quais conversamos que em relação às metodologias pedagógicas empregadas são suficientes para o aproveitamento escolar.

Por conseguinte nossa análise sobre a escola Adão Machado da Silva se constrói na perspectiva de pesquisadores acadêmicos do curso de educação do campo, assim pelo conhecimento a que fomos submetidos nesses quatro anos de curso nos causando estranheza o fato de mesmo estando em uma zona rural, a escola oferta aos seus alunos filhos de agricultores uma educação centrada na ideologia urbana de ensino, sem a preocupação de adequar o calendário ou o currículo a realidade campesina. Os profissionais que atuam na escola mesmo sendo moradores da localidade e reconhecendo sua situação econômica voltada pra agricultura não se desvencilham do padrão urbano de ensino, mas adota-o como um modelo a ser seguido independente dessas pratica trazerem prejuízos culturais sociais ou mesmo de aprendizado aos alunos.

Cada vez mais empregada nos meios acadêmicos como metodologia de pesquisa para uma investigação social da vida dos espaços e das culturas assim historia oral se tornou o ponto chave da nossa pesquisa pelas suas características de inserção e luta política. Assim partiremos da premissa que as narrativas orais expostas aqui nos darão embasamento para compreender as problemáticas dos sujeitos, das culturas, memórias e identidades. No entanto, aqui não queremos nos colocar como historiadores, mas como ouvintes, pois o que pretendemos se baseia na definição de Portelli dada numa entrevista produzida pela TV Interaja já citada nesse trabalho.

O que nos fazemos é dar voz as vozes, porque são eles que dão a voz para nos, mas nos podemos de certa forma, ampliar suas vozes de tal modo que possam ser ouvidas além de suas comunidades que de outra forma não os ouviria (Acessado em 20/09/2018).

O ato de dar voz implica não somente recontar suas histórias ou traduzir em palavras os fatos relatados, mas fazer emergir memórias, emoções, revelações, superações, perspectivas, com a intenção de suplantar a distancia entre o presente e o passado levando essas histórias para além do âmbito familiar em que ocorreram apresenta-las a comunidade, e para isso necessitamos submergir nas mesmas, olhar com outros olhos fatos que se por um lado temos um pré-conhecimento sobre o mesmo e dessa maneira subconscientemente já temos considerações prontas de outro podemos nos deparar com relatos que são totalmente desconhecidos e somos levados pela narrativa de outros. De toda forma o ato de ouvir para recontar e recontar para outros se torna.

No decorrer do percurso formativo muito se frisou de como o tempo tem um papel fundamental na construção das identidades e conseqüentemente das perspectivas, afetado assim as próprias narrativas de como o sujeito se enxerga hoje a partir das suas vivências passadas. Delgado afirma que:

O tempo é elemento fundamental ao estudo da história [...] Mas, apesar de aparentemente abstrato, o tempo é uma vivência concreta e se apresenta como categoria central da dinâmica da história. (DELGADO, p. 09, 2018)

Muitos escritores escrevendo sobre o tempo e suas mudanças fazem reflexões sobre o modo como sua existência se manifesta na vida dos seres humanos. Assim Delgado cita Elias Norbert em seu livro - O tempo - que diz: "O tempo não se deixa ver, ouvir, saborear, nem respirar como um odor" (NORBERT pag. 07 1998) Para ela "O olhar do homem no tempo e através do tempo, traz em

si a marca da historicidade.” (DELGADO. p. 10 2007) Assim temos os efeitos da temporalidade sobre os processos vivenciados pelos homens que perpassa as suas experiências passadas e se materializa na sua realidade presente e Delgado continua:

São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história. As análises sobre o passado estão sempre influenciadas pela marca da temporalidade. Ao se interpretar a história vivida, no processo de construção da história conhecimento, os historiadores são influenciados pelas representações e demandas do tempo em que vivem e a partir dessas representações demandas, voltam seus olhos para o vivido reinterpretando-o, sem, no entanto o modificar. (IDEM)

A história da vila três Poderes é uma história de varias vozes, que ora se fundem, ora se chocam, ora se entrelaçam, mas sempre se complementam em algum momento. Toda história tem um antes, que está registrado na memória do sujeito que viveu aquela história, e muitas das ações deste são influenciadas pelos acontecimentos passados. Mas de que forma a memoria do sujeito se constrói?

Maurice Halbwachs foi o primeiro sociólogo a resgatar o tema da memória para o campo das interações sociais. Rejeitando a idéia corrente em sua época de que a memória seria o resultado da impressão de eventos reais na mente humana, ele estabeleceu a tese de que os homens tecem suas memórias a partir das diversas formas de interação que mantêm com outros indivíduos. Assim sendo, determinadas lembranças são reiteradas no seio de famílias, outras entre os operários que trabalham em uma fábrica e assim por diante. Como os indivíduos não pertencem apenas a um grupo e se insere em múltiplas relações sociais, as diferenças individuais de cada memória expressam o resultado da trajetória de cada um ao longo de sua vida. A memória individual revela apenas a complexidade das interações sociais vivenciada por cada um. (ARAUJO e SANTOS. P. 96, 2007)

A partir dessa premissa de interação social podemos afirmar que as memórias são um reflexo das nossas experiências e interações sociais podendo ou não resultar em discursos individuais subjetivos com uma perspectiva individuais ou narrativos objetivas com um discurso coletivo. Assim como as interações sociais são fatores que constroem e sustentam a memoria, o tempo influencia o modo que essas narrativas se constroem.

Um fator que em certa medida influencia o modo como são construídas a narrativa é o tempo. As passagens do tempo nas narrativas podem ser de uma forma linear onde o narrador inicia seu discurso contando fatos que ocorreram em sequencia, e nesse caso essa linearidade se torna para quem fala um sustentáculo da sua fala, pois acredita que ao datar os fatos estes se tornam verossímeis.

Nesse contexto podemos citar as falas da senhora L. ao relatar os caminhos que percorreu desde a infância até a data que conversamos.

Aí eu fiz o concurso em 2003 já morando lá na voltinha com essa turma de jovens e adultos, fiz o concurso em 2003, aí a expectativa era passar no concurso e retornar pra minha vila que era a Santa-fé [...] Aí eu terminei... Ainda em 2003 fui chamada... Em setembro de 2003... Aí fiquei no PA Tamboril final de 2003, 2004 todinho, quando findou o ano de 2004 a turminha era uma turminha multisérie de 15 alunos, 04 alunos foram aprovados para quarta... Pra quinta série [...] Aí as meninas lá na SEMED... Secretária de educação falou, só tem a Três Poderes, é uma vila que tá iniciando agora e provavelmente pro ano que seria 2006... Vai ter vaga. Aí eu vim conversei com o diretor Gilmar e ele disse que a expectativa da vila aumentar o número de aluno era grande. Ele estava muito apertado quase no final do ano de 2005 com muito aluno a escolinha lotada só com duzentas horas duas turmas, aí eu já falei se surgir mais aluno se surgir turma me fale que eu quero vim pra essa vila. (Srª L. 36 anos, professora. Entrevista I Tempo comunidade).

Além dessa linearidade narrativa encontramos também nos relatos o inverso. Várias narrativas não situavam suas falas numa linha temporal, mas construía seus relatos aleatoriamente, mesmo sendo orientadas a falar sobre suas origens as narrativas surgiam de modo atemporal, falando de situações ocorridas à medida que vão se recordando e baseando-se no grau de importância dos fatos, e daí representavam sinuosamente a sua história, sem, no entanto se ater a uma continuidade é o caso dos relatos da Sra. M. que vem e vão conforme os fatos ela surge conforme a narradora quer apontar. “A narrativa oral que ignora a sedimentação do discurso escrito é temporal e não espacializadora” Idem, pág. 44.

Temos assim falas carregadas de emoção, subjetividade, individualidade e incompletude que se acercam de outras falas que também possuem as mesmas características e ainda outras. Assim do encontro destas constroem-se relatos coletivos surgindo então narrativas históricas que são singulares no enredo, na concepção, nas narrativas, pois mesclam vivências de vários indivíduos numa história única que contempla a todos de uma forma ou de outra no tempo e no espaço.

1.4 REMEMORAR É RECONSTRUIR

Nas primeiras sociedades recordar o passado era um ato de aprendizado, e por centenas de anos esse processo educacional foi desenvolvido na comunidade, e tinha como objetivo principal a transmissão de conhecimentos, valores, cultura etc. Assim para os sujeitos primitivos lembrar era muito mais que trazer a tona uma memória individual ou coletiva, pois o aprendizado repassado para todas as gerações envolvia exclusivamente questões de sobrevivência, como a divisão de trabalho em busca do alimento e no caso das sociedades nômades a proteção do grupo. Na atualidade recordar tem se tornado algo complexo que cada vez menos indivíduos têm domínio, Segundo Walter Benjamin (1994) “A arte de narrar está em vias de extinção”. Ao contrário dos primitivos não necessitamos partilhar oralmente para as gerações posteriores às vivências culturais de geração a geração como ato de sobrevivência. Ele continua: “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” pág. 01 para ele a empiria continua em baixa desde a grande guerra quando os horrores dos campos de batalha deixaram milhares de soldados ao retornarem para casa “mudos”, pois não queria macular seu lar com tanta tragédia que a guerra produziu em suas vivências em campo de batalha pág. 01. Mas o principal responsável ainda segundo ele é a difusão da informação. “Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio (Pag. 203)”.

Cada vez que lembramos um fato, uma fala, um acontecimento ocorrido conosco ou com nossos pares tendemos a reconstruir essa memória de uma forma singular, às vezes são acrescentados elementos que não apareceram antes, outras vezes omitidos, certo é que a cada escuta de uma mesma história por um mesmo falante se consegue captar algo novo e mesmo essencial no contexto do momento, seja em palavras, seja em manifestações físicas, seja na entonação da voz ou mesmo na colocação de palavras, conseguimos relacionar algumas diferenças.

Terminei o fundamental e aí na Santa-fé num ensino médio aí o primeiro ensino médio que veio era magistério, alguns colegas meus deixaram de estudar porque era magistério, eu não num quero parar de estudar era a oportunidade que tem e o magistério eu vou fazer, num tinha assim muita vocação, num dizia quando eu era pequena que eu ia ser professora, nunca disse mais aí eu fui à necessidade, aí fiz três anos de Magistério,

quando terminei o magistério ai surgiu uma oportunidade de trabalho, aí já estava casada... Já. Tinha uma filha pequena e a necessidade a vontade trabalhar, de ganhar dinheiro, ter meu. Dinheiro. Falei rapaz... Num era bem minha vocação ser professora nunca tive esse sonho... Mas [...] trabalhando com jovens e adultos comecei agostar, gostar aí pronto, a educação e assim quando a gente entra diz que vai parar logo a não num quero ser professor não só vou... Como se diz... Trabalhar um pouco tipo ganhar um dinheiro pra ir fazer outra coisa. Mas aí a gente aprende a gostar tanto que é... Pega é contagiante (risos). (Srª L. 36 anos, professora. Entrevista I Tempo comunidade).

A fala da professora quando reconstitui os caminhos que a levaram ate a escola na vila três poderes um desabafo, que a leva a refletir acontecimentos passados, ela vai narrando os acontecimentos e criando imagens em nossas mentes quando fala nas dificuldades que os sujeitos que vivem na zona rural com poucas Para Benjamim a narrativa tem dimensões que distinguem a narrativa, ele afirma;

Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (IDEM pag. 4)

Tem momento que eu quero ir pra rua assim porque eu fico muito doente aqui né, porque eu tô com osteoporose nos osso tem dia que você fica com uma fraqueza nos osso que você num aguenta fazer nada, Ó a cor da minha casa é porque eu num aguento tá lavando tá limpando, aí tem dia que eu me da vontade de ir embora aí à mesma hora eu desanimo, porque aqui pra mim é como um cantinho do céu né. Aqui é como um cantinho do céu. (Srª. D 61 anos, agricultora. Entrevista I Tempo comunidade.).

Cada uma das famílias que desembarcaram na fazenda Três Poderes naquele verão de 1999 apostava suas esperanças naquele pedaço de chão que chamariam de lar, todas suas cargas de experiências anteriores se somariam a mais uma que mudariam sua historia. E é sobre essas historias que temos nos debruçado, pois seus relatos ricos de experiências nortearão nossos estudos, pois mais que rememorar, queremos ter a experiência de revivê-los ao ouvir e isso requer de nós pesquisadores algo que Benjamim diz ter se perdido nos dias de hoje refiro-me ao ato de quedar-se para ouvir, interessar-se pelo que o outro tem a dizer, ter prazer em escutar experiências e extrair delas lições. Antigamente era muito comum o ser ouvinte. Escutar fazia parte do dia a dia das pessoas, independente da circunstancia espacial seus afazeres estavam intimamente ligados ao ato de contar historias, narrar fatos e assim conservar as memorias da comunidade. Sua “forma artesanal de comunicação” pag. 09

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narra-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 1996, p. 205).

Estudar alguns aspectos narrativos das histórias da comunidade será nosso desafio, pois quando se consegue extrair histórias de vida em que os personagens têm desnudados seus passados somos brindados de muitas formas com a partilha dessas narrativas. Mais que meras histórias, são nossas histórias, do nosso passado, da nossa comunidade.

1.5 A MEMORIA E SUAS ESTAÇÕES

Recordar é viver já dizia o provérbio, no entanto poderíamos acrescentar Recordar é viver duas vezes. As narrativas tecidas pelas recordações por vezes impregnadas de emoções nos faz refletir sobre em que medida estas podem ser modificadas pelos sentimentos, e quando falo modificadas não quero com isso suscitar especulações relacionadas a veracidade, pois como pesquisadores não podemos refutar as falas como inverdades, no entanto devemos sempre questionar os porquês das mesmas, Depois de quase duas décadas desde a ocupação, de que forma os participantes da ocupação se lembram dos fatos e porque?

Mas as indagações ficarão para adiante, no momento vamos nos ater as memórias e falas carregadas de emoções extraídos das narrativas, queremos compreender como elas se constroem e que dispositivos utilizam para intensificar a fala, e quem que ponto se manifesta nas memórias. Em uma das conversas com moradores que participaram da ocupação, fizemos algumas indagações a respeito de vários assuntos, foi o caso da senhora M. que perguntamos se ela recordava a divisão em alqueires e a quantidade de famílias beneficiadas à época:

Me lembro também não, mas parece que é cento e pouco, também num me lembro quantos morado tem na época num sabe? Que entrou nos

lotes [...] Quantas família é isso aí é que eu num me lembro, porque se eu lembrasse eu sabia quantos alqueire nós fiquemos né? (Sr^a M. 66 Agricultora. Entrevista I Tempo comunidade).

No decorrer da pesquisa notamos que a maior parte das narrativas era tão somente o passado dos narradores interpretados e representados por palavras, e que esse passado só era manifesto pelo veículo condutor da memória, assim representar fatos passados em falas consistia em interpretar as recordações que se tinha destes, mas essas falas interpretadas ou reinterpretadas poderia vir cheia de significados o que tornaria esta narrativa bastante individual, mesmo que outros tenham direta ou indiretamente participado do mesmo os significados que se dão aos fatos variam de narrador para narrador. No entanto “a memória individual não está inteiramente isolada e fechada, haja vista que, em geral, o indivíduo recorre às lembranças de outrem para evocar seu próprio passado” como cita Oliveira e Simões parafraseando Halbwachs, o mesmo texto também afirma que “memória individual se baseia naquilo que é visto, feito, sentido e pensado pelo indivíduo em determinado momento do tempo, a qual não se confunde, por isso, com as lembranças coletivas”, pois segundo obra as lembranças não são criadas encima de uma base comum.

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados e noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte da mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2006, p. 39).

“O fato de rememorar acontecimentos carregados de significados contribui de forma positiva para redescoberta de identidade” é o que diz Woodward, na obra organizada por Tomas Tadeu da Silva – Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Ou seja, o ato de relembrar buscando na memória fatos do passado afirmando identidade pode gerar novas identidades. Assim temos a memória como o elemento ativador de representações identitárias. Em outras palavras eu sou a junção das experiências vividas, mas só consigo sustentar essa

identificação relembrando, por isso a importância das memórias para concretização da identidade. Na sociedade contemporânea, o lembrar da memória humana tem sido deixado de lado em favor das memória artificial, assim temos uma geração que deixando o hábito de lembrar perde sua base histórica. Deixando a cargo de a tecnologia dizer quem são de onde vieram e porque estão aqui. Aqui cabe mencionar que as questões existenciais ou as lacunas presentes no emaranhado das memórias humanas em muitos casos se devem a esse desapego de não se preocupar com questões identitárias que se afirmam e conceitua-se em suas vivências passadas.

E quando a mesma história é contada por sujeitos diferentes que tecem suas vivências de forma particular e por isso sua perspectiva de mundo tem contornos diversos de outros sujeitos que viveram o mesmo fato o contexto coletivo do fato em si desaparece e o que emerge dali é uma narrativa individual, cercada de emoções pessoais que de alguma forma tenta direcionar o foco do ouvinte para determinado ponto da narrativa. Suas falas são únicas, não em fatos ou contexto, mas em modo, em emoção, em entonação, em direcionamento, em perspectiva. E o que queremos apresentar aqui é essa singularidade narrativa num espaço de coletividade e como a memória reconta fatos a partir do indivíduo, e como esses fatos tecem a história local numa única composição de vozes.

As maiorias dos sujeitos que entramos em contato para participar da nossa pesquisa são do período de acampamento, por isso algumas questões que tínhamos como pontos principais, perguntamos a todos eles, é interessante notar que a maioria deles se recordava dos que ainda permaneciam na comunidade:

Da minha lembrança tem o Come que eu num sei o nome dele, só conheço po come, tem o Raimundinho, tem o domingo preto, tem a Diomar, tem o Rola... ele morreu mas tá o filho dele o domingo cobrão, tem a irmã Diô, tem o Joelito... Srª M

Olha pá nosso lado ali pro nosso Gabriel Pimenta que é chamado, pá nosso lado que nós pia ali tem pouca gente, ali tá tendo eu... a Madalena...Raimundinho da Luzia...Lourival... O véi João da Dió bem aqui... Lá encima o Chiquim pai da Edinete, cê sabe quem é né? Cisso Purga tamén, esse vei prá cá no início dessa terra nós tivemos aqui arranchado ali, sem isso daqui sem nada, foi só do nosso lado ali o que tem é esse... e pra cá tem o cerulá...má tú sabe cumo pá banda de cá que eu ô sabendo pá bem dizer só o Cerulá. (Sr. D. 63 anos agricultor | Tempo comunidade)

Nesse sentido, a constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre

influência, seja na família, na escola, em um grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. O indivíduo participa então de dois tipos de memória (individual e coletiva) e isso se dá na medida em que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

O negocio e esse... eu vim do maranhão foi por causa de sequeidão de roça de... Casei tive meus filhos, [...] e de lá pra cá eu desgostei do maranhão foi por causa disso, Ai tinha uns irmão aqui no Pará... [...] tive três meses lá no 30 trabalhando lá numa serraria e dessa serraria voltei ao maranhão de novo e tornei voltar de novo aí eu me desgostei de roça, aí fui nos garimpos andei nos garimpos pisei, ganhei dinheiro não vou mentir, ganhei dinheiro nos garimpo aí cabeí, aí foi o caso deu vim parar no brejo do meio no marabá e do marabá vim parar no brejo do meio por causa de enchente [...] No Brejo do Meio eu morei 15 anos no Brejo do Meio e aí foi o tempo caçando trabalhando de roça e tudo descansou trabalhando nas terras alheias que eu num tinha terra mesmo. (Sr. D. 67 Agricultor I Tempo comunidade)

Essa fala do Sr. D. anos relata parte de suas memórias sobre como se deu sua vinda para o Para, suas motivações pessoais, suas dificuldades ao chegar relacionadas a trabalho. Nesse processo de escuta das narrativas como pesquisadores ouvintes somos levados a imaginar e isso implica tentar enxergar a fala em imagens nesse momento e como diria a professora Jeanne Marie “Você fica ouvindo coisas que você não conhece você ouve coisas que você não espera e de certa forma você se torna outra pessoa” A imaginação se torna para qualquer ouvinte aliada poderosa no ato de submergir para compreender, tendemos a ouvir com as emoções, porque assim o relato se torna mais vivido, e nos apropriamos da historia como se nos mesmos a tivéssemos presenciado.

Porque no inicio era só ansiedade de trabalhar, trabalhar pra ter as coisinhas da gente né o que comer eu me esqueci da minha saúde [...] Ida tô contando com a vitória né e os que morreram [...] Morreu criança, morreu adulto né, morreu o marido duma irmã que a gente ficou com muita dó daquele homem, com cinco filho pequeno e ele todo animado pra ter a terra dele (Sr^a. D. 61 Agricultora I Tempo comunidade).

Mas no campo de pesquisa, e principalmente quando o objeto pesquisado se refere a relatos com tantas singularidades do sujeito entranhado nos fatos se tem a difícil missão de ouvir sem se deixar tocar, ou seja, precisávamos esmiuçar os relatos para conseguir recontar a historia local sem, no entanto se deixar levar pela subjetividade dos sujeitos. Naquela polifonia de vozes devíamos extrair relatos

e somente agregar sentimentos quando fosse necessário para produção do contexto coletivo. Para Halbwachs, não é preciso que as pessoas estejam presentes materialmente, pois “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2006, p.31). É o caso do relato da professora I. que não conhecia a comunidade, mas como ficou sabendo que estavam precisando de professora devido às novas turmas formadas mudou-se para comunidade.

Aí as meninas lá na Semed, Secretaria de educação falou, só tem a Três Poderes, é uma vila que tá iniciando agora e provavelmente pro ano que seria 2006... vai ter vaga, vilinha pequena, escolinha pequena, mas me disseram que teria vaga e eu aventurei. Aí eu vim conversei com o diretor Gilmar e ele disse que a expectativa da vila aumentar o numero de aluno era grande. Ele disse que tava muito apertado quase no final do ano de 2005 com muito aluno a escolinha lotada só com duzentas horas duas turmas, aí eu já falei se surgisse mais aluno se surgir turma me fale que eu quero vim pra essa vila, dai eu vim aqui olhei a vila gostei, tinha poucos moradores na época, não tinha energia, mas aí como eu sou do campo, vivi a vida toda no campo num estranhei morava ali mesmo na Santa-fé dali pra num teve tanta diferença. (Srª L. 36 anos, professora Entrevista I Tempo comunidade).

Grande parte das narrativas é semelhante em enredo, relatam sua vida em dificuldades seus anseios e suas esperanças, mas quando associamos as falas aos modos de contar, as emoções que surgem no meio das narrativas, as caras e bocas que presenciamos a cada dificuldade apresentada, ou o modo como cada um conseguiu superar perceberam além das diferenças dos relatos, detalhes que nos chamaram atenção como os focos narrativos, a alteridade e alternância destes variam de narrador para narrador e podem ser. Assim dada nossa condição de pesquisadores com intenção alcançar o complexo mundo das narrativas de outrem, sem nos deixar afetar pelas emoções apresentadas ou direcionamentos ali expostos, conseguimos presenciar toda uma cadeia de historias que se encaixam, complementam, entrelaçam e se fundem.

Lá fazia muito legume pra mim comer apanhava de 200 volume de arroz 150... mas só arroz, só plantava arroz que...e pra família grande num dava nada, ali nós tinha de comer tinha de beber, tinha de calçar, tinha de vestir...e era daquele arroz nós num tinha direito de apanhar nem um cozinhado de fava seco dentro da roça porque trabalhava no que era alheio, conde terminava de apanhar o arroz o dono já queria o terreno pra botar o gado dento. Aí foi tempo que apareceu as 03 Poderes aqui e o Ormá da Madalena aqui me viu e me chamou pá mim vim pra cá, e eu

tratei cum ele pá vim pra cá (Sr. D. 67 anos agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

Como trabalhador rural o Senhor D teve boa parte da vida, vida marcada pelas dificuldades que encontrou durante a vida para sustentar a família. Sua fala traz uma tristeza e magoa quando diz que além do arroz não tinham direito a nada e toda sua sobrevivência se baseava nas colheitas em terras alheias. Mas as esperanças de vida de trabalhadores rurais sem terra sempre se renovam quando encontram terras improdutivas, como no caso da Fazenda Três Poderes.

As narrativas fortalecem uma ideia de desigualdade social prevalecente e evoca através das mesmas sua revolta, seus anseios, seus conceitos. Para além de narrar os acontecimentos, as falas se convertem em despertamentos para suas necessidades presentes, cria reflexões existenciais e reforça sentidos. CARDOSO afirma que:

As regiões e as pessoas têm pouco marcos em comum nas suas histórias. Este é um campo onde o consenso não existe. Nossa experiência pessoal modela nossa visão dos acontecimentos e até a maneira como os avaliamos, nos diz Hobsbawm na análise do presente como história. (CARDOSO. p. 09, 2008)

Refletindo sobre essas questões podemos então supor que as narrativas que tem como fundamento a memória encrustada num passado repleto de experiências pessoais, individuais e intransferíveis sejam carregadas de seletividade na sua exposição, visto que nem tudo que se vive se conta, ai nasce à omissão ou o esquecimento então surge à questão, porque tantos fatos são relegados ao vale do esquecimento, e o que provoca involuntariamente esse esquecimento.

1.6 MEMORIA E ESQUECIMENTO

Falando sobre lembrar e esquecer Bosi diz: “Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento” (2003, pag. 18).

As narrativas revivem fatos carregados de significados para quem os vivenciou, mas que para nos ouvintes talvez nem façam o sentido que o narrador se propõe, então para se fazer compreender e como forma de abraço ideológico o

narrador tenta despertar no ouvinte simpatia, sensibilidade e artifícios; como a entonação da voz, a argumentação e a omissão. O que irá aparecer na narrativa é aquilo eu o narrador julga essencial para a compreensão de sua perspectiva “A memória oral tem seus desvios, seus preconceitos, sua inautenticidade” (idem) Para Bosi Dificilmente teremos uma narrativa crua de uma vivência particular ou mesmo coletiva, pois as narrativas emergem do oceano das memórias carregadas de representações ideológicas IDEM pág. 25. Como frisou SIMSON “não nos lembramos de tudo o que aconteceu ou que nos foi ensinado ao longo de nossa vida” segundo ele descartamos boa parte das experiências retendo apenas as memórias funcionais, ou seja, aquelas que possuem significado para nossa existência futura, ainda afirma citando Yuri Lotman, um semiólogo falecido que “cultura é memória” ainda segundo ele é esta que fornece o crivo onde os indivíduos purificam suas escolhas, separando o que será descartado do que será retido na memória. (SIMSON 2003)

Por fim temos além da capacidade de reter informações, selecionar as que poderão ser úteis e descartar as que julgamos desnecessárias para vida.

Um exemplo dessa condição de seleção de memória ocorreu durante nossas entrevistas em que dois entrevistados não sabiam sobre a primeira escolinha e o primeiro professor que deu aulas para as crianças do acampamento, que a época tinha pouco mais de sessenta famílias.

Mas e a primeira escola. A senhora sabe quem foi o primeiro professor? Não. Num sei mais nem me lembro. Já faz muito tempo. (Sr^a M. 66 anos. Agricultora, I Tempo comunidade).

Num sei, num tã bem alebrado as pessoas que foi estudar... Que foi ensinar ali primeiro que eu num tem bem lembrança, que aí depois que cobriu o colégio eu num tinha fii pa estudar e eu fiz pouca frequentia pra lá, passei pra minha roça mermo ficava pra lá e aí... eu fiz pouca frequentia, mas daqui de dento me pregunte certas coisas mais pesada aqui de dento que eu conto tudinho que eu tava por aqui tudinho eu sei contar isso daqui. (Sr. D. 63 Anos Agricultor, I Tempo comunidade)

Logo no principio os relatos trazem uma informação crucial para compreensão do marcador demográfico local. Pelos relatos se percebe a multiplicidade de pessoas de varias localidades. Varias famílias acampavam há algum tempo em uma fazenda chamada barreira localizada a exatos 20 km da

“curva do S” na rodovia PA 150 em Eldorado do Carajás. Alguns relatos sugerem que havia uma falta esperança de desapropriação da terra instigada pelos líderes do movimento, mas que perceberam serem infundadas as informações que chegavam até as famílias.

Porque o povo descobriu que o homem tava mentindo, aí o pessoal desanimou desmanchou todo mundo lá os que descobriu aí veio pra cá e ele ainda ficou tapeando o povo lá mentindo pro povo, mas nunca conseguirão a fazenda [...] Barreira Branca. Ela nunca foi liberada. (Sr. L 71 anos, Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

Em todos os relatos que ouvimos essa é a única vez que temos a informação que os acampados da barreira Branca saíram do local por ter descoberto que os líderes do movimento mentia a respeito da desapropriação das terras, todos os outros relatos de participantes da incursão vinda da Barreira Branca sugere que a informação que surgiu no acampamento seria que uma Fazenda estaria em vias de desapropriação. E alguns relatos ainda vão além contrariando todas as outras narrativas. “Aí surgiu essa fazenda 03 Poderes aí nós se reunimo um grupo de lá de dentro o pessoal do acampamento acompanhando orientação do sindicato”... No entanto, logo esse narrador volta atrás em sua fala e diz: “não vamos botar o sindicato né, deixar fora né... orientação nossa mermo. Aí tinha essa fazenda ganha, o povo falava que ia ser desapropriada” Contrariando esse relato a narradora M. direciona a responsabilidade da ocupação para o sindicato STTR esse “Não dona menina eu conde entrei aqui... ele já tava aqui dentro foi pelo, pelo INCRA, botado pelo INCRA.”.

A estranheza que causa um único relato surge da perspectiva que talvez os outros ou omitissem o fato ou não soubessem dele. Mas se não sabiam por que saíam de um acampamento já estabelecido há mais tempo para uma incursão nova? Outra questão que trouxe certas interrogações nos enredos se trata das narrativas sobre os despejos, enquanto uns falam sobre uma desocupação pacífica, outros sugerem truculência e revolta.

Aí lá tinha a Raimunda do Ruben, ela foi e disse pra mim, Dió você tem muita vontade de ter uma terra? Eu falei tenho. Ela disse óia, pois eu vou pra lá se der certo eu volto pra te avisar, aí ela foi e disse que... viu que dava tudo certo aí foi lá me avisou, por isso que eu vim, ela veio num caminhão de noite e quando foi com sete dia eu vim de dia. (Sr^a. D. 63 anos, Agricultora. Entrevista I Tempo comunidade).

Todas essas narrativas possuem pontos em comum, e em algum momento convergem, no entanto toda tem visões diferenciadas dos mesmos fatos, a subjetividade presente em cada narrativa é de muitas formas individualizadas, pois cada sujeito sentiu e percebeu aquele fato de um modo único e quando essas narrativas emergem na fala dos sujeitos e comparamos a outras narrativas percebemos que as memórias que deram vida aquelas também tem um aspecto social, pois o sujeito não viveu o fato sozinho pelo contrario foi uma participação coletiva que manifestou a realidade presenciada.

E no dia 19 de agosto de 1999 chegaram cerca de 30 pessoas na fazenda e montaram acampamento no km 120 as margens da estrada do Rio Preto. E Logo depois pessoas de varias partes afluíram para o local.

Eu tava no Marabá, não minto, eu tava na vale, do Marabá eu vim pá vale, da vale eu vim pra cá, aqui já tinha um pouco de gente os primeiros que era vindo da barreira branca, veio com seu João. Então depois eu vim... (Srª M. 66 anos, Agricultora. Entrevista I Tempo comunidade).

Quando tava com cinco dias nossa família cresceu teve outra fazenda que num foi desapropriada também aí viero praí. Aí nós fiquemo formou uma família grande de trezentas famílias, trezentas família que tava a fim de terra pra trabalhar (Sr. L 68 anos Agricultor. I Tempo comunidade).

As narrativas dos colaboradores das primeiras pesquisas são riquíssimas em detalhes sobre a origem da comunidade, sobre as incursões para conquista da terra, sobre a representatividade e vivencias. Essas narrativas se elaboram de forma temporal, mutável, fluida, atemporal e continua e apresentam particularidades na construção das falas, na imersão dos silêncios, dos esquecimentos.

Eu era balconista de farmácia... Já tinha 03 anos que eu... Antes deu vim pra cá já tinha 03 anos que eu era balconista de farmácia, aí eu vim aqui tomar conta pro meu irmão aqui em Três pudê, vim passá só um mês aqui e tô com 10 anos (Sr. G. 36 anos, comerciante. Entrevista I Tempo comunidade)

O que me trouxe prá cá, pra vila Três Poderes... porque eu sô mesmo da região, nasci em Marabá, nasci. No município mesmo de Marabá, morava logo ali na vila, Nasci e me criei ali, sou do campo filha de agricultores, sou

do campo, aí cresci... Nasci no campo lidando mesmo com a terra. (Sr^a. L. 38 Anos, professora. Entrevista I Tempo comunidade).

Vários relatos são semelhantes quando fala dos motivos que os levaram para a região, entre eles a busca pela terra a fim de conseguir dar o sustento e melhores condições de vida para suas famílias. Além dos relatos acima, ainda temos a história da Sr.^a. D que morou durante toda vida nas terras dos sogros, e encontrou na desapropriação da fazenda uma chance para ter um lote de terra, pois como ela mesma diz “eu sempre tive vontade de ter uma terra sempre pelevava e num conseguia, porque eu vivia agregada na terra de meu pai e na terra de meu sogro.” Ou o relato do filho de agricultor que cresceu na terra, mas que ao se tornar adulto queria algo para si, formar família e viu na região uma oportunidade de futuro para si e seus irmãos “Nóis vinhemos procurar um rumo aqui porque lá tava fraco sabe aí nós soubemos que aqui tava tendo um movimento bom, as terra boa tava barata ainda, aí nós vinhemos interessado de compra uma terra prá cá. Sr. Alceu” Alguns relatos também citam compra e vendas de lotes posteriormente, o que sugere houve uma evasão dos lotes algum tempo depois. Poucas são as narrativas que fazem alusão a esse fato, o que sempre é frisado nas narrativas é a tristeza decorrente dos poucos que ainda restam na comunidade.

As memórias que emergem do coletivo segundo alguns conceitos de Hawlbachs suscita a discussão da capacidade de lembrar concretizada apenas na presença do grupo, pois se considerarmos que nenhuma atividade fato ou evento se passa sem intervenção de outrem direta ou indiretamente consequentemente chegamos ao consenso de memória coletiva como parâmetro para memória individual, Isso justifica quando dois relatos, vividos ou ouvidos por alguém se Harmonizam, assim temos um fato testemunhado que pode se tornar uma memória coletiva visto que essa interação social se perpetuará como verdade perante outros indivíduos que também viveram o fato ou que souberem dele por outros, Assim para haver uma lembrança em principio é necessário uma narrativa do fato para que este a partir dos fatores de averbação acima citados sejam considerados idôneos e dignos de recontar como verdades. Surge assim a memória coletiva.

“Cheguemo e derrubemo bem ali no garapé, ali dento da mata na beira da estrada” Afirmou Sr. L. Ele acompanhado de mais 28 pessoas iniciou o processo de ocupação que durou quase dois anos e culminaram com a desapropriação da Fazenda Três Poderes.

Dia de mil novecentos e noventa e nove, dia 18 de agosto... dia 18 de agosto ás...sete horas? Chovê... umas dez hora da manhã...lembro até as horas porque na minha aposentadoria tá como a carta o espelho da terra, quando fui tirar veio...e tava tudinho, por causa dos cadastro que foi feito anterior né, que foi feito vários cadastro na terra, mas toda vida o meu foi pra mim dia dezoito de agosto de noventa e nove. (Sr. L 71 anos Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade)

As falas sobre os dias de ocupação da Fazenda naqueles primeiros anos ora se harmonizam, ora se contradizem, ocuparam uma parte da fazenda as margens da estrada, temos as falas de vários participantes da incursão sobre a ocupação e os anos que se seguiram desde a lona até a desapropriação das terras.

Olha quando eu cheguei aqui, só tinha esses três carro de gente que veio primeiro, o pessoal num tava nem tudo nos seus barracos, porque tavam tudo fazendo seus barraquim na beira da estrada, e quando eu vim no outro eu fui fazer igual eles meu barraquim, aqui só tinha mato e no lugar da vila ali que tinha capim só essa região pra cá todinha era só mata, ali do seu Sebastião pra cá esse meu mesmo aqui só era pura mata quando eu recebi ele... e a sedia lá encima que tinha né?! Fizemo o barraquim de lona, tinha vez que dava vento muitos desmanchava, tornava fazer de novo, porque tinha palha, mas eu como meu marido num tava comigo era mais difícil. (Srª M. 66 anos, Agricultora. Entrevista I Tempo comunidade.).

Mesmo havendo uma subjetividade na memoria individual, quando estão associadas a experiências únicas, estas são sociais, pois remetem a conceitos e princípios de um grupo ao qual o individuo pertence.

Na primeira incursão de ocupação apenas umas vinte pessoas vieram, mas após alguns meses trouxeram as famílias para o acampamento e nesse período segundo eles enfrentaram grandes dificuldades relacionadas às condições de moradia, a alimentação e saúde.

Quando eu cheguei por aqui isso daqui só era juquirá num tinha nada feito aqui tava só um acampamento [...] eu num fiz meu barraquim não eu vim pá casa do compadre Ormá, inda rolei dois mês aqui aí nos fomos passar... Passemos um mês ali na sede [...] Mas eu tive aqui passando necessidade aqui... Aqui nós só comia feijão vêi duro aqui que vinha... O feijão bom o velho João que era o líder era sabido segurava... Vinha carne tudo... (Srª. D. 61 anos Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade)

Interessante notar que algumas situações são mais enfáticas que outras, nas narrativas que se referem o período de dificuldades os participantes da pesquisa pontuaram cada uma delas, as palavras continham as emoções como se os fatos estivessem sendo revividos. As narrativas intercalam suspiros, olhares longínquos e voz pausada, essas demonstrações de emoções ao recontar suas historia toca também nossas emoções enquanto ouvintes.

Os grupo pesquisado conta que no período de ocupação os barracos de lona serviam de moradia para os ocupantes e em muitos casos mais de uma família ocupavam um mesmo barraco. A alimentação era outra dificuldade naquele momento, logo no inicio com a quantidade de pessoas para alimentar as ajudas eram necessárias assim os integrantes se revezavam em ir buscar de trabalho nas imediações. Uma das narradoras conta que o período de acampamento ela permanecia no acampamento enquanto o marido trabalhava fora. "Só eu, que ele tinha que trabalhar pra rumar as coisas pra gente comer, eram oito filhos que eu tinha, tinha não que eu tenho graças a Deus" Sra. D. Essa situação era compartilhada por muitas mulheres no acampamento, outra narradora afirma.

Trabalhava fora, no tempo do corte de arroz ia corta fora, uma turma ia quinze dias e vinha outra ia quinze dia voltava aqueles que tava e ia sabe? E os que estava lá vinha pra ficar dando atenção no acampamento pra num ficar só as mulher. (Srª M. 66 anos, Agricultora. Entrevista I Tempo comunidade).

Segundo os narradores alguns órgãos também ajudavam na alimentação dos acampados, entre eles a igreja que fornecia leite para as crianças. E o INCRA com sextas básicas para as famílias. Ao serem inquiridas sobre como se dava essa distribuição de sextas para o acampados todos eles respondem com amargura sobre a qualidade e quantidade de alimentos que eram mensalmente entregues no acampamento.

Os premero que vinha, vinha do Marabá. Negócio de fomento sei lá, num sei que era aquilo não, sei que vinha lá de Marabá e o véi João trazia vinha pra cá dado pelo governo[...]Ajudou com um arrozim um feijãozim mas tem as outras coisas, não minha irmã e o feijão, eu num tô falando assim mal né, a gente inda dava graças a Deus em ter esse arroz, mas o feijão você cozinhava três dias e num amolecia, e tem as outras coisas tem carne...que quando a pessoa tá num lugar sadio tudo bem, e quando você adoce, tudo que tem que fazer é pra doença. A gente num vive só com um com arrozim com feijão não, a gente tem que ter as outras coisas num é? (Srª M. 66 anos, Agricultora. Entrevista I Tempo comunidade).

As narrativas se desenrolam como um novelo, e a historia vai sendo tecida como um bordado, suas cores e nuances dependem de vários fatores, o narrador, a narrativa, a memoria, o ouvinte, cada um desses elementos essenciais combinam-se criando relatos vivenciados pela comunidade.

As dificuldades enfrentadas pelos acampados iam muito além do desconforto dos barracões de lona, ou da falta de alimentos necessários como nas narrativas de alguns acampados que contaram nos seus relatos que as injustiças muitas vezes tinham origem dentro da própria direção do acampamento, Assim alguns relatos sugerem que alimentos doados eram extraviados por um dos líderes e as demais famílias sem alimentavam do que era distribuído por ele. Esses relatos são de fundamental importância para os entendimentos e interpretações que forem surgem no decorrer da historia.

Mas eu tive aqui passando necessidade aqui... Aqui nós só comia feijão véi duro aqui que vinha... o feijão bom ovéi João que era o líder era sabido segurava... Vinha carne tudo conde eu ia pro Brejo do Meio [...] pilava saco de arroz inda ia pá beira da estrada e dava pro Luis botava no ônibus e mandava pá cá, feijão bom, lata de feijão, o mau véi João quando chegava aí ele num dava pros otos... aquele bom... O padre Luis entregava pra ele que era o líder, e ele escondia e liberava só aquelas coisa veia ruim... Arroz ruim, feijão ruim... feijão ali que tinha de essa Madalena pisar no pilão a boca da noite e botava de mói e no oto dia bota no fogo, conde nós ia comer tava do mermo jeito... (Sr^a. D. 61 anos Agricultora. Entrevista I Tempo comunidade)

A carência alimentar somada a falta de recursos sanitários e as precárias condições de moradia e os constantes sobressaltos relacionados aos estresses emocionais sofridos pela ocupação eram a época as principais dificuldades enfrentadas. Além disso, o acampamento sofreu perdas irreparáveis com a morte de alguns membros causada por enfermidades locais como malária e hepatite, vale lembrar que todo o atendimento ambulatorial da região era feito pelo município de Marabá que estava situado a 120 km do local do acampamento e que condições da estrada do Rio Preto que era a via de acesso àquela época se encontrava em condições precárias e a malha de transporte rodoviário em nada se assemelhava a da atualidade. Assim, temos um cenário em que um acampamento com centenas de pessoas sofrendo um surto de malária em condições precárias de moradia,

alimentação, saneamento tendo acatado uma liminar de reintegração de posse e podemos delinear mentalmente a situação de sobressalto que se encontravam as famílias acampadas, e cabe aqui a fala do de um dos narradores “Porque conde a gente muda assim o sofrimento vem na frente né, a basta dizer que num era cortada, aí a gente fica sempre cismando assim do dono da fazenda” (Sr. M.).

Falta de estrutura, alimentação de má qualidade, e o pico do verão, as intempéries vez ou outra se fazendo presente, essa era a condição das famílias ocupantes da beira da estrada no fim daquele ano de 1999. Por essa época, o numero de ocupantes tinha quase dobrado e as dificuldades também.

Fizemos o barraquim de lona, tinha vez que dava vento muitos desmanchava, tornava fazer de novo, porque tinha palha, mas eu como meu marido num estava comigo era mais difícil [...] aqui tinha malária e hepatite, mas graças a Deus num me deu hepatite foi só malária que quase morro, aqui todo mundo deu morria criança com hepatite, morreu o marido numa irmã parece que deixou cinco filhos esse homem. E morreu um bocado de gente, assim de doença né foi assim difícil né, mas graças a Deus nós vencemos os que consegui escapar né, vencemos. [...] Eu recebi dia 20 de junho minha terra quando foi no dia 06 de dezembro de 2001 meu marido tava dentro do caixão, morreu justamente que ele veio pra cá e pegou malária e morreu (Sr^a. D. 61 Agricultora. Entrevista I Tempo comunidade).

Muitos ocupantes a principio vieram sozinhos, receosos do que poderiam encontrar num processo de ocupação foi o caso do Sr. D e tantos outros:

Do Brejo do Meio eu vim pra cá, eu rolei um ano eu sozinho aqui dento, rolei um ano dento daquele terreno acolá, lá naquele boqueirão ali embaixo, num sei se ela já foi lá, tem um mangal ali embaixo bem na entrada da porteira nossa ali vai descendo, ali rolei um ano ali dentro sozinho, trabalhando ali, fazendo roça, mas conde eu trouxe a família pra cá já tinha tudo aqui, já tinha... (Sr. D. 63 anos, Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade)

1.7 RELAÇÕES CONVERGENTES

As contradições das narrativas são sempre assunto de discursão e curiosidade. Porque pessoas que viveram uma mesma situação têm perspectivas diferentes sobre o mesmo fato e a partir dai se portam de maneira diferente? Os relatos sobre as relações fazendeiro e ocupantes relatam um respeito reciproco de ambas as partes.

No outro dia o fazendeiro vei donde tá nós, vei e procurou que nós tava fazendo, nós falemos, contemos à história que nós tava noutro

acampamento, mas lá num desapropriou aí viemos pra essa aqui que dissero pra nós que ia ser desapropriada, que era muito grande tinha muita mata, aí nós viemos, aí o vaquero procura nós e nós falemo tudim. [...] o vaqueiro voltou, com dois dias o fazendeiro vêi falar cum nós e nós contemo a merma verdade, contemo a merma história anterior de lá do acampamento, aí ele chego olhou pra nós tudo, mandou reuni, reuni todo mundo aí, aí saiu o pessoal todo do mato, num tinha moleque no meio, só tinha homem, homem de responsabilidade, num tinha molecada, mininado, aí ele olhou cum nós tudo reunido assim... nós era vinte dois...aí ele olhou tudim...é...oia eu vou pedir vocês que num vai na minha fazenda não, aqui na mata cêis pode ficar, fazer seus barraco dento da mata que eu vou procurar meus direitos, tá entendendo...que eu vou procurar meus direito, eu vou no INCRA, aí ele foi e nós fiquemo. (Sr. L. 68 anos Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

Os Relatos falam que após a primeira reunião que o fazendeiro fez com os ocupantes entrou na justiça a procura dos diretos, mas que como apenas parte da fazenda era documentada se tornou difícil para ele comprovar um direito sobre a mesma. Até então as lutas judiciais em nada afetavam os ocupantes apenas ameaças veladas de terceiros.

Veio muitas propostas, muitas pro fazendeiro tirar nós, Veio muitos alguém fazer proposta pro fazendeiro pra tirar nós, que tirava nós rapido da fazenda, mas o fazendero disse; num tem vandalismo, é só homem que tá aí, eles tão atrás dum pedaço de terra pra trabaia eu já fui lá já olhei todos, num tem. É homem que quer trabaia. (Sr. D. 63 anos, Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade)

Não mas ele foi gente muito boa, nunca atacou nós, ele fazia reunião com nós, ele perguntava assim tá vindo cesta base? E seu João dizia tá vindo, a bom porque eu tenho pena dessa criança, aí ele dizia assim eu vou dizer uma coisa pra vocês, quero ser amigo de vocês, aqui num é bom de arroz aqui é bom de milho e mandioca, eu mandei aradá uma parte ali o arroz eu num achei que desse bom, agora o milho e a mandioca é bom demais, então eu quero ficar em redor de vocês, inclusive eu tenho serviço vocês trabaia. (Srª M. 66 anos, Agricultora. Entrevista I Tempo comunidade.).

Fazendeiro num foi contra nós, carregava pião sem terra aí pra cima e pra baixo na camioneta dele, deu vaca... praqueles pobrezim, tinha uns muito fraquim né! ele dava banda de vaca, num tinha... Ele tava brigando na justiça, ele num procurou problema cum nenhum. (Sr. L. 71 anos, agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

No entanto quando esses mesmos relatos culminam no episodio da desocupação pela liminar expedida no ano seguinte ocorre uma ruptura dessa aparente paz.

Primeiramente os minino viero pra cá eu num vim conde eles viero, quem vêi primerim foi Cerulá, foi véi João, foi Ormá, aí foro despejado daqui, foro Pará no cinturão verde pra lá, na casa do Palito pá banda de lá, aí demoro poco eles voltaro praqui de novo... Que aqui eles foro tirado daqui pela Elza Miranda, foro feito um despejo aqui... (Sr^a. D. 66 Agricultora I Tempo comunidade)

As narrativas então entram em conflito em relação à natureza do ato de reintegração de posse pela justiça, enquanto um dos narradores afirma que foi uma ação pacífica, outros sugerem em suas falas que houve truculência por parte da polícia.

A Elza Miranda trouxe a policia aqui, fez um liminar aqui e tirou o pessoal, gente perdeu galinha perdeu espingarda, té conde nós tava roçando alí berando o véi João nós inda achamo calçado novim, sapato que gente correu com medo da policia, achemo espingarda nova escondida dento das moita que nego foi embora... Esses premero que saiu, foi poco que volto pra cá... saiu na carreira assim foi poco que volto se disgostô aí num voltaro, aí despois que eles entraro de novo e foi nessa chanche que eu vim que foro me chama que eu vim (Sr. D. 63 anos agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

Quando tava terminando de colher o fazendero ganhou na justiça a liminar pra tirar nós... Aí veio, veio uns trinta caminhão pra carrega nós, as mudança daqui dento da mata, da fazenda né! Muito policiamento, corpo de bombero, cavalaria, deu mei mundo de gente os orgão tudo. Aí vei de Belém o policiamento, tudo de fora pra poder nós disocupar a fazenda. Nós disocupemo nua boa, num maltratô nós cum nada, ajudava nós, pegava os trem, ajudava nós botava dento dos caminhão, recomendava nós; cêis derruba os barraco, pega as galinha, pega tudo. O fazendero acompanhando com a esposa dele acompanhando junto cum nós, tá entendendo?! Num maltratô nois em nada. (Sr. L 71 anos, Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade)

Em alguns casos uma única narradora conta duas versões de um mesmo fato nos fazendo repensar a narrativa:

É dos premero junto com nós, a boca de fuzil, junto com nós é dos premero, chovê quem é mais num tem mais foi tudo embora, tudo embora os que num morreu foi embora, só ficou eu mesmo, dos premero, premero da boca de fuzil só tem eu e o Bastiãozim. , (Sr. L 71 anos, agricultor. Entrevista I Tempo comunidade)

Essa narrativa desencontrada nos leva a refletir sobre os possíveis motivos de tais relatos serem tão diversos entre si. Para além dessas especulações temos também outras questões intrigantes, e uma delas diz respeito à saída dos ocupantes da fazenda após a expedição da liminar que os retirou do local, um dos relatos conta que após a ordem de reintegração de posse ser realizada por forças policiais enviadas pelo estado, as famílias retornaram ao município de Marabá acampando na sede do INCRA por alguns dias, no entanto somente um dos relatos cita esse fato, nenhum dos outros entrevistados citou o fato em suas falas.

Aí nois fumo tudo pro INCRA, esses caminhão tudo pro INCRA, que o INCRA que é responsável por nós. Aí levô nós tudo pra lá, nessa época num foi só nós que foi liminado, foi muitas fazenda em roda tudo. Foi pra mais... lá dento do INCRA nós foi pra mais de dez mil pessoas no INCRA. Acampemo todo mundo dento do INCRA, fizemo as barraca tudim ali, aquilo ali virou só barraca, naquele vão ali debaixo daqueles paus virou tudo moradia de gente. Nós passemos noventa dia lá... noventa dias, com noventa dia lá os órgão...num vô declará os órgão, os órgão que dava apoio né falou pra nós que nós arrumasse uma fazenda, que a fazenda ia ser desapropriada né, pra nós ficar nua fazenda próximo e tudo né que condo desse posição de nós retornar... Aí nós viemo, saimo do INCRA e viemo para uma fazenda perto do cinturão verde e fiquemo noventa dias lá, com noventa dias nós entrou na fazenda de novo. (Sr. L 71 anos, agricultor. Entrevista I Tempo comunidade)

Cerca de um ano dois anos após a primeira leva de ocupantes estabelecerem acampamento na Fazenda à mesma foi desapropriada e concedida aos ocupantes o direito ao uso da terra.

Olha nós recebemo aqui... Eu num achei que passou muito tempo na lona não, eu recebi... nois entremo em noventa e nove, em agosto de noventa e nove, mas quando foi em 2001 em junho de 2001, no dia vinte de junho de dois mil e um nós recebemo os lote, em junho aí nois recebemo os lote. (Srª M. 66 anos, agricultora. Entrevista I Tempo comunidade).

1.8 O ASSENTAMENTO GABRIEL PIMENTA

Devido a grande extensão de terra da fazenda, quando os acampados ganharam a causa, ficou acertado entre as lideranças do movimento que a área seria dividida em três partes, ou três Projetos de assentamentos que receberam o nome de Gabriel Pimenta, Nova Vida, Nova Esperança.

Como nós era três grupos vindo de três lugares, cada qual veio dum lugar diferente, duas áreas, duas fazendas ou num foi desapropriada, aí nós pegamos e dividimos os grupos, Gabriel Pimenta, Boa Esperança, Nova Vida. Dividimos em três grupos, dividimos... dividimos até no meu carro aqui na estrada, dividimos pela estrada, aí dividimos a fazenda todinha, dividimos de novo, abrimos os picos tudo. Arrumamos o grumessor autorizado cadastrado pelo INCRA né e cortamos dividimos tudo, dez alqueires pra cada um, dez alqueires pra cada um, aí quando dividimos tudo (Sr^a. D. 63 anos, agricultor. Entrevista I Tempo comunidade)

A divisão dos lotes ocorreu de forma ordenada por chegada à ocupação, Os primeiros ocupantes ficaram com as parcelas mais a beira da estrada e os últimos as parcelas do final. Os narradores contam sua história de uma maneira que seu interlocutor tenha condição de compreender sua fala e sentir empatia com o relato. Ele não tem só intenção de informar, mas conduz a história de uma forma a envolver emocionalmente o ouvinte, evocando princípios e valores que sejam aceitáveis de justiça.

Nós era um grupo. Aquele grupo era que tava desapropriando aquele pedaço de terra, todos eles queriam trabalhar. Aí tudo bem, quando cabemos de cortar tudo abrimos a picada todo aí fizemos uma reunião, cada PA fez sua reunião aí botou e dividimos cada um pela ficha, uns que tinham direito de ficar mais no frete e outros mais no fundo, tá entendendo? E daí fomos trabalhar, (Sr. L 71, anos agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

Ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária INCRA cabe à função de cadastrar e assentar as famílias orientar os assentados sobre projetos para a manutenção da terra, fazer a demarcação das mesmas e intermediar a resolução de conflitos. Suas atribuições são muito importantes para as famílias um lote de terra para trabalhar e sustentar a família.

Quando tava com dois anos que nós tava dentro do Incra Vêi senta as pedras... senta as pedras... Aí. Bateu... Esqueci o nome do aparelho, só fiz assentar as pedras porque a picada já tava feita né, nós tinha feito, já tinha botado os marcos de pau né, aí o INCRA só fez botar as pedras, tá entendendo? E nós...aí ficamos proprietários das terras cada um dono do seu lote, aí fizemos financiamento, os órgãos Vêi pra fazer financiamento, nós fizemos Pronaf A, não todos mas a maioria fez né?! Inclusive eu fiz vários outros fiz pagamos e ficamos com nossa terra e fomos trabalhando até hoje. (Sr. L. 71 anos, agricultor. Entrevista I Tempo comunidade.).

Logo após os lotes serem cortados pelo INCRA e os assentados ficarem combinados entre as lideranças que cada projeto de assentamento teria uma vila onde cada família assentada teria direito a um lote, e seria construída a escola “como o grupo nós combinamos cada grupo foi combinado assim todos que tinham terra que tinha desapropriado pra cada um, um lote na vila”. (Sr. L. 71 anos)

1.9 DEPOIS DA LONA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA COMUNIDADE

A vila surgiu de uma necessidade dos assentados terem uma logística relacionada ao ensino ao comercio e a religião. Assim logo que o PA foi divididos em lotes de terra e entregue as famílias dos assentados, a vila se configurou como ponto de apoio e cada uma das famílias teve direito a um lote na vila também, ficando a encargo dos lideres a distribuição dos lotes.

Quando lutiemo, quando cada grupo tomou conta do seu PA, cada grupo do seu PA tinha que fazer ua vila né, ua vilinha pra colegio, fazer colégio, ua atividade pra o pessoal né, aí nós tiremo dez alquero aqui no meio aqui, cada qual tiro né?! Nova Vida Boa Esperança, todo mundo tirou né dez alquero pra nós faze a Vila esse ficou independente ta entendendo? (Sr. L. 71 anos, agricultor. Entrevista I Tempo comunidade.).

Segundo alguns relatos os lotes da vila foram sorteados entre os assentados, cabendo aos mais antigos à prerrogativa da escolha em qual parte da vila queriam ficar.

O pessoal mermo daqui fez um sorteio pra formar a vila lá, pra ganhar os lote né, e messe sorteio cada qual ia recebendo o seu e ia fazendo seu barraquim lá e foi e foi e hoje tá desse jeito graças a Deus. Sr. M Ganhei, ganhei um lote lá. Todos ganharo todos do sorteio ganharo, todo mundo que ia sendo sorteado ganhava, ja ia ganhando e já ia fazendo, todo mundo desse PA aqui como do outro PA ganhou aqui. (Sra. M. 66 anos, agricultora. Entrevista I Tempo comunidade.).

A vila foi se formando gradualmente à medida que iam se construído barracos, e que a necessidade de novas estruturas básicas ia surgindo os primeiros comércios vieram para amenizar. Estes eram nas casas dos próprios moradores e ali junto à família eram comercializados secos e molhados. A vida na comunidade era dividida entre os trabalhos realizados nos lotes de terra e as atividades na vila.

Aí peguemo juntemo nós, nós mermo, e lotiemo, midimo, midimo nas corda, capim isso aqui era só o capim, aí...lado de lá era mata.[...] Foi eu a primeira, primeiro barraco. Fala barraco, primeiro barraco fui eu, primeiro barraco fui eu... Segundo...Ai eu botei o boteco um restaurante e um boteco...vendia pinga vendia tudo.[...] . Tamí botou uma serraria bem aí.

[...] Aí começou vir gente e foi juntando, juntando (Sr. L. 71 anos Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

A notícia da desapropriação da fazenda logo tomou uma grande proporção à medida que pequenas empresas de extração de madeira para fabricação de carvão vegetal se implantaram no entorno da vila que ia se formando, pessoas de varias partes do estado e até de outros estados migraram para o local a procura de trabalho ou de terras. Com a chegada destas empresas em pouco tempo o numero de famílias mais que dobrou no local e a falta de estrutura começou a se tornar um problema.

Tinha comércio não as coisa vinha tudo de Marabá da vila união, mas essas coisas assim de arroz feijão e fava era tudo daqui mermo, só vinha de fora o óleo, o açúcar, o café nos comercim daqui. (Srª. D. 63 anos Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

.Aí começou a Vila, e a vila foi progredindo devagarzinho, devagarzinho [...] Primeiro emprego foi na serraria, aí veio muita gente pra serraria, aí veio muita gente pra serraria do Samir [...] Aí o que acontece tinha muita carvoeira muita serraria, a vila cresceu né (Sr. L. 71 anos, agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

Há! Nós vendia secos e molhados, tinha quase de tudo, num tinha tudo não, mas tinha quase de tudo naquele tempos. (Sr. A. 38 anos morador da vila. Entrevista I Tempo comunidade.).

1.10 DA PALHA AO CONCRETO: ESCOLA ADÃO MACHADO

Ainda em 2004 os moradores tiveram a iniciativa de construir uma escolinha, para atender as crianças da comunidade. As primeiras aulas ocorreram em um barraco de palha improvisado pelos próprios moradores, que perceberam a necessidade de uma escola, dado a quantidade de crianças em idade escolar. Assim, alguns moradores se reuniram e improvisaram o que seria a escola.

Um dos principais problemas era naquele momento era a falta de um prédio escolar adequado para atender a demanda de alunos. Pois a primeira

escola da comunidade começou ainda a época da lona, quando os ocupantes percebendo a quantidade de crianças que vieram com seus pais no acampamento conceberam a ideia de serem ministradas aulas para as mesmas, como não tinha professor ficou a cargo da esposa de um dos líderes do movimento.

A escola primeiramente começou lá na casa do seu João, fizeram um barracão... eles estudava lá, só era uma escola pra essa turma todinha...Aí de lá fizeram, foi o tempo que cortaram a vila, a vila num era cortada nessa época aí cortaram a vila e fizeram uma escolinha coberta de paia, aí viero estudar aqui na vila. (Sr^a M. 66 anos Agricultora. Entrevista I Tempo comunidade.).

Logo depois quando cortaram a vila e começaram as migrações para a comunidade que ora nascia, houve a necessidade de um espaço escolar que atendesse as crianças que viviam ali e as chegantes também. E Foi assim que os assentados se mobilizaram para construir a escola, como não tinha recursos do poder publico eles, com recurso que tinha ali no momento construíram um barracão de palha que serviria de sala de aula pelos próximos quatro anos.

Vamo fazer o colégio? Vamo, comé que faz? Num tem... Coisa pra fazer o colégio, atrevêssemos do ôto lado; eu o irmão e o cumpade Ormá e tiremo aqueles zoi de paia do primeiro colégio, nós tiremo lá ali adonde é o terreno do véi Nego, que era do Sapucaia, nós arrudiamo por lá porque num tinha estrada po alí, tiremo carreguemo lá paquele limpo [...] e ajudei cobrir a casa (Sr. D. 63 anos, agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

Aí começou... Ai. nesse inteval como a vila cresceu, botou o irmão como representante, botemo ele como representante da vila né, ele já foi embora né, cê conheceu ele demais...O irmão que foi que trouxe as coisa, o colégio...o primero colegim é bem qui ô, ondé que o Caçula mora, um barraquim de palha, o primero colegio foi um barraquim de palha, bem aqui os alunos estudava bem ali, poquinha gente, menino véi tudo catarrento de colono. (Sr. L. 71 anos, Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade).

Alguns anos depois com a demanda crescendo o espaço se tornou pequeno e o numero de profissionais que atendiam naquele espaço também crescia à medida que novas famílias chegavam à comunidade. Por aquela época chegou à professora L. que a época da nossa pesquisa era a diretora da escola.

O que me trouxe pra cá, pra vila Três Poderes... porque eu sô mesmo da região, nasci em Marabá, nasci. No município mesmo de Marabá, morava logo ali na vila, Nasci e me criei ali, sou do campo filha de agricultores, sou do campo, aí cresci... nasci no campo lidando mesmo com a terra[...]quando eu era pequena...comecei estudar já com sete anos

devido a escola ser longe, num ter transporte essa coisa toda e comecei já tarde já com sete anos, aí. A gente morando mesmo no campo vivia do trabalho pesado mesmo, ajudei meu pai a plantar, colher... isso mesmo aí fomos crescendo, crescendo, mas sempre lidando com a terra, quando eu tinha quinze anos...estudei na nessa escolinha lá da zona rural dos meus sete anos aos treze. Quando eu completei quinze anos aí lá num tinha mais como estudar. (Sr^a. L 38 anos, Professora. Entrevista II Tempo comunidade).

O relato da professora é muito semelhante ao relato de muitos alunos que moram na comunidade, que ajudam seus pais na lida diária, crianças e jovens que tem dificuldade no acesso ao ensino e que devido a isso muitas vezes não aprendem ler e escrever de uma forma que tenha plena autonomia de suas escolhas e decisões.

A professora continua seu relato dizendo que apesar das imensas dificuldades na infância, conseguiu terminar o ensino médio com o curso de magistério o que possibilitou a ela através de concurso ingresso na prefeitura como professora das series iniciais em uma escola rural. As possibilidades para crianças que assim como a professora iniciam seu aprendizado nas escolas rurais são inúmeras, mas pouco exploradas, pois a falta de estrutura e incentivo do poder publico em dar a esses alunos um ensino direcionado as suas necessidades e que contemple as especificidades da vida no campo.

Aí eu fiz o concurso em 2003 já morando lá na voltinha com essa turma de jovens e adultos, fiz o concurso em 2003, aí a expectativa era passar no concurso e retornar pra minha vila que era a Santa-fé... meus pais moravam lá na época. (Prof. L. 36. 38 anos Professora. Entrevista I Tempo comunidade).

EM 2005 a população fez uma manifestação e fechou a estrada do Rio Preto por cinco dias reivindicando Energia elétrica e a construção pela prefeitura municipal de Marabá (PMM) o prédio escolar, acordos foram firmados com a população para dar inicio a construção no ano seguinte. Nesse mesmo ano foram liberados aos assentados os primeiros créditos, quinze fomentos e quinze habitações, para, além disso, ainda nesse ano foram feitas as aberturas de três estradas vicinais interligando os lotes de terra. O que melhorou muito as questões

relacionadas a escoamento da produção, que antes era feito somente em estradas rústicas feitas pelos madeireiros.

No ano seguinte a energia elétrica chegou ao PA e a vila, a prefeitura municipal construiu o prédio escolar, por esse tempo a escolinha de palha em que funcionava com dois professores já não comportava a quantidade de crianças em idade escolar. Seis anos depois a escola foi murada ampliada e construída uma quadra coberta no terreno adjacente. Os moradores divergem suas opiniões a respeito da escola hoje, em relação ao ensino ofertado e a estrutura existente, mas todos concordam que em relação ao que se tinha no passado as melhorias são visíveis e estão sendo aproveitadas pelos moradores.

Colégio? Tem um colegim que o estudo é muito fraco porque tem o colégio e não terminaro começaram e num terminaro, coisa que não precisava fazer foi feito aqui, que aqui num precisava de quadra, pra que quadra? Pra jogar bola? O tempo que fosse construir aquela quadra construisse o posto de saúde. (Sr. L. 68 anos, Agricultor. Entrevista I Tempo comunidade.).

Em meados do ano de 2014 a população novamente fechou a estrada em manifestação por melhorias na comunidade. Entre as reivindicações estava à pavimentação asfáltica da vila e saneamento básico, bem como a ampliação do prédio escolar. A prefeitura foi convocada bem como os representantes da Mineradora Buritirama e a época o poder publico considerou validas as reivindicações da comunidade ficando acordado que as obras que deveriam ser realizadas na comunidade até meados do ano seguinte.

1.11 PASSADO PRESENTE E FUTURO

Eu tenho inda meu lote, é aquele que eu tó nele é aquele o que foi ganhado e num tenho nem prano de vende minha terra agora [...] É minha rocinha, todo tempo, eu nunca larguei de fazer minha roça, é broca, derrubá e queimar, mei de vida deu comer. (Sra. M. 66 anos Agricultora, Entrevista I Tempo comunidade.).

Porque naquele tempo quando nós chegemo o povo do PA era mais... foram se desenvolvendo, parece que foi miorando, naquele tempo o povo só tinha suas terra, miguem tinha gado, minguem tinha nada. Alguns tinham gado foram se desenvolvendo, hoje acho que tá melhor hoje. Todo mundo tem suas coisas aí no PA, todo mundo tem... É pouco aqueles que

num se desenvolveu, mas a maioria desenvolveu né. Mais ou menos (pensativo) médio, num desenvolveu muito não, a estrutura das casas num evoluiu pouco, mas agora começou a melhorar né. Falta muita coisa posto de saúde, escola melhor, esporte, esporte aqui é muito fraco, asfalto também, e o estudo também, tem que miorar muito... fraco, fraco mesmo. Mas agora tem que mora aqui, nossos trem tá tudo aqui, tem que ficar por aqui mesmo, agora tem que quietar por aqui mesmo (Sr. A. 38 anos morador da vila | Tempo comunidade.).

No inicio do ano de 2016 começaram os procedimentos de metragem e catalogação dos lotes e cadastramento de seus moradores para o registro de títulos definitivos da terra, as casas construídas nos lotes e será paga ao governo federal a época da titulação definitiva das terras que tem previsão para o ano de 2020.

Há isso aí... Eu acho que vai miorar muito quando eles fizer isso aí asfaltar acho que vai miorar muito a nossa vila, muito, muito mesmo, valorizar mais, eu acho que nós só tem a ganhar com isso se concluírem mesmo a obra. (Sr. A. 38 anos morador da vila. Entrevista | Tempo comunidade).

Em vinte anos houve um desenvolvimento considerável da comunidade tanto estrutural quando demográfico, sabendo das dificuldades que as comunidades rurais do norte do país enfrentam, afirmamos que a Vila Três Poderes não é diferente e se encontra na lista de comunidades que necessitam de varias intervenções do poder publico para ter a cesso aos direitos fundamentais de moradia, educação, saúde e lazer e assim o mínimo de dignidade. Compreendemos que por o município ser extenso e os recursos em hipótese não conseguem organizar tudo de uma só vez, assim a comunidade segue com um déficit em órgãos de atendimento direto ao publico, como postos de saúde, mais escolas, áreas de lazer, saneamento básico e estradas. Em busca de melhorias atualmente os moradores continuam a fazer manifestações à altura do quilometro 120 na via de acesso a Vila que é a estrada principal que também interliga Marabá-São Felix e Marabá-Parauapebas além de dar acesso a Mineradora, como dito anteriormente, ao longo da mesma cerca de dez vilas e povoados também a utilizam para o trafego e o escoamento da produção.

As narrativas sempre estão impregnadas de passado com perspectivas de um futuro que para quem vivencia é incerto, mas que se esboça a partir de suas escolhas presentes.

Cheguei com uma filha que é a caçula a Jaciara, tinha o João e o Orlando, aí a Juciara foi estudar terminou os estudos aqui num tinha mais estudo pra ela saiu né, Orlando vendeu a terrinha dele foi embora... E o João bataiô, bataiô, teve fora também e hoje ele tem o cinco alquerim de terra dele também... tá todo mundo sossegado, e o que num veio pra cá é empregado na rua. Tá todo mundo sossegado. (Sr^a M. 66 anos. agricultora. Entrevista I Tempo comunidade).

1.12 QUANTO VALE SUA HISTORIA?

“Em nossa sociedade, a memória é valorizada e desvalorizada. É valorizada com a multiplicação de registros e gravação de fatos, acontecimentos e pessoas (computadores, filmes vídeos, fitas cassete e livros) e das instituições que os preserva (biblioteca, museus e arquivos). É desvalorizada porque não é considerada uma atividade essencial para o conhecimento-podemos usar maquinas ao invés da nossa própria memória – e porque a publicidade e a propaganda nos fazem preferir o “novo” o “moderno”, a “ultima moda”... a desvalorização da memória aparece, por fim, no descaso pelos idosos, que são considerados inúteis e inservíveis em nossa sociedade, ao contrario de outras em que os idosos são portadores de todo saber da coletividade, respeitados e admirados por todos”. (CHAUI, p.161. 2000)

Pouca importância damos a nossa historia, aos fatos que culminaram na atualidade em que vivemos, o ato de falar sobre nossas vivencias, e a partir desse rememorar refletirmos sobre a nossa existência como individuo que pleiteia um espaço em sociedade é fundamental na nossa constituição identitaria. Reordenando e suscitando um sentido próprio às vivencias estas se interligam a outras experiências passando a ser narrativas históricas o que num contexto geral organiza a historia da sociedade em que o sujeitos estão inseridos.

As historias carregam o peso de sua ancestralidade, sua cultura, sua identidade, sua religião. Se por um lado os sujeitos conseguem através de a memoria representar sua existência passada no presente, por outro lado o esquecimento pode ser usado como rota de fuga para fatos que causaram sofrimento no passado, No entanto o fato de lembrar ou esquecer não muda a historia, não muda os atores que a vivenciaram. Compreendendo então que as memorias podem ser armazenadas a partir de escolhas conscientes ou inconscientes, individualmente ou coletivamente. Portanto cabe aqui uma

indagação. Quanto vale minha história? Todas as situações, todas as vivências, todas as experiências passadas que de alguma forma construíram e personificam toda uma existência, que justificam modos sociais, ideais políticos e conceitos religiosos e que identificam um grupo com particularidades semelhantes. O estudo e a compreensão da história dos sujeitos individual ou coletivamente ainda se constitui uma maneira efetiva para responder a questão existencial “Quem somos”? E o saber nos ajuda entender quais caminhos nos trouxe aqui.

2 A TRADIÇÃO ORAL E OS PARADOXOS DO ENSINO APRENDIZADO NA VILA TRÊS PODERES.

O ser humano é o único ser vivo que possui consciência reflexiva, segundo Cotrin.

Cada homem pode acumular, individualmente, experiências e conhecimentos. Graças à comunicação entre os membros da espécie, os conhecimentos de cada individual foram se tornando patrimônio coletivo, sendo colocada a disposição do grupo social (COTRIN. p. 14-15, 1987).

Essa comunicação através da fala que continha saberes individuais evoluiu para escrita tornando-se um saber coletivo o que segundo Cotrin tornou-se uma consciência coletiva, Assim cada nova geração pode assimilar conhecimentos das gerações anteriores o que na visão dele sugere que o desenvolvimento da personalidade humana seria sustentado por dois fatores: Hereditários e educacionais, Neste terceiro capítulo vamos enveredar pelo viés da educação como transmissão social de conhecimento, mas não no sentido pedagógico escolar, e sim no sentido de saberes empíricos, e de que forma a transmissão social de conhecimento pode contribuir para criação de uma História coletiva que contemple o passado, considere o presente e norteie o futuro. Faremos considerações sobre suas falas a respeito da dinâmica trabalho e escola trazendo sua perspectiva do aprendizado no contexto familiar e escolar. Assim daremos ênfase às falas dos alunos nos textos construídos por eles no projeto de pesquisa relatando fatos considerados relevantes sobre sua história de vida e de seus pais, além disto, tentaremos responder as questões levantadas nos capítulos anteriores: Como surgem os relatos de vida dos moradores e como esses relatos individuais se apresentam no contexto histórico coletivo? Que relevância essas narrativas orais das origens da localidade, das conquistas espaciais e políticas e da disseminação da tradição oral tem para os moradores da vila Três Poderes? Que aspectos das histórias comuns são ressaltados individual e coletivamente e por quê? Qual papel da escola na construção do legado histórico local? Qual importância da tradição oral na transmissão do conhecimento na comunidade?

Como resultado de nossa pesquisa temos um acervo de memórias com varias historias de vida de moradores da comunidade Três Poderes município de Marabá-Pará. Homens e mulheres, jovens e idosos tecendo a historia local através de suas narrativas pessoais. Esse projeto nos oportunizou rememorar o passado (suas origens) tecendo o presente (seu dia a dia) e criando uma perspectiva histórica de futuro. Para organização desse acervo vamos utilizar as entrevistas dos estágios realizados no decorrer do curso de Educação do campo (turma 2014) que ocorreu entre os anos de 2014 e 2018. Suas narrativas recolhem da memoria trechos de suas origens, dificuldades e labutas diárias, perspectivas, medos e sonhos, suas falas alternam-se, complementa-se, distorcem-se e na representação histórica local essas narrativas individuais trazem traços emocionais que conferem ao relato características únicas.

No ultimo estagio intervenção na escola Adão Machado ao conversarmos com os alunos sobre sua historias de vida, suas origens, seus pais, muitos deles se sentiram bastante inseguros e desconfortáveis para falarem de suas vidas, Alguns sugeriram que não tinham nada para contarem ou que sua historia eram comum: Aos 15 anos um aluno do primeiro ano diz: “Ah, Tia. Tem nada pra falar não. Nem lembro quando cheguei aqui. Só sei que tô aqui” Assim propomos aqueles que quisessem que escrevessem um pouco sobre si mesmo suas origens ou a de seus pais, bem como o que eles entendiam como trabalho e a dinâmica escola e trabalho. Assim partimos do pressuposto que a conotação de historias nortearia nossas deduções sobre a comunidade.

Quando alguém nos conta uma historia que não conhecemos, onde os personagens nos são ignorados e os fatos alheios tenderam, e enveredamos em duas situações, ou logo nos primeiros minutos da historia distraímos e paramos de prestar atenção, ou curiosamente tentamos compreender como sucedeu a situação. Nessa ultima perspectiva somo levados a fazer uma interpretação sobre os acontecimentos da narrativa, como não presenciamos a cena e em certa medida existem lacunas nas falas imaginamos, e nossa imaginação nos permite enquanto ouvinte criar mentalmente as situações relatadas e a partir dai surgem vínculos imaginários com a historia de outros.

Vejam esse exemplo:

Minha mãe se chama Cláudia tem 39 anos morou na roça desde criança quebrava milho Pilava arroz Colhia feijão saia bem cedo para pilar arroz com minha vó fazer cuscuz quando dava a hora de almoçar ir para beira

da Grota para pegar peixe para o almoço tempos, depois se juntou com meu pai foi morar com ele continuo vivendo da roça plantada de tudo para o nosso próprio consumo depois de algum tempo o meu pai morreu, Minha mãe ficou com cinco filhos para criar voltou a morar com a minha avó deixava os filhos com minha avó para poder trabalhar depois de um bom tempo se juntou com meu padrasto chamado Ismael viveram praticamente 12 anos juntos e tiveram quatro filhos e no ano de 2017 Ismael faleceu aos 29 de problemas de rins foi uma grande perda e o que restou foram só saudades hoje minha mãe já se recuperou os filhos estão bem, estudando e assim ela vai levando a vida graças a Deus. (Anexo-fig. 30 VIII Tempo comunidade).

O relato escrito de forma bem simples sintetiza partes de uma vida, a narradora vai contando fatos que para ela tem relevância nas suas origens, mesmo que esteja contando a historia de outra pessoa (a mãe) relata com propriedade os acontecimentos de uma vida que não viveu, mas que possui intimidade a ponto de poder relatar com detalhes e assim pode exaltar as qualidades da genitora diante das dificuldades e da morte do marido. Essa aluna do 2º ano do ensino médio permeia seus relato de particularidades vividas individualmente. Sua historia tão semelhantes à de muitas mulheres camponeses que cresceram lidando no campo e que retiram seu sustento do mesmo, suas dificuldades, seus dissabores tão particulares fazem parte de uma historia muito maior onde os relatos traduzem como realidade social de milhares de brasileiras.

Todo esse relato só foi possível graças à tradição oral que no meio familiar ainda é imprescindível tanto para manutenção histórica das raízes familiares como para o aprendizado e em alguns casos ate a sobrevivência. As historias familiares estão cheias de narrativas individuais, mas a cada vez que são contadas os sujeitos fazem uma ressignificação dessas historias em sua própria perspectiva. Cada historia revela aspectos de sua vida pessoal, formação social e trajetória escolar e profissional. Aspectos que para o narrador contemplam todas as esferas da sua vida. E assim são construídos relatos a partir de suas lembranças.

Olá meu nome é A. tenho 18 anos e nasci na Cidade de Paragominas no Estado do Pará meus pais moravam na cidade de Bom Jardim no Maranhão e no final do ano de 2001 resolveram se mudar para outro estado viemos todos para o Pará e o com quase dois anos o meu irmão com pouco mais de um mês e mais dois irmãos e uma irmã, mas esses já eram mais velhos eu não lembro disso Claro, mas faz parte da minha vida afinal foi a partir daí que tudo começou passaram-se os anos e chegou o ano de começar a estudar, mas devido ao difícil acesso à escola só comecei a estudar aos sete anos ao invés de seis que é a idade certa passei cerca de 15 anos estudando na mesma escola depois mudei e nessa mudança de escola eu tive que repetir de ano devido à falta de capacidade para uma série tão alta se não me falha a memória era quarta série repetir novamente a terceira série quando cheguei na quinta série

mais uma vez mudei para outra que foi a escola Adão Machado isso em 2013 em 2014 de novo mudei de escola fui para escola Ieda Carvalho da Silva na Vila Zé do ônibus concluiu o ensino fundamental em 2016 E mais uma vez retornei para Adão Machado da Silva em 2017 para fazer o ensino médio, pois a escola que eu estudava anteriormente não oferecia o ensino médio também tinham as brincadeiras na escola eu sempre brincava com os meus amigos nós gostávamos muito de brincar do bandeirinha pega-pega futebol entre outros atualmente ajuda o meu pai a cuidar da nossa terra todos os anos fazemos roça de arroz mandioca para fazer farinha milho feijão e etc. também tira o leite e vendo para o laticínio tenho uma renda mensal de R\$ 1000 e por fim também sou estudante e esses foram os acontecimentos mais importantes da minha vida. (Anexos-31/32 VIII Tempo comunidade)

Ao narrarem episódios de vivências coletivas em que os sujeitos participaram ocorre uma representação a partir de sua visão singular e pessoal dos acontecimentos, assim os sujeitos ao rememorarem os acontecimentos vivenciados ou ouvidos reorganizam os fatos a partir de e experiências pessoais. Dessas experiências surgem às narrativas que fazem referência ao passado e “projeta imagens tão entrelaçadas com a consciência de si mesmo ou que almejam ser na realidade social” (CARDOSO 2003).

A pesquisa nos proporcionou identificar alguns aspectos que se repetiram em muitas narrativas, é o caso das contínuas migrações do campo para a cidade ou da cidade para o campo; O amadurecimento precoce dos indivíduos em relação ao trabalho familiar; A religião como alicerce cultural; A familiaridade com os aspectos produtivos e de renda na comunidade; As perdas como impulsionador de crescimento pessoal. Tudo isso molda as narrativas que encontramos na comunidade.

A História de vida de Simone não é diferente de tantas outras adolescentes que amadurecem precocemente no Brasil todos os anos.

Meu nome é Simone tenho 17 anos sou junta no ano de 2017 sofri uma perda que jamais eu vou esquecer, Foi quando o meu padrasto que era como um pai para mim ele morreu de problemas de rins, mas agora eu já confomei porque sei que ele está num bom lugar com Cristo Jesus. Depois disso tudo depois de alguns meses me ajuntei com meu esposo vim morar na Vila Três Poderes um lugar totalmente diferente de onde eu morava no Marabá onde eu nasci cresci estudava lá [...] Uma outra coisa que marcou minha vida Foi quando fiz uma aliança com Jesus Cristo que foi entre 2016 e 2017 estou feliz com o que tenho que não é muito mais vamos conseguir chegar nas nossas metas se tivermos Foco Força e Fé[...]tenho o que eu preciso tenho amor felicidade tenho Cristo em minha vida quero terminar os estudos em breve se Deus permitir, essa é um pouco da minha história. (Anexos: figura 14 VIII Tempo comunidade)

Relatos como o da jovem S. nos leva a pensar um pouco de como é construída a perspectiva em que as falas serão inseridas, vejamos a historia de outro estudante;

Meu nome é J. Tenho 17 anos nasci no ano de 2000. Fui criado pelos meus avós desde dois anos de idade a minha infância foi muito boa me diverti bastante como toda criança com três anos de idade meus avós mudaram de cidade nós morávamos no município de Itupiranga numa vila chamada cajarana nos mudamos para a Vila Três Poderes foi muito difícil para mim deixar meus amigos de infância, mas me acostumei fiz novos amigos não tenho muitas recordações dos meus quatro cinco seis sete anos, mas me lembro que nos meus oito anos tive meu primeiro aniversário Foi muito bom fiquei bastante feliz.

Nos meus 9 anos tive uma perda alguns dos meus amigos foram embora nos meus 10 anos Sofri um acidente fui atropelado quebrei a perna passei 6 meses sem andar, mas graças a Deus consegui me recuperar em 2012 ganhei minha primeira moto uma Biz aprende super rápido a pilotar nos meus 12 anos aprendi bastante coisas já estava chegando na adolescência nos meus 15 anos vigiei para casa do meu tio no Parauapebas foi muito legal nos meus 16 anos aprende a dirigir nos 17 anos consegui meu primeiro emprego. (Anexos: Figura 23 VIII Tempo comunidade)

A temporalidade em que o narrador constrói seu relato é presentista, pois os indivíduos tendem a reconstruir o seu passado a partir de uma perspectiva do presente. Os narradores ou contadores de historias das comunidades não se preocupam em contextualizar os episódios históricos da coletividade pelo viés impessoal, pois os mesmos não se atentam para os acontecimentos como fatos históricos, mas como experiências de vida. Os sujeitos pesquisados constroem suas verdades históricas a partir de seu ponto de vista, portanto essas narrativas têm muito de suas opiniões religiosa politica e cultural.

A multiplicidade de grupos em que os sujeitos são inseridos no decorrer da existência, família, escola, sociedade constituem sua base histórica porque suas memórias e portanto suas narrativas são frutos de suas experiências, assim, segundo KHOURY:

Ao narrar, as pessoas estão sempre fazendo referências ao passado e projetando imagens, numa relação imbricada com a consciência de si mesmos, ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social. Associando e organizando os fatos no espaço e no tempo, dentro dos padrões de sua própria cultura e historicidade, cada pessoa vai dando sentido à experiência vivida e a si mesma nela. (KHOURY. p. 13, 2004)

A partir dessa ideia concluímos que a narrativa é repleta de individualidades mesmo quando é retratada a historia de um grupo familiar, os sentimentos do narrador inserido em cada narrativa demonstrando carinho,

saudade, empatia torna cada narrador único. Sua maneira de retratar os acontecimentos a partir de uma perspectiva própria de pertencimento dá vida as suas histórias, assim o individual dá voz ao coletivo a sua maneira, e ao mesmo tempo esse pertencimento nascido nas falas faz emergir individual e coletivamente características culturais de uma comunidade. Tornando assim uma digital histórica daquela comunidade. As histórias mesmo que pareçam e tenham coisas em comum no enredo são únicas. As narrativas dos alunos contemplam a história das famílias, tanto as dificuldades quanto os reconhecimentos.

Meu pai se chama Francisco Miguel de Lima, tem 51 anos nasceu no Maranhão veio para o município de Marabá aqui ele conheceu a minha mãe que se chama Net Gomes Pereira quando ele conheceu minha mãe ela morava na Vila União, mas os meus avós não queriam que minha mãe morasse com meu pai então eles resolveram fugir juntos moram juntos até hoje tem seis filhos juntos a nossa família é uma família sempre não temos muitas condições minha mãe trabalha na escola como serviços gerais. (Anexos: Figura 27 VIII Tempo comunidade)

Quantos Franciscos vieram do Maranhão e em solo Paraense formaram família. Quantas histórias cabem no enredo da história de Francisco. Quantas relações construídas, e quantas histórias reconstruídas a partir dessas relações. Nesse contexto cabe a memória tornar o passado presente, garantindo a continuidade e estabilidade de um grupo social. A memória tenta dominar o tempo e para isso rememora, encena e revive o passado, e assim as experiências passadas que não foram vividas diretamente por mais distantes que pareçam são apreendidas e transmitidas entre os grupos sociais vinculando os sujeitos aos grupos em que estão inseridos por afinidades e vivências.

Todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado, sempre, por assim dizer, desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falara sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, p.86 2002)

Percebemos que as narrativas contemplam apenas as partes que para os sujeitos aparentemente são mais significativas no que diz respeito às experiências pessoais. Ou seja, seu foco narrativo se baseia naquilo que de alguma maneira trouxe mudanças ou que de alguma forma resultou em transformações pessoais. Ao entregarmos uma folha em branco aos alunos participantes do projeto na escola Adão Machado da Silva sugerimos que a partir das discussões da roda de conversa sobre as histórias de vida deles e dos pais do questionário proposto, e da pesquisa familiar que eles mesmos realizaram colhendo dados sobre os meios de sobrevivência da família eles então descrevessem relatos de suas vidas que contemplassem de alguma forma essa dimensão familiar, trabalhista e social de suas trajetórias, alguns questionamentos surgiram como: Posso falar do meu pai? Ou posso falar só de quando eu me entendi por gente? Ou ainda Eu acho que eu não tenho nada pra falar, eu nem tenho história só vivi aqui a vida toda, Essa última frase foi dita no segundo ano pelo aluno J. 19 anos nos chamou atenção e nos fez perceber que tínhamos de dar mais ênfase à valorização da história pessoal dos sujeitos, mostrar para eles que cada acontecimento de suas vidas de alguma forma tem um peso histórico e social, pois são participantes de uma comunidade que é formada de indivíduos e cada experiência individual carrega consigo um elemento de construção coletiva então resolvemos abordar o tema de outra forma, Propomos aos alunos que escrevessem episódios que para eles fossem marcantes em suas vidas, que de alguma maneira trouxe mudanças pessoais ou familiares, individuais ou coletivas. A partir dessa adequação os relatos começaram a surgir, simples, ignorados, reticentes, condensados, temerosos, carregados de emoção, únicos. No relato da Aluna I. 14 anos ela fala sobre a mãe e o pai exaltando suas qualidades e enfocando as batalhas que a família enfrentou sem, no entanto detalhar. “Minha mãe é uma batalhadora é guerreira ela já passou por tanta coisa nessa vida só Deus e ela sabem e mais ninguém” (anexo. Figura 25). Logo em seguida ela fala do pai e enfatiza suas qualidades com orgulho, mas também sem detalhar acontecimentos.

Meu pai é um guerreiro porque ele sempre fez de tudo para nunca faltar nada para nós ele sempre teve vontade de aprender várias profissões ele também já passou por várias coisas nessa vida ele já trabalhou muito até hoje ele trabalha, mas nunca deixou faltar nada para nós ele é um batalhador e eu o admiro muito por essa força de vontade de trabalhar ele

é um exemplo de homem ele batalhou tanto para conseguir as coisas que ele tem hoje. (Anexos: Figura 32 VIII Tempo comunidade)

Cada narrador tem uma forma única de contar relatos de sua vida, alguns focam um passado recente outros orientam suas narrativas a partir de um tempo remoto. A temporalidade é um fator preponderante nas narrativas.

A história do meu pai o meu pai após ter se juntado com a minha mãe mudou da cidade para o campo e hoje ele trabalha na roça trabalha também como pedreiro e daí também mexe com gado então costuma vender o leite para os Laticínios então tem uma boa renda porque por dia tira uns 50 litros de leite que contando tudo no final do mês já é uma boa renda contando com a renda de pedreiro e ele consome uns 900 a 1000 por mês. (anexos: Figura 17 VIII Tempo comunidade)

Além de fatores como a importância das histórias orais, e o modo como os sujeitos constroem suas narrativas através da memória individual e coletiva analisamos junto a alguns participantes da pesquisa suas concepções sobre trabalho. No decurso do estágio intervenção solicitamos aos alunos que escrevessem sobre o tema: o que eles entendiam sobre a concepção corrente de trabalho, de que forma eles encaravam essa concepção diariamente e a importância deste na vida cotidiana e nas relações com seus pares. Ao lado uma das respostas. A aluna M. deduz trabalho como uma mescla da subsistência aliada à virtude, também faz comparações entre algumas profissões ressaltando a igualdade do trabalho entre elas.

A minha mãe começou a trabalhar em casa aos 7 anos de idade ajudando no trabalho doméstico como limpar a casa lavar louças lavar roupas etc. assim enquanto trabalhava pela manhã estudava à tarde, mas conta que as coisas para ela começaram a se complicar quando teve sua primeira filha Lu aos 18 anos porque tinha que cuidar da criança e trabalhar e não tinha tempo para estudar aí deixou os estudos e começou apenas a trabalhar porque tinha saído de casa e ficava muito mais difícil daí após alguns anos a uns dois anos depois se juntou com meu pai e como ele podia trabalhar para sustentar a família ela ficava mais aliviada com tudo, mas mesmo assim deixou os estudos que era algo muito importante para ela assim como é para todos nós. E hoje trabalha apenas em casa no serviço doméstico e tem 38 anos, mas mesmo assim é feliz o que é trabalho para mim é algo que fazemos para que o nosso dia a dia podemos andar bem vestidos comer bem na maioria das vezes também além de ser necessário para o nosso consumo nos mostra também uma pessoa honesta nem há vários tipos de trabalho como doutor o professor de doméstica etc. assim nós dependemos do trabalho porque através do trabalho que sobrevivemos também. (Anexos: Figura 25 VIII Tempo comunidade).

A lei numero 8.069/90 de 13 de julho de 1990 do Estatuto da criança e do adolescente ECA no capitulo II que regulamenta o direito a liberdade respeito e dignidade prevê que alem de: “ Brincar, praticar esportes e divertir-se” (inciso IV) O adolescente tambem tem direito a “ participar da vida familiar e comunitaria, sem discriminação (inciso V). Para as crianças e adolescentes camponeses residentes na vila Três Poderes a participação na vida familiar consiste em contribuir nos afazeres domesticos e mesmo nas atividades relacionadas ao sustento da familia. Assim as concepções de trabalho apresentadas pelos alunos são de certa forma compreendidas pelos mesmos como uma estenção da vida familiar, e não como exploração. No relato do Jovem N. 18 anos que segundo ele ajuda no sustento familiar desde os 11 anos relata que o trabalho que realiza as dificulta na realização das atividades escolares, essa condição muito comum entre os jovens e adolescentes se torna em suas vidas um leque abundante de experiencias sociais e psicologicas.

Não consegui fazer os trabalhos das professoras Márcia e Kenya porque no meu serviço está na época da colheita e nesse tempo a carga horária do trabalho é muito grande eu entro no serviço 7 horas e não tenho horário definido para sair do serviço porque trabalho por produção e como peguei esse cargo de tenho que dar conta do meu serviço porque quando chegar os caminhões para buscar o milho tem que ter milho no depósito para encher toda a carreta que aparecer às vezes chega tem umas 8:40 da tarde e no horário que chegar eu tenho que carregar as vezes um caminhão grande leva em torno de 3:30 de tempo para carregar quando isso acontece eu chego em casa 10 horas da noite na semana de estágio das professoras a carga horária do trabalho era estava muito grande porque estava vendendo milho todo que tem tinha no depósito para limpar por isso estava chegando muito caminhão para puxar o milho teve dia que tive que deixar alguém no meu lugar para conseguir chegar 7 horas nos na escola no último dia de aula delas o meu patrão viajou e deixou o serviço em minha responsabilidade por isso não consegui entregar todos os trabalhos dela. (Anexos: Figura 16 VIII Tempo comunidade)

No seu relato ele fala da responsabilidade que tem no trabalho que realiza, supomos assim que essa condição seja resultado direto dos anos de serviço prestado a terceiros. Conversamos com ele sobre sua jornada de trabalho e ele nos relatou que o atraso nos estudos está diretamente relacionado à carga de trabalho diária. Afirmou também que se não houvesse turmas do ensino médio à noite não teriam condições de continuar. Percebemos um misto de resignação e orgulho em suas falas. Orgulho no que diz respeito ao crescimento pessoal no

ambiente de trabalho, mas resignado com suas faltas escolares. Aparentemente para ele, as questões de subsistência familiar tem uma importância maior que o aprendizado escolar.

Eu nasci 1998 na região do Maranhão quando eu tinha um ano meu pai morreu depois de um tempo minha mãe decidiu vir embora para o Pará. Chegamos aqui no tempo das invasões da terra para o Pará conseguimos ganhar 10 alqueires de terra fizemos uma casa e moramos lá por cinco anos depois fomos para o Pacajá e paramos dois anos lá trabalhando em uma serralheria quando a serralheria fechou voltamos para cá de novo aos 12 anos eu comecei a trabalhar para ajudar a minha mãe porque ela estava criando quatro filhos sozinha eu sempre trabalhei e estudei em 2016 eu entrei em uma fazenda para trabalhar e estou lá até hoje comecei limpando os pastos da Fazenda roçando hoje em dia estou no serviço melhor trabalhando na sombra aprendi a operar máquina eu sempre trabalhei lá pô porque eu acho que ganha mais esse ano eu vou terminar o meu estudo ensino médio e penso em fazer alguns cursos para máquinas pesadas estou concluindo a minha habilitação porque eu quero conseguir um serviço melhor estou pensando em sair da região. (Anexo: Figura 18 VIII Tempo comunidade)

Noutro relato temos a narrativa do jovem J. 19 anos que fala da sua origem maranhense e da perda do pai ainda quando tinha um ano, as dificuldades da infância junto à mãe e os irmãos, sua responsabilidade precoce aos doze anos, a sua trajetória de trabalho desde então e completa dizendo que sempre trabalhou e estudou.

Minha mãe e meu pai moravam no interior deste os seus 25 anos de casados construíram uma família com oito filhos e quatro adotivos todos nós tivemos uma educação extraordinária vivendo no interior com oito filhos as coisas começaram a ficar difícil estavam passando necessidade trabalhavam de sol a sol quebrando coco babaçu para ajudar a renda mas mesmo assim não dava foi que eles decidiram ir morar na cidade mesmo com 08 bocas para sustentar dos ainda acharam lugar para mais quatro bocas eles conseguiram um emprego de vigilante de escola onde trabalhou 25 anos foi daí que ele achava comida na mesa os filhos cresceram aí foi a vez dos filhos ajudarem limpando o quintal dos outros para aumentar mais um pouco a renda em casa meus pais sempre estão juntos trabalhando hoje são aposentados mais filhos hoje cuidamos deles pois um dia eles cuidam de todos os filhos hoje são os filhos que cuidam deles eu como filha só tenho que sentir orgulho de todos como meus pais os dois são Meu maior tesouro não me vejo sem eles Gosto de estar sempre perto deles todos os filhos pensam igual a mim. (E.). 19 anos. 3º ano (Anexos: Figura 19 VIII Tempo comunidade)

As memórias sejam individuais ou coletivas constroem a história de um povo. Segundo VON SIMSON “Existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências” porém essas memórias também possuem aspectos da memória do grupo social

em que ocorreu sua formação social. (2003) Mas também existe a memória coletiva “que é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla” e estas contem a versão de passado coletivo consolidada por uma sociedade (Idem)

As mudanças que ocorrem na vida dos sujeitos influenciam significativamente sua concepção de mundo e conseqüentemente suas narrativas se tornam reflexos dessa visão.

Eu nasci e me cresci e me criei na roça fui criado por meus avós quando completei 9 anos meus pais decidiram me levar para a cidade ao chegar na cidade me adaptei muito bem na cidade vive uns anos muito bom então cresci fiquei uma adolescente nesta época minha mãe recebeu uma proposta de ganhar uma terra ela não pensou duas vezes aceitou essa proposta os dias foram passando ela foi para acampamento depois eu desisti da escola fui mais minha mãe e fiquei sem pisar na escola 6 anos. Neste ano eu frequentava a escola para ensinar e aprender na sala de aula foi aí que comecei a ser professora no acampamento não tinha professora então eu os ensinava o que eu sabia, está luta demorou nove anos de acampamento sempre mudando de lugar quando foi decidido a todos se apropriar das terras então tudo mudou depois de dois anos voltei para escola mas tive que parar pois casei tive dois filhos me dediquei a família hoje com 36 anos ainda mora em roça estou cursando o terceiro ano do ensino médio estou terminando meus filhos estão com 11 e 8 anos também estão estudando nasceram e estão sendo criado na roça pretendo fazer uma faculdade e isso só será possível se eu morar na cidade nas Três Poderes. (Anexos: 20/21 VIII Tempo comunidade)

A lembrança é individual, mas os fatos e ações que culminaram no evento e na construção histórica na maioria das vezes vêm de interações coletivas que direta ou indiretamente sofreram influências externa, assim corroboramos a fala de Zilda Kessel em seu artigo Memória e memória coletiva que afirma:

A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina 'comunidade afetiva'. (KESSEL, p. 03, 2003)

A contribuição da memória coletiva é fundamental para construção de uma identidade social, para um sentimento de pertencimento do grupo que tem passado comum (Oliveira 2017) As memórias partilhadas pelos moradores de Vila Três Poderes desde as incursões pelo direito a terra até as conquistas de espaços territoriais e sociais criam uma esfera de proximidade histórica entre seus

habitantes, de alguma forma, direta ou indiretamente eles fizeram e fazem parte desse enredo histórico que será contado e recontado as próximas gerações.

A memória é de suma importância para vida do ser humano e, pois através dela que conseguimos acessar o passado lembrando fatos que de alguma forma serão relevantes no presente isso a torna tão complexa e provida de recursos que ela se torna didática, assim consegue criar conexões entre fatos tornando os mesmo meios de aprendizado. Mas o que a torna insuperável é a capacidade que ela demonstra de recuperação do passado. O que nos ocorreu no passado que não foi presenciado por outros pode ser compartilhado vividamente pela voz do narrador, nesse aspecto a vivência individual ganha amplitude social, e um evento a partir daquele primeiro ato de contar pode de várias formas se tornar um precursor para outras atitudes, bem como poderá influenciar outros. Portanto o ato de narrar nossas histórias em certa medida se torna uma necessidade, pois através disso podemos ponderar o passado, influenciar nosso presente direcionando nossas ações e calçados nas experiências vividas traçar subjetivamente linhas futuras.

Eu nasci em 24/07/2000 morei em Marabá até os três anos em 2004 eu e minha família viemos morar na Vila Três Poderes em 2006 comecei estudar na escola Adão Machado de da Silva minha primeira professora foi a Lucinete onde aprendi muitas coisas [...] eu achava ruim na Vila é que minha mãe e meu pai tinha que pagar aluguel porque meu pai ainda não tinha emprego, mas, depois disso 7 meses meu pai começou a trabalhar em carvoaria meu pai passava toda semana trabalhando e eu e minha mãe mas dois irmãos ficávamos em casa para ajudar nos deveres da casa e nos finais de semana meu pai Venha visitar nós ou às vezes nós ia visitar ele até aqui com esse trabalho eu conseguir juntar o dinheiro para comprar nossa própria casa depois disso foi melhorando (Anexos: Figura 22 VIII Tempo comunidade)

As experiências singulares de cada sujeito segundo Bossi “gera a necessidade de contar: você sabe o que eu vi”? você sabe o que me aconteceu? E tudo o que nos acontece é notável porque nos concerne. (Bossi 2003) As narrativas permeadas de particularidades e que para outros não tem a mesma relevância para quem viveu é de fundamental importância, pois define sua existência, suas perspectivas, sua genealogia, sua cultura, sua formação social, sua identidade. A história do jovem J. de 22 anos mostra em resumo sua trajetória desde a saída de seu estado de origem, e como as migrações fundamentaram suas vivências e o trouxe até a comunidade.

Eu nasci em 1996 eu vim do Maranhão e vim morar no município de Marabá em 2002 morei por 8 anos no pé nova vida eu fui embora pro

Parauapebas 2010 e 2012 sofri um acidente passei 30 dias internado esperei me recuperar E voltei para onde a minha família fui fazer um ano do ensino médio na Santa Fé na escola Maria das Neves quando eu concluir o primeiro ano fui chamado para servir a junta militar passei um ano servindo a junta militar depois que eu sair de lá eu voltei para o PA Nova Vida para casa dos meus avós eu passei 3 anos sem estudar todo mundo falava que eu não iria concluir ensino médio e eu estou no terceiro ano e pretendo terminar com todas as dificuldades que a vida nos dá. (Anexos: Figura 23 VIII Tempo comunidade)

Seu relato compreende o que para ele seria importante nos contar. Suscito mas objetivo, o modo de contar sua história diz muito sobre si mesmo sobre suas vivências bem como traduz o que para ele seria relevante que soubéssemos. Cada narrador possui um modo particular de contar, e manifesta através da linguagem e trejeitos as emoções que afloram ao contar sua história. A maneira que cada sujeito articula os fatos no tempo e no espaço traduz sua perspectiva sobre os mesmos e usa a linguagem falada, escrita ou gestual para reproduzir esses fatos.

A linguagem é o instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho as lembranças e as experiências recentes. KESSEL (2014, p. 4-5)

No artigo o tempo é chegado de Rita Lírio de Oliveira (UESC) e da Professora. Dr^a. Maria de Lourdes Netto Simões (UESC) A MEMÓRIA COMO MEIO DE PRODUZIR E PRESERVAR IDENTIDADES da Revista Reflexões tem a fala de Kathy Woodward:

Para Woodward a “redescoberta do passado é parte do processo de construção de identidade, uma vez que é por meio dos antecedentes históricos que as identidades também se estabelecem”. Isto significa que a simples busca de elementos do passado para afirmar identidades, pode produzir novas identidades. (OLIVEIRA e SIMÕES) 2000, p. 7/12)

Percebemos que Os textos dos alunos contendo narrativas de suas histórias de vida apontam para uma representação do que cada sujeito relembra a respeito de seu passado, de como se identificam socialmente. Suas lembranças trazendo elementos do passado, afirma identidades a partir das vivências destes podendo ser modificadas ou não. Nesse processo de relembra no contexto de afirmar identidades duas questões fundamentais são levantadas: a seleção das lembranças e o esquecimento. Que critérios são adotados pela memória para pontuar uma lembrança e esquecer outra? Em que medida o ato de esquecer pode

ser tão relevante para construção da identidade como o ato de relembrar? Para refletir sobre estas questões buscamos a fala de alguns escritores entre eles VON SIMSON sobre esse assunto diz:

Na sociedade ocidental atual, o ritmo acelerado do trabalho urbano somado a facilidade e rapidez dos meios de comunicação (criadas pelos constantes avanços tecnológicos) colocam o homem comum frente a uma quantidade avassaladora de informações. Tais fatos criam para o homem contemporâneo quase a obrigação de consumir a informação de forma acrítica, sem maior cuidado seletivo, perdendo-se, portanto uma das mais importantes funções da memória humana – a capacidade seletiva – que é o PODER de escolher aquilo que deve ser preservado, como lembrança importante e aqueles fatos e vivências que podem e devem ser descartados. A perda do exercício desse poder de seleção nas sociedades atuais constitui o fator fundamental para a formação do que os profissionais da informação chamam de sociedades do esquecimento (2003)

Esquecer é tão comum para ser humano quanto o relembrar, esses atos se elaboram e ocorrem mentalmente, mas interferem diretamente na vida e na trajetória dos indivíduos. O relembrar é essencial para continuidade da espécie. Através das lembranças aprendemos, reconstruímos, evoluímos, adaptamos. Ainda segundo Sinson “Descartamos a maioria das experiências vivenciadas” e só retemos aquelas que possuem significado, isto é, são funcionais para nossa existência futura. (Idem). A memória seleciona o que será lembrado e o que será descartado, pois age de forma operacional retendo informações importantes para decisões futuras e experiências que validem essas decisões (idem).

Referindo-se ao termo lembrança, Halbwachs (2006, p. 91) afirma que esta é “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada”. Esta definição permite perceber que o autor toma como ponto de referência do seu estudo os contextos sociais reais, a fim de explicar como se dá o processo de reconstrução que é a memória, tendo por questão central estabelecer a distinção entre o que denomina memória individual e memória coletiva.

A tradição oral se concretiza também no ensino aprendido. Na vila Três Poderes, as crianças são ensinadas sobre as dinâmicas de trabalho para o sustento da família, como a agricultura familiar e a criação bovina é um dos pilares do sustento, logo cedo as tradições familiares sobre cultivo e cuidados dos animais são repassados aos pequenos. Assim o Ensinar aos filhos a maneira em que o

trabalho é realizado e as técnicas de produção são de fundamental importância para manutenção dos lares. Na narrativa do estudante M. de 17 anos ele narra um pouco de sua trajetória desde a migração da família da sua cidade natal São Domingos do Araguaia até a Vila Três Poderes sua relação com o trabalho e o modo como a subsistência influencia diretamente nas relações pessoais e familiares.

Meu nome é M. e tenho 17 anos e quando eu nasci em São Geraldo do Araguaia a nossa família veio embora para cá aí novinho eu morei com meu pai e minha mãe aí as coisas não ficaram muito bem eles começaram a brigar muito aí minha mãe foi embora eu não conheci ela pessoalmente ainda depois eu fui morar com minha avó aí fui crescendo com ela e minhas tias e foi assim até eu cresci mais e começar a trabalhar fui morar na vila e indo para roça criando bicho, um gadinho, pouco gado aprende quando eu peguei no peito a primeira vez não saiu nada a tirar leite fui tentando Meu primo me ensinou aí eu fui trabalhar tirando leite para os outros aí com 13 anos eu fui trabalhar numa fazenda e passei três anos tirando leite aí eu fui para Vila de novo e vim para cá aqui também tirando leite para o meu tio e passei oito meses trabalhando para ele agora eu tô em outra fazenda agora. (Anexos: Figura 24 VIII Tempo comunidade).

O lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. BOBBIO (1997) Ainda segundo ele, ao recordar reencontramos a nós mesmos bem como nossa identidade, mesmo após muitos anos e muitas vivências. O relato agente de saúde A. P. S nos traz algumas nuances desses aspectos quando nos traz em suas falas uma trajetória marcada pelo sofrimento enfrentado por ser, mulher, mãe solteira, desempregada e que a princípio encontrou na lavoura um meio de sustento para alimentar os filhos, mas só posteriormente quando ingressou na escola conseguiu através de concurso ser efetivada no cargo de Agente comunitária de saúde.

História de vida A. P. S nascida no dia 6 de maio 1977 em São Geraldo do Araguaia Pará minha história de vida que mais me marcou foi a partir dos meus 25 anos quando mudei para o município de Itupiranga em Agosto de 2003 passei por muitas dificuldades mãe solteira sem emprego com quatro filhos pequenos para cuidar sem ajuda de ninguém só de Deus comecei a trabalhar como cozinheira nas fazendas, mas nem sempre tinha serviço daí passei a enfrentar a roça capinar colher legumes serviço muito pesado enfrentar o sol do meio-dia para não deixar faltar o alimento na mesa, mas em Julho de 2005 enfrentei um concurso público apenas com a quinta série muito pouco conhecimento graças a Deus passei e hoje tenho 13 anos de carreira como agente comunitário de saúde. (Anexos: Figura 28 VIII Tempo comunidade)

O relato dessa mulher por um lado emerge uma triste realidade que muitas mulheres vivenciam hoje, um misto de tristeza e revolta permeia sua narrativa.

“Sofri muito preconceito por ser mãe solteira por você ser mulher todos acham que têm direito de te pisar humilhar”

“Por outro lado, narra o orgulho que tem de si mesmo em relação aos filhos: Venci o preconceito e dei a volta por cima criei meus filhos meu orgulho a minha razão de viver” e conclui falando da que apesar das dificuldades estudarem sempre foi uma o objetivo “Conclui o fundamental fiz o médio o magistério e hoje curso terceiro ano de pedagogia valeu a pena.” (Anexo 28) A. 42 anos.

A tradição oral que se perpetuam nos lares entre os membros das famílias é fundamental para construção de uma identidade social, é ela que aguça a sensação de pertencimento de um grupo, também se deve a ela a transmissão continua de praticas de trabalho que visam à subsistência familiar. Assim a sensação de pertencimento a um grupo se deve a e percepção de sua realidade aprendida com seus pares através da oralidade, isso os possibilita a atribuição de significados as vivencias surgindo então a cultura familiar.

3 ENTRE O PROPOSTO E O REALIZÁVEL:

Tempo, inquietações, esforço, conhecimento, dúvidas, horas de estudo, mais dúvidas e muitas noites em claro, foram alguns dos elementos que deram forma a este trabalho. Provavelmente outros tantos foram ou serão feitos com o mesmo tema, mas nada supera o desafio de ouvir e recontar nossa própria história pelas vozes de outros, que de alguma forma e em algum momento participaram desta seja como personagens principais ou coadjuvantes, certo é que se enxergar pelas lentes da impressão de outros torna o momento singular. Se por um lado nos posicionamos como pesquisador também somos atores no palco, mas chega o momento que o ato de ouvir, nos torna outras pessoas, somos levados pela narrativa, transportados ao mundo do contador e nos enxergamos em suspensos, descobrindo, aprendendo, crente ou descrente, ali estamos infinitamente iguais e como disse Portelli:

Ouvir em grande medida é uma descoberta de conceitos. Você fica ouvido coisa que não conhece você ouve coisas que você não espera e de certa forma, você se torna outra pessoa. É ouvir, escutar implica um sentido de igualdade, porque se você acha que é superior de alguma forma porque você é um professor e o outro uma pessoa iletrada, então você não entende, porque se você está fazendo uma entrevista a uma pessoa iletrada. Ela sabe alguma coisa que você não sabe. Então a entrevista em si se transforma em um momento utópico. Em que pessoas que não são tratadas como iguais na sociedade capitalista passam a se relacionar como iguais em uma troca. E essa troca do pode acontecer quando há algum tipo de igualdade e aceitação mútua. As diferenças sociais são suspensas (Portelli 2012)

O curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo - PROCAMPO se baseia nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Licenciatura PARECER CNE/CP 05/2005 e a Resolução N.º 1/2006 e 05/2006. Tendo como principal objetivo formar professores que atendam alunos da zona rural em todas as suas modalidades e especificidades focando o cooperativismo, a preservação do meio ambiente e da cultura local, considerando a luta pela educação do campo como um direito, em oposição à visão mercadológica do ensino.

No entanto vale lembrar que por mais que a ideologia do curso tenha conteúdos curriculares e uma metodologia próximo ao que se considere apropriadas as necessidades dos alunos do campo, bem como a dinâmica de

ensino relacionado à adequação do calendário escolar as fases do ciclo de trabalho dos alunos camponeses. Pensamos que ainda temos um longo caminho a ser percorrido para que haja menos discrepâncias entre o que aprendemos no período formativo e o que encontramos em campo, vale ressaltar que grandes partes das discrepâncias se devem a fatores socioeconômicos, pois por mais que absorvamos e compreendamos no período formativo do curso caminhos que levem a valorização do sujeito e suas práticas e utilizemos todo o conhecimento adquirido para tentar transmitir uma visão de mundo em que aqueles sujeitos tenham direito a espaços socioculturais tão importantes quanto seus pares sempre teremos que remar contra uma maré hegemônica de poder estabelecido que classifica os sujeitos culturalmente, economicamente e politicamente. E o resultado é certa dicotomia entre o que se aprende no curso e o que se vive nas nossas comunidades, e isso poderá influenciar nos processos de ensino, porque tendemos a reproduzir em maior grau o que se vivencia, assim percebemos que as lutas dos processos educativos para os alunos do campo começam na formação dos professores então compreendemos que ainda falta muito a se pensar entre aquilo que se aprende no curso e a realidade que se tem em sala de aula desde a formação até o exercício do aprendizado nas escolas do campo. O curso tem diretrizes que abordam aspectos relevantes às necessidades dos estudantes oriundos do campo, assim seu calendário pensando numa dinâmica de atividades que mesclassem tempo de estudo e tempo comunidade foram essenciais para nosso aprendizado, no entanto, entre aquilo que se pretende e aquilo que se realiza há infinitas possibilidades e fatores de sucesso e fracasso no que se aspira.

Durante o tempo acadêmico e as pesquisas que resultaram nesse trabalho inúmeras foram as dificuldades, esses entraves se apresentaram entre elas destacamos algumas que nos marcaram como pesquisador e como ser humano, mas que foram fundamentais para nosso crescimento, aprendizado e superação.

➤ **A desconstrução:** Devida a nossa ausência na sala de aula durante anos (Parei de estudar aos vinte anos) nos causaram atrasos de compreensão, assim absorvemos pelo choque de realidade nas palestras que desconstróem dogmas culturais e sociais fomos sacudidos por uma avalanche de conhecimento, de novas ideias, de nossos conceitos. Pensando que a pesquisadora para além de Acadêmica é um sujeito que ao chegar ao espaço universitário vem cheio de vivências e conceitos e possui uma vida paralela ao tempo universitário é dessa

que retira o sustento, que se tecem relações familiares, que participa socialmente da vida. É válido afirmar que as atividades realizadas no meio desse processo de estudo e aprendizado podem sofrer influências do meio, das mudanças e das situações que se depara a estudante dos sentimentos que surgem tanto na relação professor/aluno no que diz respeito ao tempo universitário quanto à relação pesquisador/pesquisado do ato de ouvir narrativas como expectador participante, por isso as interpretações tanto num como noutro caso podem assim como a vida sofrer mudanças de perspectiva devido à carga interna que trazemos, vale ressaltar que aprender é mais que assimilar, aprender é troca, e ressignificar conceitos, é promover lutas internas; e pesquisar não é somente coletar dados aleatórios, é interpreta-los, esmiúça-los a partir do conhecimento acadêmico recebido bem como das impressões e vivências do cotidiano.

➤ **A coleta de dados:** A princípio houve certa resistência por parte dos entrevistados que estavam reticentes em compartilhar conosco sua perspectiva histórica dos fatos a todo o momento a frase que mais ouvíamos era “Mas vocês já sabem disso”, sentíamos com isso que os participantes ficavam incomodados com nossas perguntas pelo fato de também morarmos na comunidade por outro lado esse mesmo conhecimento que repelia a princípio seria nosso trunfo para conduzir as conversas visto que o fato de conhecermos os participantes abria portas para uma conversa mais intimista, de pontos de vista mais explícitos e de revelações que não seriam feitas caso fossem outros os pesquisadores. Ainda assim sempre há relutância em falar de acontecimentos passados, visto que nem sempre são tranquilas as transições da vida. Principalmente em situação de ocupação de território em que o medo mesmo com o passar do tempo é algo recorrente sempre, como se por algum motivo se sentissem inseguros, tanto que as narrativas se chocam em muitos pontos, pois cada um tem pontos de vista diversos em relação aos mesmos acontecimentos. Ou em alguns casos os acontecimentos são bem contraditórios, e quando se questiona sobre as incongruências surge uma resistência e desconfiança Os silêncios se tornam uma constante a cada pesquisa, porque a pesquisadora se sente parte da comunidade por ter vivido anos lá, por ter pais e filhos lá, mas em muitos casos devido sua ausência no presente não é vista dessa forma por alguns moradores, as relações se tornam uma colcha de retalhos, unidos apenas pelas linhas, mas que se alguma parte se solta é como se nunca

tivesse existido, perdemos assim toda uma construção da confiança estabelecida devido às ausências. Por isso a importância que o curso dá a presença do acadêmico na comunidade pesquisada, e reitero o posicionamento do curso sobre a importância do vínculo do pesquisador/comunidade, para que as linhas que tecem a história local sejam cosidas a confiança das relações Humanas.

➤ **O desenvolvimento da pesquisa:** Esta se constituiu entre tantas, uma das maiores dificuldades que enfrentamos, pois em grande parte sentimos que os resultados da pesquisa têm muito de nossa perspectiva enquanto morador que conheceu e viveu muitas das situações narradas por outros, isso de certa forma influenciou nossa escrita desse trabalho no que diz respeito não só as análises, mas também as conclusões. Se por um lado o fato de sermos moradores em certa medida contribuiu para coleta de dados, por outro pode ter corrompido nossas impressões e análises. Para nós isso se tornou muito claro quando ao ouvirmos as narrativas e participamos de muitas das incursões da comunidade olhamos a história contada com nossa perspectiva em alguns momentos inconscientemente criamos pré-conceitos de algumas falas surgindo um quê de dúvidas e desaprovação sobre a referida narrativa, e isso fica mais evidente no momento da releitura das falas (entrevistas) quando juntamos todos os relatos para construirmos o trabalho. Porque no momento da releitura, da construção cronológica dos fatos estas falas foram assimiladas não no aspecto acadêmico, aquele que aprendemos na universidade em que o pesquisador não opina sobre os fatos, mas os coleta, descreve e analisa. No entanto, e isso se esboça claramente e até de forma inconsciente também que antes do conhecimento vem a identificação, ser parte da comunidade é inconscientemente mais relevante que o ter conhecimento dos fatos contados por outros, assim o ser (pertencer e participar dos fatos) supera o ter (conhecimento dos fatos através de narrativas de outros), tais análises podem não ter uma clareza fundamentada em fatos, pois podem estar corrompidos pelas nossas angústias pessoais em relação ao conhecimento que temos, e os pré-conceitos que formamos ao longo da vida sobre a história local.

➤ **O tempo de pesquisa:** Devido a nossa mudança de comunidade logo nos primeiros anos de curso houve uma grande dificuldade para construção dos relatórios e as entrevistas com os moradores, pois o deslocamento para a

comunidade em que realizávamos a pesquisa dispndia tempo e recursos, este ficou fragmentado em varias viagens para o que acabou causando desencontros com os participantes da pesquisa.

Além de que, quando se volta à comunidade para realização das pesquisas e já se tem em mente o padrão de pesquisador que o curso propõe e quando encontramos uma realidade que não se esperava ocorrem frustrações; E agora? Faço dessa maneira ou daquela? Em muitos casos, dependendo do acesso à comunicação, esperam-se semanas antes de obter uma resposta da instituição sobre essa ou aquela dificuldade tendo em vista que na comunidade pesquisada os meios de comunicação são precários.

➤ **As relações construídas** O cronograma de aulas condensadas, as disciplinas que se atropelam, pois o tempo não para, mas há um cronograma a cumprir, os textos e mais textos lidos em noites insones e resenhados, fichados, condensados em artigos simplórios ou incoerentes, resultantes do esforço feito aleatoriamente para obtenção de um conceito. Nesse caminho percorrido não há espaço para conjecturas individuais, para externar mau grado, bem como da sua bagagem de vivencias exterior ao curso ou o que se aprende academicamente e nesse caso um ponto de vista mal colocado ou uma ideia verbalizada sem o devido cuidado pode causar grandes impropérios entre os participantes dessa jornada acadêmica.

A partir dessas dificuldades surgem algumas questões pontuais que necessitam serem apreciadas posteriormente pelo corpo administrativo do curso tanto no que se refere à instituição quanto ao próprio acadêmico. Em relação à instituição: Em que medida o caminho acadêmico percorrido ate esse ultimo momento consegue atender e encaminhar soluções para as dificuldades singulares encontradas na pesquisa de campo e na construção do trabalho final? Quais mecanismos poderiam ser utilizados para um maior suporte de ensino e apoio no tempo comunidade para os alunos que retornam para suas comunidades a fim de realizarem as pesquisas? Que outros meios usar para alcançar um maior aproveitamento das aulas mesmo com tempo escasso e a falta de recursos financeiros e consequentemente humanos da instituição? Em relação aos acadêmicos: Como utilizar melhor o tempo comunidade na obtenção de dados para pesquisa final? Qual metodologia melhor se encaixa na realidade da comunidade

que se fará a pesquisa, pois devido à singularidade de cada uma não se tem uma receita que poderá ser seguida por todos. Que meios utilizar para solucionar ou pelo menos minimizar possíveis dificuldades pontuais na comunidade pesquisada sem o auxílio imediato da instituição. Quais medidas extracurriculares poderiam ser adotadas pelos acadêmicos na própria comunidade como forma de maior contato com o corpo escolar local e assim construir antecipadamente uma afinidade com estes e posteriormente maior empatia na realização nos estágios e projeto. Que estratégia de estudo e pesquisa adotar para possíveis mudanças de comunidade ou tema de projeto? Seria importante a construção conjunta (corpo docente e corpo discente) de espaços para tratar de intercorrências pessoais no decorrer do curso e de que maneira estas podem impactar ou contribuir no processo de aprendizado. O curso de educação do campo é relativamente jovem em relação aos demais e este tem despontado de uma forma muito promissora no cenário nacional mesmo com tantas retaliações governamentais, mas cremos que cada nova fase, cada novo ano, cada nova demanda de alunos tem trazido novos questionamentos assim deixamos aqui nossa contribuição para continuar fazendo deste modelo de ensino o divisor de águas que o país necessita para inclusão, igualdade e respeito que as classes tanto buscam para uma convivência harmoniosa.

Mas é de fundamental importância frisar que mesmo com intercorrências que dificultam o processo este é mais um caminho que nos direciona a uma educação libertadora que valoriza os sujeitos e suas práticas que adequam o aprendizado a realidade do aluno do campo, que contempla as necessidades destes, que fomenta construções mais igualitárias de direitos entre os homens e finalmente que pode modificar a história quando permite que mais vozes sejam ouvidas e não unicamente a de uma classe dominante. O que tentamos nesse trabalho é tão somente demonstrar que as histórias de cada sujeito podem variar, podem se chocar, podem se contradizer, podem se continuar e podem acima de tudo ter o mesmo peso histórico e cultural. Podemos afirmar então que reconhecer e valorizar sua própria história é um meio de se posicionar diante dessa cultura difusão ideológica da cultura dominante que nada mais é segundo COTRIM (1987):

O conjunto de normas e valores pertencentes à cultura de classe dominante tende a serem impostos, mediante os mecanismos de poder [...] Desta maneira, certas crenças, normas e valores que correspondem aos interesses específicos dos dominadores são difundidos como se tivesse um caráter universal e atendessem aos interesses gerais da sociedade como um todo. (COTRIM 1987, p. 24)

As narrativas da vida de sujeitos da vila Três Poderes nesse trabalho tentou resgatar em certa medida parte da história local para que posteriormente a comunidade os mais jovens da comunidade conseguissem através dessas histórias compreenderem o contexto social em que estão inseridos e conscientizar da importância da preservação de sua história. E se considerarmos a tradição oral como fator determinante para constituição cultural e social de um povo e a partir disso desenvolver um sentimento de pertencimento coletivo poderemos então suscitar um empoderamento social que irá nos distinguir dos demais, porque teremos voz e teremos história, mas não uma história ignorada ou silenciada, mas atuante e reacionária. O coach José Roberto Marques em suas palestras sobre desenvolvimento pessoal diz: “Sem saber quem nós somos amar, respeitar e valorizar nossa história de vida, dificilmente seremos bons coletivamente.” (2017).

A comunidade de vila Três Poderes com seus aspectos territoriais suas potencialidades econômicas, e a singularidade das trajetórias humanas que a constituem a torna um celeiro de narrativas humanas. Posteriormente essas poderão representar num contexto histórico geral parte integrante de uma história maior que abrange centenas de relatos do povo brasileiro que em toda extensão geográfica do país surgem a cada dia contando dos processos de ocupação, de luta e conquista de espaço territorial, social e cultural. Grande parte da nossa pesquisa se dedicou a estudar as narrativas dos moradores da Vila Três Poderes, pois queríamos entender o contexto histórico social que formou aquela comunidade bem como as práticas que a caracterizam. A pesquisa nos proporcionou compreender em certa medida a perspectiva de espaço, tempo e memória dos primeiros moradores da comunidade. Mas para ter essa compreensão tínhamos também que enxergar a realidade social a partir da perspectiva destes. De alguma forma isso não foi impossível, mas foi complicado, pois o fato de ouvir nos tornou em certa medida “estranho no ninho”, pois como moradores da comunidade ouvir a história de sua origem pela voz de outro, pode a princípio ser chocante, principalmente se o seu desconhecimento é algo pertinente a grande maioria da população. Por outro lado isso nos deu um vislumbre de como se sentiram os alunos da escola Adão Machado da Silva quando das rodas de conversas, quando compartilhamos com eles parte da história contada pelos moradores que participaram da ocupação. Essa experiência nos abriu um leque de possibilidades

em relação ao projeto oportunizando um acesso particular a visão de realidade que tinham os estudantes. A partir disso conseguimos que eles conceituassem seu desconhecimento e surgissem os questionamentos sobre suas origens e daí chegamos às histórias de vida. Olhando de longe parece fácil a inserção de um assunto em sala de aula, mas as estratégias utilizadas para alcançar os objetivos desejados não são tão fáceis assim. Prender a atenção, repassando um conteúdo de forma inteligível que alcance a compreensão do aluno de forma clara e respeitando sua visão de mundo, visão esta que foi construída de percepções, significados e valores que em certa medida não iremos compreender, pois não fizeram parte da nossa formação é o grande desafio da docência. E quando direcionamos esse desafio para os alunos do campo percebemos que este se torna gigante, pois, além disso, objetiva caracterizar as escolas rurais como espaços escolares direcionados às necessidades e realidade do aluno do campo garantindo o acesso à educação, contribuindo para a permanência dos jovens no meio rural até mesmo depois da formação escolar. O curso moldado para alcançar essa classe tem princípios que respeitam a dinâmica de trabalho, das vivências e da cultura camponesa.

Os alunos do campo vêm de uma realidade social totalmente inversa a de muitos professores que estão nas escolas do campo. Percebemos que a Escola Adão Machado segue a exemplo da maioria das escolas rurais os parâmetros curriculares e as dinâmicas de ensino aprendizagem tradicional. Essa dicotomia entre os personagens causa muitos prejuízos ao aluno, pelo currículo inadequado e pela desvalorização de suas práticas. Cientes que a prática dos professores começa antes de entrar na sala de aula, e que esta é construída também em sua convivência com a realidade, o curso de educação no campo que contempla essa ideia quando ao formar filhos de agricultores trazem para as escolas rurais sujeitos que tiveram a mesma formação social ou pelo menos compartilham experiências semelhantes. Sabemos que as dificuldades não diminuirão pelo fato da escola do campo estar assistida por professores que tiveram as mesmas vivências. O sistema de ensino só mudará quando todos os sujeitos que reconhecem sua diferença social, cultural e política ergam sua voz, reivindicando a valorização como povo, como cultura, com as peculiaridades que lhes são inerentes, mas para isso é necessário haver um reconhecimento e valorização individual, é necessário que os sujeitos saibam quem são de onde vieram, e toda carga cultural, social, religiosa e

política de sua formação. A tradição oral traz o segredo para a preservação e valorização cultural e social dos povos, ela identifica, preserva, e garante as gerações futuras que não se perca sua ancestralidade e com isso a transmissão de experiências e vivências são passadas de pais para filhos. Reconhecer nossos ancestrais é nos reconhecer como povos somente assim poderão resistir e sobreviver ao silenciamento imposto, só assim teremos orgulho de quem somos relembrando os caminhos que nos trouxeram aqui e as lutas que enfrentamos para ter vez e voz. Faz-se necessário saber quem fomos para reconhecer quem somos, e assim podemos legar ao futuro dos povos do campo certezas sobre seus legados culturais.

REFERENCIAS

- ARAÚJO, Josivaldo. Entrevista Oral [gravada] realizada por Edna Márcia Nascimento. PA Gabriel Pimenta, 30 Outubro 2014. 43min.
- CRUZ, Lucinete. Entrevista Oral [gravada] realizada por Edna Márcia Nascimento e Kenia Santana PA Gabriel Pimenta, 15 Novembro 2014. 1h 12min.
- GOMES, Lourival. Entrevista Oral [gravada] realizada por Edna Márcia Nascimento. PA Gabriel Pimenta, 20 Novembro 2014. 1h 23min. SAGICA, Luís. Entrevista Oral [gravada] realizada por Edna Márcia Nascimento. PA Gabriel Pimenta, 12 Junho 2016. 38min.
- MADALENA, Maria. Entrevista Oral [gravada] realizada por Edna Márcia Nascimento e Kenia Santana. PA Gabriel Pimenta, 30 Outubro 2014. 55min.
- RAMOS, Domigos. Entrevista Oral [gravada] realizada por Edna Márcia Nascimento e Kenia Santana. PA Gabriel Pimenta, 05 Outubro 2014. 58min.
- SANTOS, Gilvan. Entrevista Oral [gravada] realizada por Edna Márcia Nascimento e Kenia Santana. PA Gabriel Pimenta, 20 Outubro 2014. 36min.
- SILVA, Dionesina. Entrevista Oral [gravada] realizada por Edna Márcia Nascimento e Kenia Santana. PA Gabriel Pimenta, 21 Outubro 2014. 48min.
- SOUZA, Alceu. Entrevista Oral [gravada] realizada por Edna Márcia Nascimento e Kenia Santana. PA Gabriel Pimenta, 20 Outubro 2014. 32min.
- ADORNO, Theodor W. Primeira versão, *Teoria da semicultura*, ano IV, nº191, agosto, Editora Porto Velho, 2005. Volume XIII, maio/agosto.
- ARAÚJO, M. P. M; SANTOS, M. S. *História, memória e esquecimento: implicações políticas*. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 79, p. 95-111, Dez. 2007.
- BAKHTIN, Mikhail.; VOLOSHINOV, Valentin N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 10a . Edição. São Paulo: Annablume, 2002.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v.1. 7 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo. Editora Brasiliense, 1994. Pag. 197-221.
- BOBBIO, Norberto. *O Tempo da memória*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- BORTONI, Stella. *O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita* In sociolinguística e ensino: Contribuições para formação do professor de línguas.

2010. <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/1238-o-istatuto-io-iaao-oa-liogua-oaal-i-oa-liogua-isiaita-45095825>, acesso em 21 dez.2018.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social*. Ateliê editorial, 2003.

BRASIL. Presidência da República. Catálogo de Programas do Governo Federal destinados aos Municípios. Brasília: MP, 2008

BRASIL. Ministério Público Militar. Centro de Memória. *Manual de história oral* / por Gunter Axt. -- Brasília, 2016. 31 p. I

CARDOSO. Heloisa Helena Pacheco, narradores de javé: histórias, imagens, percepções. Revista de historia e estudos culturais 2008 ano 5 volume V n. 2

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

DELGADO, Lucília. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura. Documento disponível em <https://pt.scribd.com/document/315526982/DELGADO-Lucilia-Historia-Oral-e-Narrativa> acessada em 28 dez 2018.

DIREITO DA CRIANÇA - Disponível para visita através do URL:

http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12892. acesso em 20/05/2019.

DISTANTE, Carmelo. *Memória e Identidade*. Tempo Brasileiro (95). Rio de Janeiro: Editora: Tempo Brasileiro 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2000. 204 p. ISBN 85-85676-84-1.

FORTUNATO, Sarita. *Escola, educação e trabalho na concepção de Antônio Gramsci*; IX Congresso nacional de educação (Educere) III encontro sul Brasileiro de psicopedagogia. 2009. https://educere.bruc.com.br/CD2011/trabalhos_1.html.

GAGNEBIN, Jeanne. *Memória*. Disponível em: 2016. https://youtu.be/b_v0-t2vnWY, acesso em 17. Out. 2018.

GERHARD, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa* – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Editora: DP&A, 2002.

KESSEL, Z. *Memória e memória coletiva*. In: NASCIMENTO. Francisco Arrais, SILVA. Pedro Manoel da, *Memória, sexualidade e imprensa: o caso do bar cantinho da Dalva*. XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB) 2015

KHOURY, Yara A. Apresentação. In: PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. P. 7-18.

MARTÍN-BARBERO, Jesus; BARCELO, Cláudia. *Comunicação e mediações culturais*. Inteiro. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 23, n. 1, 2000.

MELO Gonçalo Luís de; DOMINGUES, Adriana Rodrigues. *Conversas e Memórias narrativas do envelhecer*. São Paulo Via Lettera, 2012.

OLIVEIRA, Rita; SIMÕES, Maria. *O tempo é chegado: a memória como meio de produzir e preservar identidades*. Revista Reflexões, Londrina, v. 1, n. 1, p. 5-20, 2009.

OLIVEIRA, Rita. *Memória Individual e Memória Coletiva*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02 Ed. 01, Vol. 13, pp. 339-348 Janeiro de 2017. ISSN: 2448-0959.

PAULA, Maria; SEPÚLVEDA, Myriam. *História, memória e esquecimento. Implicações políticas*, Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 79|2007, colocado online no dia 01 outubro 2012, criado a 04 agosto 2019. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/728>; DOI: 10.4000/rccs.728. Acessado em 03/11/18.

PINTO, Fabiana. *Tradição Oral e a preservação de culturas*. Revista capitolina [Online], 2016 URL: <http://www.revistacapitolina.com.br/tradicao-oral-e-a-preservacao-de-culturas/> Acessado em 07/07/19.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2010. 258p.

SARRAF, Agenor. *O estudo cultural em outras margens identidades afro indígenas em zonas de contato Amazônico*. Revista de historia e estudos culturais. Setembro/Outubro/Novembro/Dezembro de 2012, vol. 09 Anos IX n. 3.

SILVA, Jerônimo; PACHECO, Agenor. *Oralidades em tempos de possessões afro indígenas*.

SIMSON, Olga. *Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento*. Augusto Guzzo. Revista Acadêmica, São Paulo, n. 6, p. 14-18, maio 2003.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. Revista: Projeto História, n. 15. 1997.

VASCONCELOS, Geni. *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: Editora: DP&A, 2003, 2ª Ed. Coleção (O sentido da escola).

WOODWARD, Kathryn. *Uma introdução teórica e conceitual*. SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ. Editora: Vozes, 2007.

ANEXOS

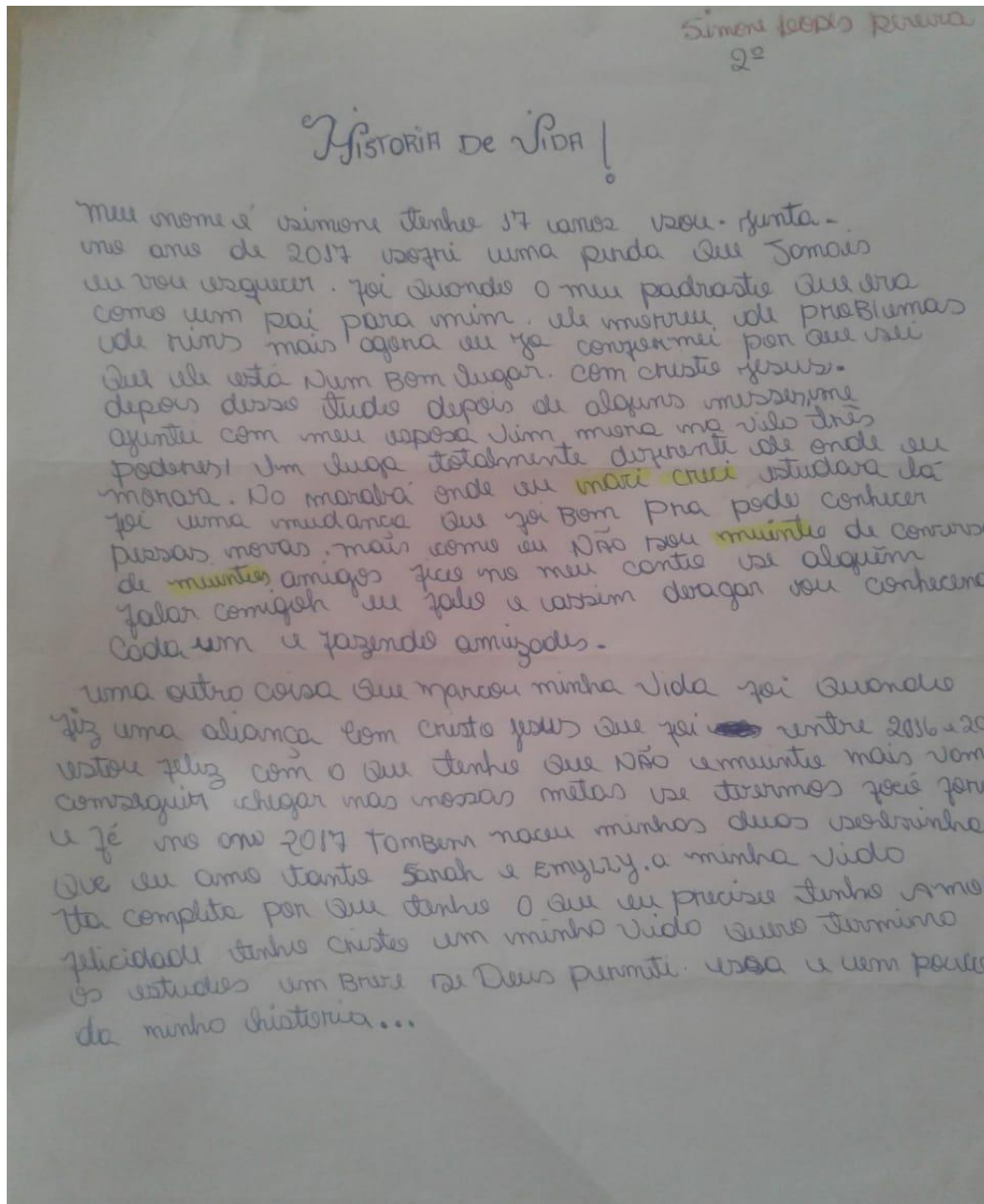


Figura 14 Texto de aluno. Fonte. Nascimento 2018

Bruna - age Barros
 aluno - Jaisam Mendes

Minha história

Meu nome é Jaisam, tenho 17 anos, mas no ano de 2000 fui criado pelo meu avô de 80 anos de idade, a minha infância foi muito boa me diverti bastante como toda criança. Com três anos de idade meus avós mudaram de cidade, mas moravam no município de Ituporanga numa vila chamada Esparago, na mudança para vila três poderes foi muito difícil para mim deixar meus amigos de infância mas me desestimei fis minhas amizades, mas tenho muitos lembranças dos meus 4, 5, 6, 7 anos mas me lembro que nos meus oito anos tive meu primeiro aniversário foi muito bom fiquei bastante feliz nos meus nove anos tive algumas perdas alguns dos meus amigos ficaram embora fiquei muito triste nos meus 10 anos, sofri um acidente fui atropelado quebri a perna por 6 meses sem andar mas graças a Deus consegui me recuperar em 2012 ganhei minha primeira moto uma Biz aprendi super rápido a pilotar, nos meus doze anos aprendi bastante coisas legais chegando na adolescência nos meus 15 anos viajei para casa do meu pai no Paraguai foi muito legal, nos meus 16 anos aprendi a dirigir, nos dezessete anos

Figura 15 Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018

15/05/18

3º Ano

Escola Aey Barros Aluno: Kelvin Viana Costa

Não consegui fazer os trabalhos da professora Márcia e da professora Kimmia por que no meu serviço está na época do colheita e nesse tempo a carga horária de trabalho é muito grande.

Eu entro no serviço 7:00 hrs e não tenho horário definido para sair do serviço, por que trabalho por produção, e como peguei esse cargo tanto que dar tanto do meu serviço, por que quando chegar em comissão para buscar o milho tem que ter milho no depósito para meter todo covete que operar. A vez chega bem umas 6:40 da tarde, e no horário que chegar eu tanto que trabalhar, a vez um comissão grande leva um tempo de 3:30 de tempo para trabalhar, quando isso acontece eu chego em casa 10:00 hrs da noite.

Na semana do estágio das professoras a carga horária de trabalho tá muito grande por que estava vendendo o milho todo que tinha no depósito para limpar. Por isso, tá chegando muito comissão para puxar o milho, tem de que tem que deixar alguns no meu lugar para limpar. Chegar 7:00 hrs na horário de escola. No último dia de aula de lá o meu pai tá viajar e deixar o serviço em minha responsabilidade por isso não consegue entregar todos os trabalhos delas.

Figura 16 Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018

A história do meu pai

O meu pai após ter se juntado com a minha mãe mudou da cidade para o campo e hoje ele trabalha, na roça. Trabalha também como pedreiro e daí também mexe com gado então e costuma vender o leite para os laticínios. Então tem uma boa renda porque por dia tira uns 50 litros de leite que contando tudo no final do mês já é uma boa renda contando com a renda de pedreiro. Ele consome uns 900 a 1.000 por mês

Figura 17 Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018

Escola Acy Barros
 Aluno: Jackson Vieira Costa

Eu nasci 1998 na região do Maranhão, quando eu tinha 1 ano meu pai morreu, depois de um tempo minha mãe decidiu vim embora para o Pará. Depois aqui na tempo dos imigrantes de terra, conseguimos ganhar 10 Alqueires de terra pagando uma casa e moramos lá por 3 anos, depois fomos para o Pará e Parauapebas moramos lá trabalhando em uma fazenda, quando a fazenda fechou voltamos pra cá de novo.

Ao 12 anos eu comecei a trabalhar para ajudar a minha mãe e estudar, em 2016 eu entrei em uma fazenda para trabalhar e estou até hoje lá, conheci limponete os patrões da fazenda responsável, hoje em dia já estou no serviço melhor trabalhando no semente aprendi a operar maquina, eu sempre trabalhei lá por poderíamos por que eu acho que gosto mais.

Atualmente eu vou terminar o 2º ano do ensino médio e penso em fazer alguns cursos para maquina feradora e estou concluindo a minha habilitação por que eu quero conseguir um serviço melhor e está pensando em sair da região.

Figura 18 Texto de aluno Fonte: Nascimento 2018

Ebene
 30 Anos

História de vida
 do
 meu pai...

Minha mãe e meu pai moravam no interior, ele tem 25 anos de casados construíram uma família com 8 filhos legítimos e 4 adotivos todos nós tivemos uma educação extraordinária, vivendo no interior com 8 filhos as coisas começaram a ficar difíceis tivemos necessidade trabalharmos de Sal a Sal, quebra coco babaco pra ganhar a renda mais mesmo assim não dava, foi que eles decidiram ir morar na cidade mesmo com 8 bocas pra sustenta dos ainda acharam lugar pra mais 4 bocas ele conseguiu um emprego de vigilante de escola onde trabalhou um 25 anos foi lá ir que ele colocava comida na mesa.

Os filhos cresceram, aí foi a vez dos filhos ajudarem limpando quintal dos outros pra aumentar mais um pouco a renda em casa meus pais sempre estão juntos trabalhando hoje são aposentados nós filhos hoje cuidamos deles pois um dia ele cuidou de todos os filhos hoje são os filhos que cuidam deles.

Eu como filha só tento que sentir orgulho de teres como pai, os dois são meu maior tesouro.

© Disney





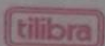
•MINNIE MOUSE•   Minnie  Mouse **OH MY!**  

Figura 19. Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018

na três poderes fiz muitos amigos, neste
 lugar ficar coisas maravilhosas, não me aces-
 sendo de nada fazia tudo novamente. minha
 vida ~~era~~ neste lugar teve um pouco de difi-
 -culdade mas nada na vida não é fácil mesmo.
 difícil foi mais de tudo fosse fácil não
 teríamos motivo por quem é por que lutar.
 Sou uma mulher feliz com minhas escolhas.
 Vou triste por deixar o lugar que viveu os
 amigos que fiz.
 Sou por que ainda tento algo pra conquista
 e isto só sera possível em outro lugar
 pois a três poderes já me ofereceram tudo que me
 tem e tudo que poderia me oferecer durante 17
 anos.
 minha história é muito grande um caçador
 não dá pra conta, botei resumida somente
 pra poder lhe contar.
 Boa sorte! pra vocês duas que seus
 sonhos possam realizar pois seus sonhos
 ainda estão aqui na três poderes o meu está
 no momento em marabá.
 no caso os seus objetivos muita boa sorte
 Ass: Eliene Oliveira Costa

3.º Ano:

tilibra OH MY! Minnie Mouse ♥ ♡ •MINNIE MOUSE•

Figura 20. Texto de aluno-continuação. Fonte: Nascimento 2018

3º ano

Relatório

minha vida.

Quando nasci e me casei em roça, fui criada por meus avós. Quando completei 9 anos meus pais decidiram me levar pra cidade, ao chegar na cidade me adaptei muito bem.

Na cidade viver um ano muito bom, então cresci fiquei uma adolescente, nesta época minha mãe recebeu uma proposta de ganhar uma terra e ela não pensou duas vezes, aceito esta proposta os dias foram passando ela foi pro acampamento depois eu decidir da escola fui mãe minha mãe ficou bem gostar na escola 6 anos neste anos eu frequentava a escola pra ensinar e aprender na sala de aula foi ai que conheci a de professora no acampamento não tinha prof³ então eu eu ensinava o que eu sabia.

Esta luta demorou nove anos de acampamento sempre mudando de lugar.

Quando foi decido a todos de apropriar das terras, então tudo mudou depois de anos voltei pra escola mais tive que para pois casei tive dois filhos me dediquei a família, hoje com 36 anos, ainda moro em roça estou cursando 3º ano do ensino médio estou criando meus filhos tão com 11 e 8 anos também estão estudando nascendo e estão sendo criado na roça. pretendo fazer uma faculdade, isto não será possível se eu mora na cidade.

© Disney






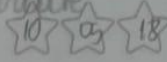

•MINNIE MOUSE•  ♥ Minnie  Mouse ON MY!  

Figura 21 Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018


 Aluno = Kyara Talia de S. Andrade 
 serie 3º ano 

Minha História de vida

Sou nasci em 24/07/2000 sou em marabá até os três anos em 2004 eu e minha família vinhamos morar na vila três pedras em 2006 comecei estudar na escola São Mateus da vila minha primeira professora foi a Lucimete com ela aprendi muitas coisas conheci minha melhor amiga e muitos outros amigos de escola eu deixo muito, minha amiga que me ajuda até hoje me aconselha eu conheci outras amigas como a Bruna, Samira, Lucas, entre outros.

O que eu achava ruim morando e eu minha mãe e meu pai tinha que pagar aluguel, porque meu pai ainda não tinha emprego mas depois de 7 meses meu pai começou a trabalhar em construção meu pai trabalha toda semana trabalhando eu minha mãe e mais dois irmãos ficamos em casa pra ajudar nos afazeres de casa e nos finais de semana meu pai tinha visitas mais só as vezes nos ia visitar de até que com esse trabalho eu consegui juntar o dinheiro para comprar minha própria casa, depois disso foi melhorando foi chegando mais moradores conheci outras pessoas diferentes em 2013 ali meu primeiro beijo tipo pra mim foi muito estranho mais depois me acostumei comecei a namorar com 14 anos com meus pais sabiam, eu sei que era errado por eu ser menor mais eu achava bom fazer aquilo né mais eu escuto bar

Figura 22 Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018

DISTOQUESS

Jefferson Augustina pereira

Fui nasci em 1996 em Tim do maranhão e vim morar no município de marabá e em 2002 morar por 3 anos na P.A nova vida eu fui embora pra paraipaba 2010 e em 2012 sofri um acidente passei 30 dias internado esperei mim recuperar e voltei pra escola a minha familia foi fazer o 1 ano de exame medio na conta-fi na escola maria das neves quando eu conclui o 1 ano fui chamado pra ir servir a junta militar passei um ano servindo a junta militar depois que eu sai de lá eu voltei para a P.A nova vida para casa dos meus avós eu passei 3 anos sem estudar todo mundo falava que eu não não iria concluir o Exame medio e eu estou no 3 ano e pretendo terminar com todas as dificuldades que a vida nos dá.

Figura 23 Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018

Matias 2º ANO

trabalho

tema ~~trabalho~~ parentude

Meu nome é Matias e tenho 17 anos e quando eu nasci em São Geral do Araguaia ai a nossa família veio em barca para cá. ai no início eu morei com meu pai e minha mãe ai as coisas não ficaram muito boas. elas começaram a brigar muito ai a minha mãe foi em barca eu não conheci ela pessoal mente ainda depois eu fui mora com minha avó ai fui ficando com ela e minhas tias e foi assim até eu crescer mais e começa a trabalhar. fui mora na vila e indo pra roça criando de bicho, galinha, porco gado, a presser, a tira leite, quando eu peguei no peito a primeira vez não saí nada sustentando meu primo mim em cima ai fui trabalhar tirando leite pro soto ai com 13 anos eu fui trabalhar numa fazenda e passei 3 anos tirando o leite ai eu fui pra vila de novo e vim para cá qui tá me tirando leite pro meu tio e passei 8 meses trabalhando para ele agora eu toco ni outra fazenda agora

Figura 24 Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018

Para Mônica, 8a
história da minha mãe
 A minha mãe começou a trabalhar em casa aos 7 anos de idade ajudando no trabalho doméstico como limpar casa lavar, lavar, lavar roupas, etc. Assim enquanto trabalhava pela manhã estudava a tarde mas conta que as coisas para ela começaram a se complicar quando teve sua primeira filha que ~~era~~ e ~~leu~~ aos 18 anos porque tinha que cuidar da criança trabalhar e não tinha tempo pra estudar ai deixou os estudos e começou apenas a trabalhar porque tinha saído de casa e ficava muito mais difícil, daí após algum tempo ~~se~~ a uns dois anos depois se juntou com meu pai e como ele podia trabalhar para sustentar a família ela ficava mais aliviada com tudo, mais mesmo assim deixou os estudos que era algo muito importante para ela assim como é para todos nós e hoje trabalha apenas em casa no serviço doméstico e tem 38 anos mais mesmo assim é feliz.

Figura 25. Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018

O que é trabalho?

Trabalho para mim é algo que fizemos para que com nosso dia-a-dia podemos andar bem ~~destados~~.

Remer bem na maioria das vezes também além de ser necessário para o nosso consumo nos mostra também uma pessoa honesta que nem há vários tipos de trabalho como o dentista, o professor de doméstica etc.

assim nos dependemos sim do trabalho porque é através do trabalho que sobrevivemos também.

Figura 26 Texto de aluno- continuação figura 25 Fonte: Nascimento 2018

Historia Da Família

Meu Pai se chama Francisco. Miguel de Lima tem 55 anos nasceu no Maranhão no Pira o município de marabá. Aqui ele conheceu a minha mãe que se chama Nete Gomes Pereira quando ele conheceu minha mãe ela morava na vila unido mais os meus avós não queriam que minha mãe casasse com meu pai então eles resolveram fugir juntos moram juntos até hoje tem 6 filhos juntos.

A nossa família é uma família sempre não temos muitos longos minha mãe trabalha na escola com serviço gerais.

Figura 27 Texto de aluno. Fonte: Nascimento

14-05-18

História de vida

Antônia Pereira da Silva nascida
no dia 06-11-77 em São Geraldo do
Araguaia-PA

minha história de vida que mais
me marcou foi a partir dos meus
vinte e cinco anos, quando mudei
para o município de Itupiranga
em agosto de 2003.

Passi por muitas dificuldades, mãe
solteira sem emprego e com quatro
filhos pequenos para criar.
Sem ajuda de ninguém só de Deus.

comecei a trabalhar como cozinheira
mas fazenda mas nem sempre
tinha dinheiro, daí passava a fazer
o serviço muito pesado, enfrentar o
sol do meio dia para não deixar
faltar o alimento na mesa.

mas em julho de 2005 enfrentei
um concurso público, apenas com
a 5ª série muito pouco conhecimento
graças a Deus. passei e hoje tem
doze anos de carreira, como
agente comunitária de saúde na
localidade onde moro. Sufri muito
preconceito por ser mãe ♥ #Judy

Figura 28. Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018

Solteira por uoi' ser mulher todos
 acham que tem direito de te pisar
 remilhar, engapar e que uoi' não
 tem direito de ter nada e nem
 vencer na vida.

Eu uinei o preconceito e dei a
 volta por cima, criei meus filhos
 sem pedir nada a ninguém, eles são
 o meu orgulho. a minha razão de
 viver.

apesar das dificuldades nunca deixei
 de estudar.

concluir o fundamental, fiz o médio
 o magisterio e hoje curso o 3º ano
 de pedagogia.

Valeu a pena.

Obrigado Jesus.

Eu te amo

Aluno: Paulo Amigues da Silva
 Barros

Figura 29. Texto de aluno-continuação figura 28 Fonte: Nascimento 2018

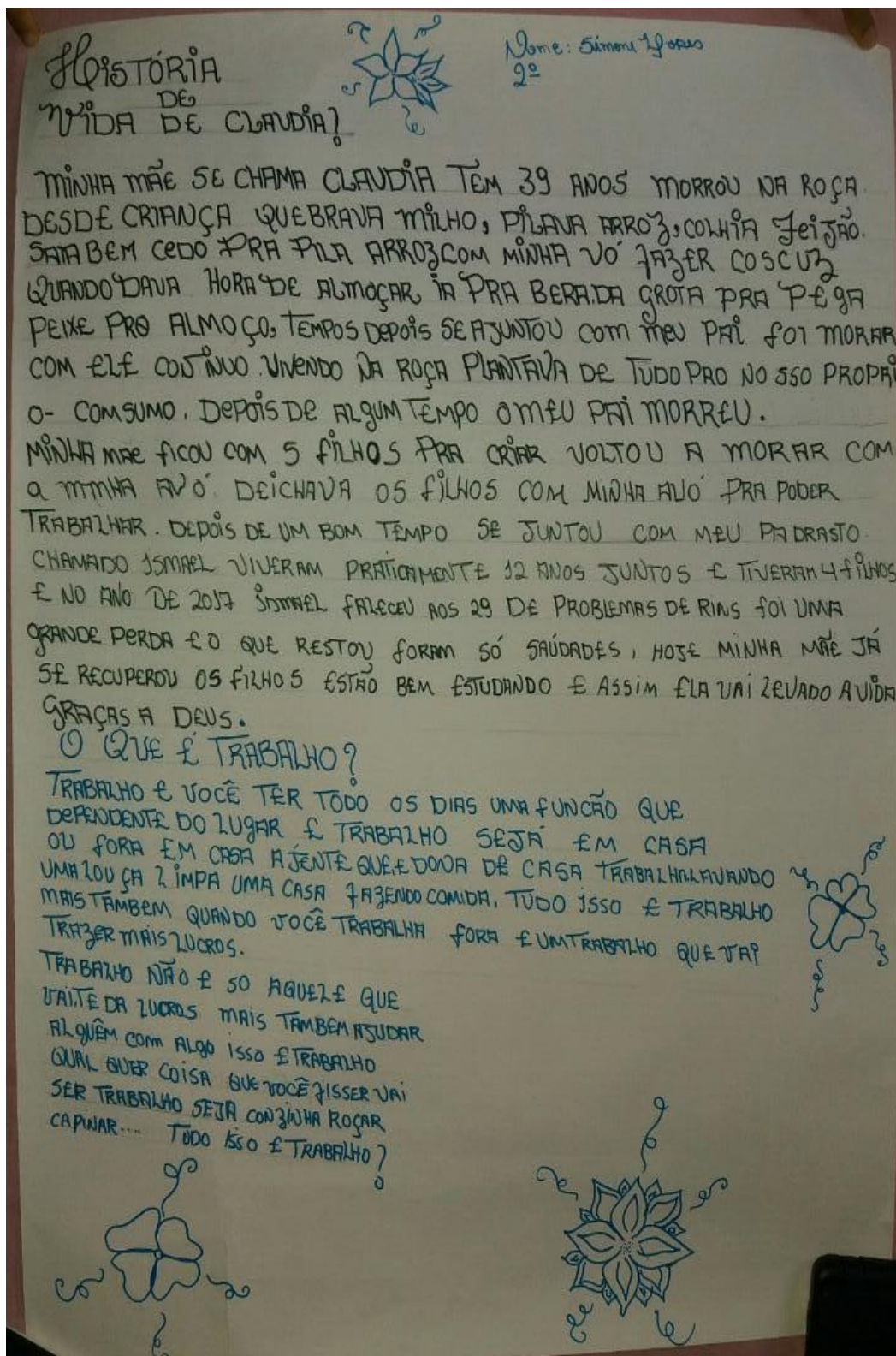


Figura 30. Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018

Aluno: Aldair Lopes Teixeira / Série: 2º ano

A história da minha vida

Olá, meu nome é Aldair, tenho 18 anos e nasci na cidade de Paragominas no estado do Pará.

Meus pais moravam na cidade de Bom Jardim no Maranhão e, no final do ano de 2001 resolveram se mudar pra outro estado, tivemos todos para o Pará, eu com quase 1 ano, o meu irmão com pouco mais de um mês e mais 2 irmãs e 1 irmã, mas esses já eram mais velhos, eu não lembro disso, claro, mas faz parte da minha vida, afinal, foi a partir daí que tudo começou.

Passaram-se 07 anos e chegou o ano de começar a estudar, mas, devido ao difícil acesso a escola, não comecei a estudar aos 7 anos como meus 6 que é a idade certa. Fiz cerca de uns 5 anos estudando na mesma escola, depois mudei e, nessa mudança de escola eu tive que repetir de ano devido a falta de capacidade pra uma série tão alta, se não me falha a memória era a 4ª série, repetei novamente a 3ª série, quando

Figura 31. Texto de aluno. Fonte: Nascimento 2018

cheguei na 5ª série, mais uma vez mudei pra outra que foi a escola Adão Machado isso em 2013, em 2014 de novo mudei de escola, fui pra escola Vêda Carvalho da Silva na Vila Zé do Ônibus, conclui o ensino fundamental em 2016 e, mais uma vez retornei para a Adão Machado da Silva em 2017 pra fazer o ensino médio, pois a escola que eu estudava anteriormente não oferecia o ensino médio. Também tinham as brincadeiras na escola, eu sempre brincava com os meus amigos, nós gostávamos muito de brincar da Bandeirinha, pega-pega, futebol, entre outros.

Atualmente, ajudo o meu pai a cuidar da roça na terra, todos os anos fazemos roça de arroz, mandioca pra fazer farinha, milho, feijão, etc... Também tiro leite e vando pro laticínio, tenho uma renda mensal de uns mil reais, por fim também sou estudante.

Os anos foram os acontecimentos mais importantes da minha vida.

Figura 32. Texto de aluno continuação fig. 31. Fonte: Nascimento 2018